



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO

**PEDAGOGIA DA IMAGEM: A AUTORIA NA RELAÇÃO EDUCADOR /
EDUCANDO DURANTE O PROCESSO DE PRODUÇÃO
DE VÍDEOS NA ESCOLA**

SILVIO RONNEY DE PAULA COSTA

**RIO DE JANEIRO
2014**

SILVIO RONNEY DE PAULA COSTA

**PEDAGOGIA DA IMAGEM: A AUTORIA NA RELAÇÃO EDUCADOR /
EDUCANDO DURANTE O PROCESSO DE PRODUÇÃO
DE VÍDEOS NA ESCOLA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio
de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título
de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Guaracira Gouvêa de Sousa

**RIO DE JANEIRO
2014**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

SILVIO RONNEY DE PAULA COSTA

PEDAGOGIA DA IMAGEM: A AUTORIA NA RELAÇÃO EDUCADOR / EDUCANDO
DURANTE O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE VÍDEOS NA ESCOLA

Aprovado pela Banca Examinadora

Rio de Janeiro, ____/____/_____.

Prof^a. Dr^a. Guaracira Gouvêa de Sousa – UNIRIO
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Adriana Hoffmann Fernandes – UNIRIO
(Examinador interno)

Prof. Dr. Luiz Augusto Coimbra de Rezende Filho – UFRJ
(Examinador externo)

Aos grandes amores da minha vida.
A minha grande incentivadora e esposa Carla
Aigualuza, ao meu pedacinho e filho, Matheus
Aigualuza Costa, a pessoa que formou o meu
caráter e me fez um filho amado, Ana Maria
Francisco de Paula, aos meus irmão Carlos
Alberto Costa Filho (Pithula) e Silvia Jane de
Paula Luz (Silvinha).
E os meus queridos e amados sobrinhos,
Carlinhos e Mariana.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao nosso maravilhoso Deus, que está sempre presente nos momentos que mais preciso, com sua compreensão e amor. Sei que devo este trabalho por sua generosidade e misericórdia, pois, sem ele no meu coração e no controle dos meus passos esta batalha seria perdida.

Não tenho palavras para descrever como fico feliz em ter a professora Guaracira como minha orientadora e mestra. Agradeço por sua paciência e incentivo durante o nosso trabalho de campo e na elaboração da dissertação. Adorei as nossas discussões no Grupo de Pesquisa e não posso deixar de agradecer aos maravilhosos professores; Carmen Irene, Dora (Maria Auxiliadora) e Celso Sánchez, que fizeram dos nossos encontros, um espaço de construção do conhecimento para minha carreira docente e minha vida.

Aos professores do Mestrado, em especial, para os que tive um contato de direto; Prof^a. Dr^a. Angela Maria, Prof^a. Dr^a. Mônica Cerbella Freire Mandarino, Prof^a. Dr^a. Lígia Martha e a Prof^a. Dr^a. Adriana Fresquet (do Mestrado em Educação da UFRJ, onde realizei uma disciplina optativa – Pedagogia dos Cineastas).

Não posso deixar de agradecer ao corpo administrativo do programa, em especial, ao Ricardo Luiz, por seu pronto atendimento e cordialidade.

Aos membros da minha banca examinadora, Prof^a. Dr^a. Adriana Hoffmann Fernandes (professora do Mestrado em educação da UNIRIO) e o Prof. Dr. Luiz Augusto Coimbra de Rezende Filho (coordenador do Programa de Pós-graduação Mestrado e Doutorado do NUTES – UFRJ).

Levanta-te, resplandece, porque vem a tua luz,
e a glória do SENHOR vai nascendo sobre ti;
Porque eis que as trevas cobriram a terra, e a
escuridão os povos; mas sobre ti o Senhor virá
surgindo, e a sua glória se verá sobre ti.
(Isaías 60:1-2)

RESUMO

A Pedagogia da Imagem é hoje uma proposta pedagógica que estabelece relação ativa e criativa entre educador e educando no ambiente educacional, despertando no docente, habilidades e estratégias pedagógicas para construir conhecimento através da utilização de imagens visuais e sonoras como recurso didático, unindo as áreas da Educação, Comunicação, Cinema e Autoria na sala de aula. O presente trabalho analisou e debateu um pequeno recorte da Pedagogia da Imagem no processo de autoria na relação educador / educando durante produções de vídeos documentários científicos que foram realizados na disciplina de ciências em uma turma do nono ano da Escola Municipal Américo Vespúcio, localizada na Região do Lagos do Rio de Janeiro, Brasil. Esta análise se dá inicialmente com o levantamento dos conceitos de autor e autoria. Posteriormente, buscamos entender a relação entre a Educação e Comunicação no cotidiano escolar, que em conjunto com os autores do Cinema contribuíram para identificar possíveis indicadores de autoria na produção de vídeo na escola. Foram realizadas reuniões quinzenais com as equipes de direção, pedagógica e docente, elaborados relatórios de observação, filmagens e uma pesquisa junto aos alunos da turma em estudo, no sentido de obtermos dados sobre suas relações com tecnologias atuais. A partir da análise realizada, observamos que, durante o processo de produção dos vídeos documentários científicos, os alunos atuaram de forma ativa e inovadora dentro e fora do ambiente escolar, colocando em prática os conteúdos ministrados na disciplina de ciências, envolvendo a arte cinematográfica e as tecnologias digitais em suas obras, indicadores de marcas de autoria. Neste estudo de caso, observamos, ainda, que para termos uma relação ativa e autoral na relação educador / educando é necessário o comprometimento docente para proporcionar a este aluno do século XXI, novos espaços educativos que estimulem o aumento do seu repertório, envolvendo em seu planejamento pedagógico, aspectos sociais, culturais e tecnológicos.

Palavras-Chave: Pedagogia da Imagem; Autoria; Relação Educador / Educando; Produção de Vídeos na Escola.

ABSTRACT

The Pedagogy of Image is today a pedagogical proposal establishing relationship active and creative between educator and student in educational environment, awakening in teaching skills and teaching strategies to build knowledge through the use of visual images and sound as didactic resource, uniting the areas of Education, Communication, Cinema and Authorship in the classroom. The present study examined and discussed a small clipping of Pedagogy of the Image in the process of authorship in educator/learner during production of videos scientific documentaries that were made in the discipline of science in a class of the ninth year of Municipal School Américo Vespúcio, located in the Region of the Lakes of Rio de Janeiro, Brazil. This analysis gives initially with the survey of the concepts of copyright and authorship. Subsequently, we sought to understand the relationship between Education and Communication in the school routine, which together with the authors of the Film helped to identify possible indicators of authorship in the production of video at school. Were held fortnightly meetings with the teams of direction, educational and teaching, reports of observation, video footage and a survey for the students of the class in study, in order to obtain data about their relations with current technologies. From the analysis, we observed that, during the process of production of videos scientific documentaries, students acted in an active and innovative within and outside the school environment, putting into practice the content taught in the discipline of science, involving the art of cinematography and digital technologies in their works, indicators of brands of authorship. In this case study, we observed that in order to have a relationship active and authorship in the relationship educator/learner is necessary the teacher involvement to provide the student of this XXI century, new educational spaces that stimulate the increase of her repertoire, involving in its pedagogical planning, social aspects, cultural and technological.

Keywords: Educacion of the Image. Authorship; Relation Educador / Educating; Production of Videos at School.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 01 – Foto 1 da Escola Municipal Américo Vespúcio p.17**
- Figura 02 - Fotos da Reunião no Laboratório de Ciências p.30**
- Figura 03 - Fotos da Reunião com os professores no Laboratório de Informática p.31**
- Figura 04 - Fotos da aula no Laboratório de Informática – Grupos de Pré-produção dos vídeos documentários p.32**
- Figura 05 - Fotos das análises das produções dos alunos e observação dos grupos p.33**
- Figura 06 - Cenas do Filme Belo Monte – desordem e progresso de 2012, dirigido por Cristiano Trad p.74**
- Figura 07 - Cenas do Filme *Boca de Lixo* de 1993, dirigido por Eduardo Coutinho p.75**
- Figura 08 - Cenas de crianças assistindo filmes na escola p.80**
- Figura 09 – Foto 2 da Escola Municipal Américo Vespúcio p.83**
- Figura 10 – Fotos das reuniões com a equipe pedagógica e professores de ciências p.90**
- Figura 11 - Cenas do Vídeo Melhor Vulcão do mundo p.95**
- Figura 12 - Cenas do Vídeo Bomba de Fumaça p.97**
- Figura 13 - Cenas do Vídeo Experiências Químicas: Explosão e Espuma p.101**
- Figura 15 – Imagens da exibição dos vídeos no auditório da escola p.104**

SUMÁRIO

| | |
|--|--------------|
| Apresentação | p.11 |
| Introdução | p.15 |
| Capítulo 1 - Abordagem Teórico-metodológica | p.24 |
| Capítulo 2 – Autoria e Educação | p.34 |
| Contextos históricos do Autor e da Autoria | p.34 |
| O processo de Autoria na Educação e aspectos legais | p.47 |
| Capítulo 3 - Educação e Comunicação na prática pedagógica | p.56 |
| A Educação no Mundo Tecnológico | p.62 |
| Pedagogia da Imagem na sala de aula: Imagem visual e sonora no cotidiano escolar | p.70 |
| Capítulo 4 – Estudo de Caso: Autoria na produção de vídeos na Escola Municipal Américo Vespúcio em Cabo Frio – RJ | p.83 |
| Análise das reuniões com a equipe diretiva, pedagógica e professores de ciências | p.89 |
| Análise da Autoria na Produção dos Vídeos | p.92 |
| a) Análise da Autoria na produção do vídeo “Melhor Vulcão do mundo” | p.95 |
| b) Análise da Autoria na produção do vídeo “Bomba de Fumaça” | p.98 |
| c) Análise da Autoria na produção do vídeo “Experiências Químicas: Explosão e Espuma” | p.101 |
| Considerações | p.104 |

| | |
|--------------------|--------------|
| Referências | p.108 |
| Apêndice | p.112 |
| Anexos | p.140 |

Apresentação

A Pedagogia da Imagem já faz parte do meu cotidiano na sala de aula e realizar uma pesquisa científica dentro da escola é um grande desafio e, ao mesmo tempo, uma grande satisfação. Sou formado em Administração de Empresas, Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) e Matemática, com uma carreira docente entre o Ensino Fundamental do 2º Segmento na rede pública de ensino do município de Cabo Frio e o Ensino Superior nas Universidades Estácio de Sá, Veiga de Almeida e Fundação educacional da Região dos Lagos desde 2004. Sempre utilizo na minha prática pedagógica, a linguagem audiovisual no processo de ensino-aprendizagem e na construção de materiais pedagógicos, que além de estarem disponíveis em bibliotecas e videotecas físicas, também estão disponíveis com livre acesso na internet, tanto nas escolas, quanto nas universidades.

Após concluir em 2002 o Curso de Pós-graduação Lato-Sensu em Docência do Ensino Superior na Universidade Estácio de Sá e, em 2008, o Curso de Pós-graduação Lato-Sensu em Vídeo Científico Educativo na UFRJ, tendo como base nestas formações; a educação como prática de liberdade, segundo os ensinamentos de Paulo Freire (1967), a linguagem audiovisual no processo de ensino-aprendizagem, como afirma Joan Ferrés (1998) e a leitura crítica das imagens no contexto escolar, seguindo as bases dos estudos realizados por Douglas Kellner (1995) e Milton José Almeida (2004).

Estes estudos deram início à inserção da pesquisa acadêmica na minha carreira docente e quando apresentou um artigo no Congresso Internacional “*Pedagogía 2011 – Encuentro por La unidad de los educadores*” em Havana – Cuba, o autor pôde conhecer e entender o trabalho pedagógico realizado na área de Rádio e Televisão do Palácio Central dos Pioneiros “Ernesto Guevara”, um centro de referência nacional para o trabalho de orientação e formação profissional, que tem como missão contribuir para a formação de milhares de crianças, com ênfase na orientação de profissões e ofícios.

Nesta visita técnica em Cuba, observei o importante papel da pedagogia da imagem no processo de construção de autoria do aluno na relação entre professores e técnicos pedagógicos para a produção de vídeos e mensagens de rádio, visando à construção do conhecimento para uma formação cidadã e ética. E diante da sua prática pedagógica docente, da formação continuada e da observação nos métodos de ensino em Cuba, provocou-me o desejo de pesquisar, analisar e debater a autoria na relação educador / educando durante o processo de produção de vídeo na escola.

A minha carreira docente no Ensino Superior iniciou-se em 2007, na Universidade Estácio de Sá - Campus Cabo Frio nos cursos de Pedagogia e Administração de Empresas nas áreas de; Gestão e Negócios, Novas Tecnologias (produção e utilização de recursos audiovisuais em sala de aula), Jornadas Pedagógicas e Visitas Técnicas. Em 2008, foi contratado como docente pela Universidade Veiga de Almeida – Campus Cabo Frio para o curso de Comunicação Social e ministra nas disciplinas; Mídia e Educação, Laboratório de Comunicação e RTVC (Rádio, TV e Cinema). Coordenei o “Projeto Trote Solidário” com a proposta de inserir o aluno calouro ao ambiente do Ensino Superior de forma saudável com atividades que envolvem as áreas de Responsabilidade Social e Sustentabilidade. Em 2009, a convite da Marinha do Brasil e o apoio do Núcleo UFRJ-Mar (localizado Ilha do Fundão – Campus da UFRJ), desenvolvi um Projeto de Pesquisa no 1º Esquadrão de Helicópteros de Instrução, localizado na Base Aérea Naval de São Pedro da Aldeia – RJ. O Projeto de Pesquisa foi realizado com o apoio da Divisão de Instrução de Voo, Divisão de Ensino e a Divisão de Segurança de Voo, cujo objetivo, era implementar na didática docente dos oficiais instrutores a utilização do Vídeo Científico Educativo no processo de formação do aluno aviador naval (piloto de helicóptero). Durante o desenvolvimento do Projeto de Pesquisa dois artigos foram publicados; um na Revista O ConVoo e outro na Revista Marítima Brasileira.

No ano de 2010, foi contratado como docente pela Fundação Educacional da Região dos Lagos para atuar no curso de Administração de Empresas na disciplina Gestão e Elaboração de Projetos, cujo trabalho envolve inserir aluno ao ambiente da Pesquisa Científica, Projetos de Gestão, Mídia (tecnologia e mercado de trabalho), Responsabilidade Social e Sustentabilidade. Ainda neste ano, dois ex-alunos docentes (rede municipal de educação) do curso de produção de vídeo na escola, participaram com dois curtas-metragens (produzidos na escola por seus alunos); no Curta Cabo Frio 2010, na Mostra Geração - Vídeo Fórum 2010 do Festival do Rio e no Festival *Corti a Ponte* (em Ponte San Nicolò na Itália) com as produções “Perigo na Internet” e “Bully O Quê?!?”.

Em janeiro de 2011, participei do *Encuentro por La Unidad de Los Educadores – Pedagogia 2011*, em Havana – Cuba. No encontro, apresentei um artigo científico sobre Pedagogia da Imagem no *Simpósio de Ciências de la Educación*. Em visita técnica ao Palácio dos Pioneiros “Ernesto Che Guevara”, Departamento de Audiovisual do Centro Educacional, fui convidado a participar de uma atividade de TV e Rádio elaborada por um grupo alunos do Ensino Fundamental e, em conjunto com a Coordenação do Departamento e o grupo de alunos, realizamos um projeto de “Rádio na Escola” para o referido do grupo de alunos.

Em 2012, publiquei e apresentei dois artigos ligados a Pedagogia da Imagem, ambos em conjunto com alunos do Ensino Superior, envolvendo teoria, prática e autoria. O primeiro, “Pedagogia da Imagem: Desafios e Paradigmas no Processo Educativo”, no XVII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, promovido pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação, realizado na Universidade Federal de Ouro Preto, em Ouro Preto - Minas Gerais, e o segundo, “Universidade e Escola: a pedagogia da imagem como agente de mudança para uma parceria sustentável”, IV Congresso Internacional Cotidiano – Diálogos sobre Diálogos, promovido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, em Niterói – Rio de Janeiro.

No ano de 2013, apresentei um pôster sobre “A Pedagogia da Imagem como ferramenta pedagógica na divulgação da Pesquisa Científica” no VI Congresso Internacional Euro Americano de Motricidade Humana na Universidad Autonoma Chihuahua no México. O trabalho acadêmico uniu teoria e prática entre a minha pesquisa no Mestrado em Educação da UNIRIO e a pesquisa de Doutorado em Enfermagem e Biociência também da UNIRIO, do Prof. Dr. Carlos Soares Pernambuco no Hospital Universitário Gaffrée e Guinle da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E através do registro de imagens e sons do universo pesquisado, seus sujeitos e os detalhes da interferência acadêmica no objeto pesquisado, o Projeto interdisciplinar, estabeleceu estratégias pedagógicas para produção de vídeos científicos sobre o efeito da acupuntura no condicionamento físico, síndrome metabólica e qualidade de vida na equipe de enfermagem do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, realizado na Clínica de Fisioterapia desta unidade de saúde.

No início de 2014, publicação do artigo “Universidade e Escola: práticas pedagógicas voltadas para as ações sustentáveis” na revista transdisciplinar “Logos e Veritas”, artigo aceito no *9º Congreso de Internacional de Educación Superior - Universidad 2014*, em Havana – Cuba, cujo título é “Universidade e Escola: Práticas Pedagógicas, Pedagogia da Imagem e Ações Sustentáveis” e Comunicação Oral no 11º Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste – Universidade Federal de São João del-Rei, “Pedagogia da Imagem: A autoria na relação educador / educando em processos de produção de vídeos na escola”.

Este cenário profissional apresentado acima reflete o importante papel do corpo docente do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro que, em conjunto com os colegas da turma de 2012, puderam contribuir para o meu desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional. Vivemos momentos de muito estudo,

dedicação, aflição, cansaço, choro e alegrias para desenvolver os nossos projetos acadêmicos que fazem parte da nossa vida, do nosso trabalho e do nosso futuro. Aprendi que além de sonhar uma educação inclusiva e de qualidade, tenho que transformar este sonho em muito trabalho, planejamento e sensibilidade com os meus alunos. Amei cada encontro presencial no Mestrado, fiquei impressionado e admirado com o corpo docente durante o curso e vivi momentos inesquecíveis nos debates e nas apresentações dos meus poucos colegas e muitos amigos da turma 2012.

Introdução

A união entre teoria e prática no processo de aprendizagem é fundamental para que o aluno tenha autonomia e dê início ao processo de formação do sujeito autor, criador ou construtor da sua autoria no ambiente educacional. E, através da minha caminhada docente no Ensino Fundamental, Médio e Superior, os estudos nas disciplinas para fundamentar o projeto de pesquisa do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e os sábios ensinamentos da minha orientadora Prof^ª. Dr^ª. Guaracira Gouvêa, busquei respostas para algumas perguntas aqui formuladas que estão diretamente ligadas ao processo de construção da autoria na relação educador/educando durante a produção de vídeos documentários científicos nas aulas da disciplina de ciências da turma 900, com trinta e nove alunos durante o período do primeiro e segundo semestre de 2013 na Escola Municipal Américo Vespúcio, localizada no Município de Cabo Frio, Região dos Lagos do Estado do Rio de Janeiro.



Figura 01 - Foto 1 da Escola Municipal Américo Vespúcio

Primeiramente, para realizar esta pesquisa no ambiente educacional, devemos compreender o que é este novo conceito pedagógico denominado por alguns autores como “Pedagogia da Imagem”, ou seja, a habilidade do professor compartilhar o conhecimento e debater os conteúdos disciplinares através de imagem visual, sonora ou audiovisual na sala de aula com os alunos.

Para ratificar este novo conceito, a professora Anita Leandro, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro afirma em seu artigo que:

Ao informar um conteúdo, essa imagem tem que ser capaz de estimular intelectualmente o espectador através da forma, do estilo. As lições de

pedagogia das imagens não poderiam se restringir a um conteúdo ético. O aprendizado com imagens exige também revoluções formais. Não chegaremos, por exemplo, a produzir filmes e vídeos de aprendizagem que mereçam este nome se não nos inserirmos na própria história das imagens em movimento, procurando no cinema, que veio bem antes do vídeo, lições de imagem e de som. (2002, p.32)

Segundo a autora, estas imagens devem estimular intelectualmente os alunos para que sejam realmente pedagógicas, ou seja, que possam criar espaços para análise e discussão e, conseqüentemente, a construção do conhecimento com uma relação dialógica entre educador e educando. Mas, infelizmente quando nos deparamos com a utilização de imagens (visual, sonora e audiovisual) no ambiente educacional, percebemos que muitos docentes não se preocupam com o universo (social, cultural, educacional e tecnológico) que compõe estas imagens, sem o mínimo conhecimento das práticas de leitura das imagens e um planejamento pedagógico que proponha reflexão crítica destas imagens que são exibidas.

Diante desta realidade no cotidiano escolar, destacamos o importante do papel docente dentro deste contexto contemporâneo, que envolve diretamente a aprendizagem do aluno e a utilização de ferramentas tecnológicas como instrumento de ensino na prática pedagógica. E para entendermos melhor este contexto a professora Tereza Cristina Jordão¹, nos relata que:

[...] é vital para o professor entender a forma como o aluno de hoje aprende, e se preparar para utilizar estratégias que tornem a aprendizagem prazerosa e significativa.

As tecnologias digitais são, sem dúvida, recursos muito próximos dos alunos, pois a rapidez de acesso às informações, a forma de acesso randômico, repleto de conexões, com incontáveis possibilidades de caminhos a se percorrer, como é o caso da internet, por exemplo, estão muito mais próximos da forma como o aluno pensa e aprende.

Portanto, utilizar tais recursos tecnológicos a favor da educação torna-se o desafio do professor, que precisa se apropriar de tais recursos e integrá-los ao seu cotidiano de sala de aula.

E somente formações que permitam reflexão crítica, planejamento e, acima de tudo, a vivência da aplicação das estratégias envolvendo as tecnologias digitais com os alunos, durante o processo de formação, podem trazer benefícios para a educação. (2009, p.10)

Este novo cenário para educação, que alia os conteúdos das disciplinas com a leitura e produção de imagens na sala de aula para formar alunos críticos e reflexivos, cria um novo ponto de investigação no ambiente educacional sobre a autoria na relação educador e

¹ Professora da pós-graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora - MG e da Faculdade Trevisan. Consultora do MEC e sócio-fundadora do Instituto Paramitas

educando para a produção de materiais audiovisuais na escola, em especial, na produção de vídeos na escola, que é o objeto de pesquisa deste trabalho acadêmico. Onde o aluno também passa a ser autor e a sala de aula é transformada em um ambiente interativo, deixando de lado o espaço exaustivo, sem novidades, sem desejos e sem descobertas, para um ambiente ativo, de criatividade, inovação e autoria.

Mas infelizmente não é esta a realidade que prevalece na educação brasileira (principalmente nas escolas públicas municipais e estaduais), a educação não consegue acompanhar esta evolução e sua estrutura formal reflete ainda a modalidade do professor como o único emissor da mensagem, tendo ele ainda, o papel prioritário na ação comunicativa, tendo o aluno como receptor passivo e, os instrumentos tecnológicos como apoio, ou não, para transmissão do conhecimento e/ou informação. Vamos voltar um pouco no tempo e verificar que na década de oitenta, Paulo Freire já criticava a necessidade de uma relação mais ativa e comunicativa entre o educador e educando no processo educacional para favorecer a produção do conhecimento.

O que mudou hoje em pleno século XXI? Como podemos definir esta relação comunicativa entre o educador e o educando, para que este seja autor e produtor do conhecimento? A tecnologia facilita os processos de informação e, a construção de novos modelos de negócios gera a necessidade de uma educação que tenha um relacionamento direto com Comunicação? A sociedade necessita de cidadão críticos, reflexivos para construção de um mundo sustentável² (tecnológico, cultural, ético, econômico e responsável socialmente) para que as gerações futuras usufruam dos recursos naturais que temos hoje, será que a educação consegue formar (educar) este cidadão? Estas são perguntas que afligem a educação e que muitos pesquisadores da academia tentam responder, uns totalmente pessimistas e, outros ainda, conseguem ver uma luz no fim do túnel.

A sociedade do século XXI vivencia mudanças cada vez mais rápidas, impulsionada pelos processos da revolução tecnológica e o acesso às informações em um ambiente aberto e globalizado, e, diante deste novo modelo “social-tecnológico”, a educação não deve ficar atrelada aos moldes tradicionais de ensino, e sim, pesquisar alternativas pedagógicas para acompanhar este novo aluno que domina as técnicas dos novos equipamentos audiovisuais,

² Esta necessidade social ampara-se na Lei 9.795 de abril de 1999 - Capítulo I – Da educação Ambiental, artigo 1º descreve o seguinte texto “Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade”. A educação deve trabalhar os aspectos da Lei através de conteúdos transversais, interdisciplinares e transdisciplinares, envolvendo a escola, a sociedade civil e a sociedade empresarial.

que produzem páginas na internet, músicas, vídeos e etc. Pesquisar este novo conceito autoral na relação educador/educando durante a produção de vídeo documentários científicos dentro de uma escola municipal, abrirá um grande debate e análise para se pensar uma escola, que respeite as diferenças culturais, a tecnologia com instrumento de construção do conhecimento e o aluno também como autor nesta relação do processo educativo.

Este ato de re-criar, criar, construir ou produzir no ambiente educativo gera segundo Freire, um aluno crítico e reflexivo no espaço educativo, o distanciado da grande massa manipuladora e do bombardeamento midiático imposto pelo sistema capitalista de consumo. E a partir desta construção do conhecimento ou ato de re-criar, entre educador e educando, o ser passivo passa a ser autor, e construtor da sua obra ou autoria.

O aluno-autor, quando realmente capacitado por meio de práticas educacionais adequadas, tem condições de assumir uma postura responsável pelo texto que se encontra sob o seu nome, adotando, assim, uma conduta autônoma frente à sua produção, exercendo com audácia o ato de criação. É, pois, necessário que se repense como construir práticas educacionais que promovam a autoria do aluno. (RICARDO, VILARINHO, 2006, p.70)

Os autores acima nos relatam “práticas educacionais adequadas” para que o aluno assuma uma postura responsável e para que ele seja criativo e construtor. Será que o nosso ambiente educativo proporciona práticas educacionais adequadas? E na busca de respostas que formulam este novo cenário que surge na educação e no processo de autoria, este projeto de pesquisa, analisou, debateu e levantou dados qualitativos sobre o processo de autoria na relação educador e educando, durante o processo de produção de vídeo na escola, através de uma pesquisa *in loco* na Escola Municipal Américo Vespúcio, do 2º Segmento do Ensino Fundamental do Município de Cabo Frio.

O Projeto contou com o apoio da Divisão de Informática Educativa - Núcleo de Tecnologia Educacional Municipal e da Secretaria Municipal de Educação para que através da análise e dos dados coletados, a equipe pedagógica municipal possa conhecer melhor esta relação de autoria e propor alternativas que visem a fazer da escola um ambiente democrático para a formação crítica, ética e reflexiva. E os resultados da pesquisa poderão contribuir para indicar possíveis caminhos para termos uma educação mais ativa na construção do conhecimento e na relação de autoria entre professores e alunos, visando transformar a sala de aula em um ambiente prazeroso, de troca e inovação.

A pesquisa teve como foco inicial autores que são referência nas áreas; da autoria, educação, comunicação e cinema para o embasamento teórico, metodológico e bibliográfico.

Na pesquisa de campo, busquei dados qualitativos através de reuniões com a equipe diretiva, pedagógica, professores da escola, pesquisa qualitativa aplicada nos alunos, observação e filmagens dos métodos de ensino nas salas de aula e nos laboratórios da escola. Os registros de campo foram fotografados, filmados e transcritos em relatórios semanais elaborados em conjunto com a minha orientadora, professora Guaracira Gouvêa. E, seguindo suas orientações para obter dados qualitativos no objeto de pesquisa, foi realizada uma pesquisa qualitativa através de um questionário, aplicado nos alunos da turma 900 para analisar aspectos familiares, culturais, tecnológicos e a relação do aluno com a escola e com os professores diante das práticas pedagógicas, linguagem audiovisual e produção de vídeos.

Este questionário foi elaborado no início do primeiro semestre de 2013 durante a disciplina optativa **“Construção de Instrumentos de Pesquisa: Questionários e Entrevistas”**, oferecida pelo Mestrado em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e ministrada pela Prof.^a Dr.^a Mônica Cerbella Freire Mandarino, tendo como base os autores; BABBIE (1999), BONAMINO (1999), BOURDIEU (1989), FRANCO (2003), FERNANDES (2003), SOARES (2003), BELTRÃO (2003), BARBOSA (2003), ALVES (2003), GÜNTHER (2006), LAKATOS e MARCONI (1991), SANTOS FILHO e GAMBOA (2009). Durante as palestras, debates e análises de textos, cada aluno do Mestrado construiu o seu questionário e o pré-testou inicialmente com o grupo de alunos da própria disciplina, buscando analisar as perguntas e opções de respostas. Nesta etapa foram realizadas muitas contribuições da turma (dos alunos do Mestrado), tendo uma análise final da Prof.^a Dr.^a Mônica Mandarino.

Compreender o papel da escola neste novo cenário e propor novos espaços educativos que envolvam uma formação docente consciente da sua responsabilidade para desenvolver uma pedagogia crítica sobre as imagens audiovisuais digitais e suas complexidades também faz parte deste trabalho dissertativo.

Analisar e debater esta relação de autoria no ambiente educacional entre professor e aluno para formar cidadãos críticos, éticos, reflexivos e também responsáveis socialmente na sua região é o grande desafio da educação. E para melhor compreensão de leitores e pesquisadores, o processo de construção deste trabalho científico foi dividido em quatro capítulos.

No Capítulo 1, os principais autores das áreas; da Educação, Comunicação, Cinema e Autoria compõe a Abordagem Teórico- Metodológica para fundamentar o conteúdo escrito da dissertação e direcionar as fases metodológicas que envolveram a elaboração do projeto de pesquisa e a coleta de dados no objeto de pesquisa. A partir dos autores, definimos estratégias

pedagógicas para unir quatro grandes áreas do conhecimento em um projeto de pesquisa que buscou debater e analisar o processo de autoria na relação educador / educando durante o processo de produção de vídeos documentários científicos que fez parte do Projeto “Documentários Científicos: Curta esta Ideia!” da disciplina de ciências da Escola Municipal Américo Vespúcio.

O planejamento do material escrito e o processo de levantamento de dados na escola durante as fases de pré-produção, produção e finalização dos vídeos, foram desenvolvidos através de pesquisas bibliográficas e reuniões de planejamento com a minha orientadora Prof^a. Dr^a. Guaracira Gouvêa durante as disciplinas de Seminários de Dissertação do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro para definir estratégias de pesquisa envolvendo teoria e prática no processo de ensino-aprendizagem, tendo a Pedagogia da Imagem como ferramenta pedagógica para identificar a autoria na relação educador / educando durante a produção de vídeos na escola.

O Capítulo 2 aborda inicialmente os contextos históricos do Autor e da Autoria e a linha historiográfica, a partir dos autores; Foucault, Chartier, Bakhtin e Faraco. Segundo estes autores, conhecer a construção histórica do autor e da autoria, que teve indícios no século XIV e o início da autoria no século XVI, com montagem de diversos textos reunidos e encadernado em um livro impresso, onde cada caderno tinha uma assinatura e o conjunto destas assinaturas era designado registro. No século XVIII a assinatura passa a receber o significado de autoria de um texto ao nome de um autor individual. No ano de 1710 criam-se aspectos jurídicos para resguardar os direitos de propriedade do autor perante às casa editoriais, propiciando um sistema moderno de propriedade autoral.

O processo de Autoria na Educação e aspectos legais, onde neste processo iremos discutir a relação de autoria na educação e como estes agentes (professores e alunos) se consideram autores no ambiente educacional, um assunto ainda pouco discutido na escola e na academia. Para Chartier, existe “uma ligação exclusiva e determinante entre o sistema de propriedade que caracteriza as sociedades modernas e a construção do autor como princípio fundamental para a identificação de certas classes de discurso” (2012, p.43), o autor não fala diretamente para a educação, mas, nos orienta para a atenção que devemos ter com o novo cenário que surge na escola através dos alunos nativos digitais da sociedade moderna, uma educação familiar menos protetora e mais independente e a tecnologia como agente transformador no ambiente educacional. E achamos importante discutir aspectos da Lei nº 9610/98 de fevereiro de 1998, regula os direitos autorais em obras audiovisuais produzidas dentro e fora da escola.

No Capítulo 3, discutiremos algumas abordagens sobre a Linguagem audiovisual para entendermos como a relação entre Educação e Comunicação se desenvolvem na prática pedagógica do cotidiano escolar e, a partir delas, como surge à figura do autor no ambiente educacional. O quanto a Comunicação, enquanto área do conhecimento está cada dia mais presente na Educação, através de recursos pedagógicos que utilizam; revistas, jornais, rádio, televisão, cinema e mídias digitais na sala de aula, visando proporcionar ou não para os alunos uma leitura crítica e reflexiva sobre a comunicação de massa e o consumo de produtos descartáveis e supérfluos.

O professor Ismar de Oliveira Soares, Coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo e precursor na linguagem que envolve a Educomunicação no país, descreve um pouco sobre este relacionamento entre as áreas da Educação e da Comunicação. E ao democratizar e produzir na sala de aula estes meios de comunicação, envolvendo também outros atores humanos, a professora Rosa Maria Bueno Fischer concorda com Soares e, segundo a sua linha de pesquisa, nos ensina que esta ação pedagógica amplia o repertório intelectual deste aluno, preparando-o para uma formação ética, estética e cidadã. E diante desses desafios acima citados para uma formação de qualidade que entenda a linguagem audiovisual como importante ferramenta pedagógica para compreendermos a nova oralidade de imagens e sons, o professor Milton José de Almeida, coordenador do Laboratório de Estudos Audiovisuais – Olho, da UNICAMP e docente da Faculdade de Educação, nos faz entender que:

O caráter de mediação que a escrita tem em relação à oralidade, a necessidade de leitura, decodificação, interpretação, entendimento refletido pela inteligência, a pouca tensão corporal de seus signos gráficos fazem com que a leitura seja um momento de possível reflexão, de inteligibilidade plural no mundo, de dúvidas e questionamentos, de identificação simbólica com o autor, de contiguidade ou distanciamento político, de tempo de decisões e ensinamento. A materialidade da escrita permite uma acumulação de história e, portanto, uma visão escrita dessa história. A materialidade da fala permite uma dissipação de história, um fazer oral constante, não-cumulativo, sempre presente, uma não-sistematização e portanto um caos de verdades presentes numa só pessoa, principalmente naquelas que não foram imersas na escrita. (2001, p.44)

O autor nos remete a oralidade com dimensão global, a qual produz uma cultura transmitida em imagens e sons que não mais opõe uma fala ou uma escrita, uma nova oralidade que implica inteligência reflexa, espetacular e mecânica, a partir das informações dos meios de comunicação de massas.

Neste capítulo falaremos sobre a Pedagogia da Imagem na sala de aula e o importante papel da utilização correta da imagem visual e sonora como ferramenta pedagógica no ambiente educacional. O Cinema no cotidiano escolar como um instrumento de saber, diversão, inovação e transformação na escola. E como os alunos se tornam autores, diretores e produtores de obras relacionadas aos conteúdos aprendidos na sala de aula unindo conhecimento, arte, imagem em movimento, som, luz, efeitos, dramaturgia, personagem, figurino, cenários, locações, interpretações, edição e trabalho em grupo.

No estudo dos dispositivos tecnológicos que proporcionam a Pedagogia da Imagem no contexto estético, Dubois afirma:

Em suma, a questão mimética da imagem não é sobredeterminada pelo dispositivo eletrônico em si mesmo. É um problema de ordem estética, e todo dispositivo tecnológico pode, com os seus próprios meios colocar em prática a dialética entre a semelhança e dessemelhança, entre analogia e defiguração, entre forma e informa. E esse próprio jogo diferencial e modulável é a condição da verdadeira invenção em matéria de imagem: a invenção essencial é sempre estética, nunca técnica. (1999, p.78)

Dubois nos ensina, que todo aparato técnico não forma a essência da obra ou filme, e sim, uma composição que envolve os detalhes da imagem visual e sonora, para que juntas, possam estar em harmonia estética. Os instrumentos de captação de imagem e som no ambiente escolar geralmente despertam no aluno o desejo de interagir e participar do processo de construção e utilizar estes recursos audiovisuais para serem interpretados, analisados e discutidos como uma obra aberta para dúvida, percepções e diálogo. Estes fatores são fundamentais para formar a Pedagogia da Imagem no contexto escolar como uma importante ferramenta pedagógica na relação educador / educando para uma leitura crítica das imagens e sons.

O cinema faz parte do cotidiano escolar, sendo o precursor da linguagem audiovisual na escola e, quando utilizado como proposta pedagógica para auxiliar na relação conteúdo, aprendizagem e construção do conhecimento, o seu papel de não trazer a fórmula pronta se cumpre e sua utilização se justifica. Mas quando utilizado para preencher espaços vazios e reproduzir as mídias de consumo, perde-se a oportunidade de criar no aluno, o senso crítico para a leitura das imagens e a compreensão de valores morais, culturais e sociais.

No Capítulo 4 - apresentaremos o objeto de pesquisa, seus agentes e as análises do processo de autoria na relação educador / educando que foram registradas durante as produções dos vídeos documentários científicos produzidos na Escola Municipal Américo

Vespúcio em Cabo Frio – RJ. Nesta análise vamos conhecer o espaço físico da escola, os sujeitos da pesquisa (sujeitos diretos; professor, aluno e os sujeitos indiretos; diretor da escola, supervisor pedagógico, coordenador da Divisão de Informática Educativa - Núcleo de Tecnologia Educacional Municipal e os multiplicadores tecnológicos da sala de informática educativa), as condições materiais pedagógicas, a análise da pesquisa qualitativa que foi aplicada nos alunos da turma 900, a relação ensino-aprendizagem através da linguagem audiovisual na sala de aula e nos laboratórios, a construção do processo de autoria na relação educador / educando, a pré-produção, produção e finalização dos vídeos dos alunos da escola em conjunto com a análise dos relatórios de observação, reunião e filmagem.

Capítulo 1 - Abordagem Teórico-Metodológica

Uma nova tecnologia de comunicação surge a cada dia, minuto e segundo. E estes novos equipamentos, *home pages*, jogos e softwares invadem as escolas como moda e novidade, distanciando cada vez mais o diálogo entre educar e o educando. A inspiração para construção de uma pedagogia da imagem voltada para prática de liberdade, autoria, saberes diferentes e diálogo, segue os ensinamentos da metodologia educativa transformadora de Paulo Freire. E além de direcionar a abordagem teórico-metodológica, seus estudos proporcionam uma linguagem harmônica entre os outros autores das áreas que fundamentam o Projeto de Pesquisa.

O aprendizado da tecnologia e compreensão da leitura das imagens nas diferentes mídias não se faz somente na teoria ou no abstrato, mas em contexto, na busca de um objetivo concreto que será utilizado no processo de ensino-aprendizagem. Este trabalho em grupo nos revela uma educação como prática de liberdade que nos apresenta uma reformulação do nosso agir comunicativo, na busca de uma educação que proporcione possibilidades para que o educando atue, modifique e transforme sua própria realidade, como afirma Paulo Freire.

Segundo Philippe Perrenoud, a educação deve estabelecer um novo contrato didático “em uma pedagogia das situações-problema, o papel do aluno é implicar-se, participar de um esforço coletivo para criar um projeto e construir, na mesma ocasião, novas competências” (1999, p.65). Para colocar em prática este novo contrato didático de Perrenoud, devemos proporcionar para este aluno um ambiente educacional mais próximo da sua realidade, com ações pedagógicas que envolvam o processo de autoria na relação entre o professor e o aluno. E para melhor definir as características do autor, Foucault descreve que:

É antes o resultado de uma operação complexa que constrói um certo ser racional a que chamamos autor. Provavelmente, tenta-se dar a este ser racional um estatuto realista: seria no indivíduo uma instância “profunda”, um poder ‘criador’, um “projecto”, o lugar originário da escrita. (2002, p.50)

Apesar de serem de áreas distintas da educação os autores trazem esta operação complexa (autoria na educação) para analisarmos o cotidiano escolar e, nesta perspectiva observamos uma proximidade entre a fala de Perrenoud e o processo de construção do autor descrito por Foucault. Unindo-se a estes aspectos fundamentais, entender este aluno e estabelecer um diálogo mais próximo para compreender a cultura local e desenvolver um

trabalho coletivo que estimule a autoria. Hoje sabemos que este trabalho coletivo e a figura do autor está amparado na Lei 9.610/98, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. A Lei define bem a figura do autor e consolida os direitos das partes envolvidas na obra audiovisual, objeto de estudo e pesquisa do trabalho de campo. Em harmonia com a figura do aluno autor, Paulo Freire assim se expressa:

Daí a necessidade de uma educação corajosa, que enfrentasse a discussão com o homem comum, de seu direito àquela participação. De uma educação que levasse o homem a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço. A da intimidade com eles. A da pesquisa ao invés da mera, perigosa e enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das suas condições mesmas de vida. (1967, p. 93)

Em ensaio sobre *Imagem e Formação de Professores*, a pesquisadora Prof^a. Guaracira Gouvêa nos revela que “as formas de olharmos as relações sujeito e objeto, emissor e receptor, autor e leitor, professor e aluno foram modificando-se, transformando-se, colocando-nos indagações frente às práticas sociais como comunicar e educar” (2006, p.2). E estas transformações devem despertar um novo olhar na formação docente, visando capacitar este profissional para uma sala de aula cada vez mais heterogênea, multicultural e tecnológica.

A Prof^a. Anita Leandro, que ministrava a disciplina Pedagogia da Imagem no Laboratório de Comunicação do NUTES/UFRJ e atualmente é docente da Escola de Comunicação da UFRJ, afirma em seu artigo que, “uma imagem que justifique sua inserção num contexto de aprendizagem deve ser capaz de provocar um questionamento ao mesmo tempo ético e estético (2001, p.32)”. O audiovisual não deve ser utilizado na sala de aula para preencher espaços vazios, sem um prévio planejamento pedagógico que justifique sua utilização. As imagens devem ter completa relação com o conteúdo disciplinar e propor o aumento do repertório no ambiente educacional, ampliando as possibilidades de estabelecer relação, segundo os estudos da professora Rosa Maria Bueno Fischer.

A escola deve proporcionar aos alunos e professores, estratégias pedagógicas que permitam o desenvolvimento dos conteúdos através de novas metodologias de ensino com o apoio de recursos tecnológicos que estimulem a construção do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades necessárias para o crescimento intelectual. E segundo José Manoel Moran, “a educação precisa incorporar mais as dinâmicas participativas como as de autoconhecimento (trazer assuntos próximos à vida dos alunos), as de cooperação (trabalhos de grupo) e as de comunicação (como o teatro ou a produção de um vídeo)” (1994, p.235).

No processo de ensino e aprendizagem a linguagem didática da tecnologia audiovisual deve ser adequada para realidade social do aluno, segundo o professor de Comunicação Audiovisual Joan Ferrés e, neste mesmo livro, *Para uma Tecnologia Educacional*, a professora Juana M. Sancho enfatiza a necessidade de conhecer e avaliar as tecnologias da informação e comunicação disponíveis nos ambientes de socialização. Revela a importância da autoria no ambiente educacional e segundo ela:

A utilização de diferentes canais permite que os professores levem em consideração os diferentes estilos cognitivos. A multimídia estimula a exploração, a auto-expressão e um sentido de propriedade quando permite que os estudantes manipulem os componentes. Os ambientes multimídia ativos favorecem a comunicação, a cooperação e a colaboração entre o professor e os alunos. A multimídia torna a aprendizagem estimulante, atraente e divertida. (1998, p. 45)

A educação no olhar busca soluções pedagógicas no sentido multidisciplinar e rompe a compartimentação de saberes, fazendo circular informações e saberes entre docentes e discentes para propiciar a construção do conhecimento entre ambos. O pesquisador e coordenador do Laboratório de Audiovisual da Unicamp, professor Milton José de Almeida (2004), defende que o audiovisual é uma das possibilidades de construir o saber através de uma reflexão crítica no ambiente escolar para que possa reescrever a cultura de seu tempo. E para ratificar as pesquisas que foram realizadas por Almeida no ambiente educacional, a professora Maria Helena Silveira, nos ensina no seu artigo que:

A educação audiovisual resulta de uma conexão sutil entre participação e crítica, juntando fruição e reflexão. Pensar em repassar ao estudante os termos técnicos quanto a pessoas, equipamentos, locais em que se produzem as peças de cinema, TV ou vídeo e em prepará-lo, para usar o jargão da crítica, pode parecer ensinamento, mas não será aprendizagem. O "glossário" se irá constituindo, na sequência dos trabalhos de apreciação e análise e ao produzir textos que deem conta das reflexões. (1998, p.162)

Proporcionar esta conexão sutil no cotidiano escolar faz parte dos nossos desafios que envolvem a prática docente onde, nós docentes, devemos nos apropriar da tecnologia como suporte para o desenvolvimento intelectual do aluno e o instrumento que o levará a análise crítica, reflexões e autoria.

Nesta perspectiva metodológica, a professora e pesquisadora Vera Maria Candau, nos propõe um grande desafio para escola, no sentido de reinventarmos a sua estrutura para uma

relação com a articulação de igualdade e diferença, sendo uma questão fundamental de cidadania. Segundo ela:

O impacto dos meios de comunicação de massa e, particularmente, da informática está revolucionando as formas de construir o conhecimento. E estas formas estão chamadas a se multiplicar nos próximos anos. Por outro lado, a cultura escolar está impregnada pela perspectiva do comum, do aluno padrão, do “aqui todos são iguais”. No entanto, as escolas estão cada vez mais desafiadas a enfrentar os problemas decorrentes das diferenças e da pluralidade cultural, étnica, social, religiosa, etc., dos seus sujeitos e atores. (2005, p.14)

A autora debate sobre a pluralidade cultural que encontramos no cotidiano escolar e nos alerta sobre um caminho sem volta para uma educação audiovisual tendo os meios tecnológicos como um grande aliado para uma formação crítica das mídias, dando segmento aos ensinamentos de Silveira. E neste contexto o filósofo Pierre Lévy, um grande incentivador da inteligência coletiva, afirma que o docente deve propiciar a aprendizagem e o conhecimento na sua prática pedagógica e segundo ele, “os professores aprendem ao mesmo tempo em que os estudantes e atualizam continuamente tanto os seus saberes “disciplinares” como as suas competências pedagógicas” (1999, p.171).

Este trabalho coletivo na escola dentro da linguagem audiovisual tem o cinema como grande agente no processo de ensino-aprendizagem, em particular, o cinema documentário, que possui um caráter voltado para as questões sociais, políticas e de problemas cotidianos de uma sociedade, proporcionando para os alunos a oportunidade de conhecer a realidade, cultura, inovações, belezas e geografias de uma comunidade, região ou país. Os professores podem utilizar estratégias pedagógicas que valorizem os seus conteúdos disciplinares e conhecimento do aluno de outras disciplinas. Como afirma a professora e pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Laura Maria Coutinho:

Ao professor cabe escolher, aceitar indicações. Toda escolha pressupõe critérios, desejos, metas. Filmes são plenos de sentidos, carregam com eles uma multiplicidade infinita de significados. Oferecem à educação muito mais do que apenas conteúdos a serem discutidos. Assim, sempre, podem extrapolar os currículos.

Podemos ver o cinema como linguagem e cada filme em particular como a expressão de um espaço-tempo. Cada filme pode ser tomado como uma alegoria de um espaço-tempo. Filmes carregam em si um momento na história, uma temporalidade, embora aconteçam sempre no tempo presente da projeção.

O professor, ao ir em busca dos filmes, vai em busca de uma linguagem. Linguagem que carrega, em cada expressão fílmica, múltiplos sentidos. E

precisa ser vista sempre com olhos do presente. Pensamos que o papel de um professor que traz para sua sala de aula um filme é o de construir novos sentidos a partir de uma obra completa, mas nem por isso fechada. É leitura, o visionamento que permitem, a partir daí, a busca de novos sentidos. Nessa acepção, a tarefa de professor pode se aproximar da tarefa do tradutor. (2009, p.6-7)

Esta tradução da linguagem audiovisual para uma visão crítica e autoria dos alunos no processo de aprendizagem apontada por Coutinho, ganha força na proposta de Muniz Sodré, que no seu último livro propõe a reinvenção da educação. Tendo o cinema como fonte poderosa de valores dentro da educação, segundo ele:

O fato é que desde fins da primeira metade do século passado, no bojo da transição do paradigma industrial (caracterizado pela tecnologia de motores) para o paradigma informacional (tecnologia eletrônica), o espaço público passou a ser progressivamente absorvido pelas indústrias de conteúdos culturais, com uma conexão apenas remota com o sistema educacional. Mas durante a maior parte do século XX a indústria cinematográfica funcionou como importante meio de educação heterodoxa, crescendo em influência socializante na razão inversa do declínio progressivo da autoridade familiar, eclesíastica e escolar. O cinema tem sido reconhecidamente uma fonte poderosa de valores e modelos de comportamento. (2012, p. 170)

Sodré (2012), cita um importante fato social que tem transferido cada vez mais para o cotidiano escolar, fazendo da escola uma bússola para solução dos problemas que ocorrem diante das transformações tecnológicas e sociais. Mesmo assim, a escola diante de grandes desafios, deve manter-se viva e proporcionar para este aluno o caminho para o desenvolvimento social, intelectual e profissional. E aliado a este fato social, Anísio Teixeira afirma que:

[...] os novos recursos tecnológicos e os meios audiovisuais irão transformar o mestre no estimulador e assessor do estudante [...] cabe-lhe, com efeito, ensinar ao jovem aprendiz a aprender os métodos de pensar das ciências físico-matemáticas, biológicas e sociais, a fim de habilitá-lo a fazer de toda a sua vida em uma vida de instrução e estudos. (1969. P.156)

Teixeira quebra o paradigma da escola tradicional e nos orienta para um novo modelo pedagógico, onde os meios e recursos audiovisuais transformam o mestre (o professor) em um facilitador para aprendizagem, compartilhando a sua autoria e proporcionando para este aluno uma participação ativa no processo educacional, o caminho da autoria, instrução e dos estudos.

E diante deste novo cenário no ambiente educacional e o auxílio de grandes autores das áreas; da Educação, Autoria, Comunicação e Cinema, o Projeto de Pesquisa analisou, pesquisou e discutiu a autoria na relação educador/educando através de metodologias de ensino que uniram teoria e prática no cotidiano escolar. Foram realizadas pesquisas em bibliotecas físicas e virtuais; reuniões mensais com a equipe de formação do Núcleo de Tecnologia Educacional Municipal de Cabo Frio; pesquisa quantitativa (questionários) aplicada aos alunos envolvidos na produção de vídeos documentários; pesquisa de campo nas salas de aula, Laboratórios de Informática e Laboratório de Ciências; registro teórico de observação de aulas teóricas e práticas; registro fílmico das aulas teóricas e práticas nas produções dos vídeos documentários. Todos os dados (questionário, relatórios de campo, reuniões e filmagens) da pesquisa foram analisados para traçar o perfil do aluno e do professor no contexto da autoria na relação destes sujeitos durante as produções de vídeo no ambiente escolar.

Este processo metodológico envolveu inicialmente um planejamento minucioso das ações do projeto de pesquisa, com o primoroso trabalho de orientação realizado pela Prof^a. Dr^a. Guaracira Gouvêa, que une objetividade, rigor técnico, ética, estratégia pedagógica e construção do conhecimento (reunião, grupo de pesquisa, leitura, escrita e um trabalho de campo com interação dos alunos, professores, pedagogos, equipe diretiva da escola, Núcleo de Tecnologia Educacional Municipal e Secretaria Municipal de Educação) e este trabalho acadêmico com orientação permanente, física e virtual, proporcionou o agir comunicativo e democrático entre educador e educando.

Para melhor entendimento das fases do Projeto de Pesquisa, definimos durante as disciplinas de Seminários de Dissertação do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro que o mesmo seria dividido em quatro fases. A primeira fase iniciou-se após a elaboração do pré-projeto e a definição do objeto de pesquisa (trabalho de campo). Solicitamos à Secretaria Municipal de Educação de Cabo Frio autorização para realização de uma pesquisa de campo na Escola Américo Vespúcio, com acesso às salas de aula, laboratórios, equipe diretiva, equipe pedagógica e equipe do Núcleo de Tecnologia Educacional Municipal. O projeto de pesquisa foi liberado pela Secretaria Municipal de Educação e deu acesso ao Núcleo de Tecnologia Educacional Municipal, às reuniões pedagógicas da Escola e às reuniões com o grupo de professores de ciências que elaboraram o Projeto “Documentários Científicos: Curta esta ideia!”, que envolveu todas as turmas do turno da manhã e da tarde com aproximadamente 450 alunos e 10 professores para produção de vídeos documentários científicos cujos autores serão os alunos e professores, cujo objetivo foi

despertar o interesse pela ciência e estimular autonomia do aluno e a produção de conhecimentos com as ferramentas tecnológicas.



Figura 2 - Fotos da Reunião com os professores no Laboratório de Ciências



A segunda fase foi conhecer melhor o Projeto da Escola e apresentar o meu projeto de pesquisa do Mestrado em Educação em uma reunião realizada no Laboratório de Ciências com todos os professores de ciências, supervisora pedagógica e a diretora da escola. Nesta reunião foi apresentado o escopo do projeto de pesquisa e os documentos de coleta de dados (questionário que será aplicado aos alunos, registro de atividades no objeto de pesquisa e autorização de imagem) de que serão utilizados na pesquisa.

Houve um grande debate do grupo de professores sobre a influência das mídias na educação (o aluno cada vez comunicativo e conectado em um espaço que não desperta autonomia, autoria), o acesso às ferramentas tecnológicas (muitos professores não dominam e, por isso, não realizam atividades ligadas às novas tecnologias) e a parceria de estarem fazendo parte de uma pesquisa na área da Educação, envolvendo a Escola Municipal Américo Vespúcio e a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Os professores de ciências aderiram ao projeto de pesquisa, depois de muito debate e, questionaram o envolvimento também neste processo de ensino-aprendizagem da participação das professoras do Laboratório de Informática, que terão a responsabilidade do ensino da linguagem audiovisual, edição e finalização dos vídeos documentários.



Figura 3 - Fotos da Reunião com os professores no Laboratório de Informática



Após a reunião com os professores foi distribuído as autorização de imagem e som para os professores e para os alunos levarem ao seu responsável para conhecer o projeto de pesquisa e obter a assinatura, que posteriormente, foram entregues ao seu professor na aula posterior. Neste mesmo dia foi aplicado o questionário da pesquisa qualitativa na turma 900, para traçar o perfil deste aluno, através de alguns indicadores qualitativos para conhecer melhor o Capital Cultural destes alunos, segundo abordagens dos estudos de Pierre Bourdieu.

A escolha da turma observada e que respondeu ao questionário da pesquisa qualitativa foi uma decisão dos professores de ciências e da Supervisora Pedagógica em reunião no Laboratório de Ciências, devido ao grau de maturidade dos alunos e sua relação com os equipamentos tecnológicos. Todos os dados da reunião foram discutidos com a orientadora e analisados para não perder o foco principal da pesquisa (analisar e debater o processo de autoria na relação educar / educando na produção de vídeo na escola).

Na terceira fase, os professores de ciências conheceram os projetos (Projeto de Pesquisa do Mestrado “Pedagogia da Imagem: A autoria na relação educador / educando durante a produção de vídeo na escola” e o Projeto da Escola “Documentários Científicos: Curta esta idéia!”) e estão envolveram os conteúdos disciplinares para estratégias pedagógicas voltadas à produção de vídeos documentários científicos, onde os alunos foram os autores e produtores destes vídeos com o auxílio dos professores do Laboratório de Ciências e no Laboratório de Informática.



Figura 4 - Fotos da aula no Laboratório de Informática – Grupos de Pré-produção dos vídeos documentários



A turma foi dividida em grupos de alunos, onde os mesmos escolheram o conteúdo da disciplina, definiram como estes conteúdos seriam pesquisados (livros, revistas e internet), definidos como seria produzido e quais materiais seriam utilizados, na montagem com vídeos, fotos e textos no Laboratório de Informática ou em casa.

Nesta fase, tive contato direto com os alunos e professores para acompanhar de perto o processo de pré-produção e produção dos vídeos documentários na sala de aula, Laboratório de Ciências e Laboratório de Informática. Este contato com alunos e professores foi registrado em relatórios de observação, fotos e filmagens.

Na quarta fase, analisei o processo de autoria através da produção dos vídeos na relação educador / educando, com contribuição dos principais autores do referencial teórico; Paulo Freire, Bill Nichols, Maria Aparecida Baccega, Nelson Pretto, Rosa Maria Bueno Fischer e Maria Helena Silveira. E em conjunto com a análise das filmagens, dos questionários e dos relatórios para responder as perguntas que são postas diante deste novo cenário que a educação vivencia no século XXI, veremos como a aplicação da pedagogia da imagem na escola, ligada aos estudos de linguagens audiovisuais durante o processo de ensino-aprendizagem, podem contribuir para a construção do conhecimento e autoria na relação educador / educando durante o processo de produção de vídeos na escola.



Figura 5 - Fotos das análises das produções dos alunos e observação dos grupos



Para compreender melhor este processo de Autoria na Educação, veremos no Capítulo 2, como surgiu o autor em nossa sociedade, com base nos principais pesquisadores da área, sua linha historiográfica e as principais contribuições destes pesquisadores para traçar o perfil do autor e da autoria na literatura e o perfil do autor na produção de vídeo na escola. Os trabalhos destes autores são base de estudos para pesquisadores que abordam o tema “autor e autoria” e, servirão também de base para entender o processo de autoria na escola, quando surge o aluno autor e a autoria na relação educador / educando. Entender este aluno autor no processo de produção de vídeos na escola requer um estudo sobre a linguagem cinematográfica e as principais características do autor no cinema e o processo de produção de uma obra cinematográfica, envolvendo pré-produção, produção e pós-produção e seus aspectos legais que estão descritas na Lei nº 9610 de fevereiro de 1998.

Capítulo 2 – Autoria e Educação

Contextos históricos do Autor e da Autoria

Neste capítulo iremos conhecer um pouco da historiografia do autor e da autoria a partir de pesquisadores que buscaram entre os séculos XIV e XX, fundamentos teóricos, em especial, textos manuscritos, livros manuscritos e livros impressos, que possibilitam a identificação de características deste importante agente de transformação no campo literário e no campo das ciências. Entender o caminho percorrido do autor e da autoria é o início das respostas que este texto busca revelar alternativas para os grandes desafios que a educação vive neste século. Também estaremos analisando posteriormente, o processo de autoria na educação, no cinema e os aspectos legais que circundam a produção audiovisual para entender o processo de autoria no ambiente escolar.

Para entender melhor os princípios históricos do autor e a sua obra, foi realizado um recorte com alguns autores que descrevem este processo. Tendo início com uma grande discussão sobre o polêmico texto “a morte do autor” de Roland Barthes, e a partir desta discussão, Michel Foucault descreve a função autor na celebre palestra “o que é um autor?” para demonstrar que o autor não estava morto, e sim, presente com características na “função autor” descritas no sistema jurídico e institucional, no universo dos discursos e nas várias posições-sujeito. Em análise mais profunda sobre o tema, Roger Chartier realiza uma séria pesquisa sobre o processo histórico do autor e da autoria em crítica e complemento do texto de Michel Foucault.

Já no século XX, buscamos nos ensinamentos de Bakhtin a compreensão sobre a linguagem poética e estética do autor com a interpretação de Carlos Alberto Faraco, para revelar a natureza filosófica do autor e da autoria. Estes pesquisadores e seus respectivos textos irão fundamentar este capítulo para podermos formular novas perguntas em busca de possíveis respostas.

E a partir de agora vamos entender que:

O autor, tal como ele faz a sua reaparição na história e na teoria literária, é, ao mesmo tempo dependente e reprimido. Dependente: ele não é o mestre do sentido, e suas intenções expressas na produção do texto não se impõe necessariamente nem para aqueles que fazem desse texto um livro (livreiro-editores ou operários da impressão), nem para aqueles que dele se apropriam

para a leitura. Reprimido: ele se submete às múltiplas determinações que organizam o espaço social da produção literária, ou que, mais comumente, delimitam as categorias e as experiências que são as próprias matrizes da escrita. (CHARTIER, 1998, p.35-36)

A fala de Chartier retrata o período do surgimento do autor individual, que mesmo tendo o reconhecimento de sua obra literária era dependente do sistema social da época para publicação e produção literária. Para Chartier, a construção histórica do autor e da autoria, “é importante circunciar as materialidades discursivas na história do livro e da leitura” (1998, p.14), e esta perspectiva investigativa contrapõe os fundamentos de Foucault na correlação entre autor científico e autor literário dentro da linha historiográfica do surgimento do autor. Para Foucault o autor surge no final do século XVIII e início do século XIX através dos regimes de propriedade de textos. Segundo ele:

Os textos, os livros, os discursos começaram efectivamente a ter autores (outros que não personagens míticas ou figuras sacralizadas e sacralizantes) na medida em que o autor se tornou passível de ser punido, isto é, na medida em que os discursos se tornaram transgressores. Na nossa cultura (e, sem dúvida, em muitas outras), o discurso não era, na sua origem, um produto, uma coisa, um bem; era essencialmente um acto – um acto colocado no campo bipolar do sagrado e do profano, do lícito e do ilícito, do religioso e do blasfemo. Historicamente, foi um gesto carregado de riscos antes de ser um bem preso num circuito de propriedades. Assim que se instaurou um regime de propriedade para os textos, assim que se promulgaram regras estritas sobre os direitos de autor, sobre as relações autores-editores, sobre os direitos de reprodução, etc. – isto é, no final do século XVIII e no início do século XIX -, foi nesse momento que a possibilidade de transgressão própria do acto de escrever adquiriu progressivamente a aura de um imperativo típico da literatura. Como se o autor, a partir do momento em que foi integrado no sistema de propriedade que caracteriza a nossa sociedade, compensasse o estatuto de que passou a auferir com o retomar do velho campo bipolar do discurso, praticando sistematicamente a transgressão, restaurando o risco de uma escrita à qual, no entanto, fossem garantidos os benefícios da propriedade. (1992, p.47)

Diante deste relato na conferência denominada “O que é um autor” no ano de 1969, que tinha como objetivo rebater as críticas de Roland Barthes sobre “A morte do Autor”, Foucault justifica que o autor não está morto e descreve funções intrínsecas no autor e autoria em textos e obras. Mas, segundo Barthes “o nascimento do leitor tem de apagar-se com a morte do Autor” (2004, p.6), ou seja, a dissociação de duas figuras diferentes: autor e escritor. E para entender um pouco mais sobre as críticas de Barthes, a professora Eliane Aparecida de Aguiar com sua análise e estudos sobre o autor, nos ensina que:

Barthes (2004) chega mesmo a considerar, quando desenvolve uma noção de escritura, que o discurso científico pretendido pela Crítica literária e por ele próprio exige um rigor (como tudo na Ciência) matemático e lógico que estão muito longe de responder aos excessos da linguagem literária, porque enquanto a ciência promove o ‘discurso da lei’, a escritura promove ‘o discurso do desejo’. E, portanto, gera um novo tipo de leitura, uma nova possibilidade de inscrição, um novo arranjo de linguagem, explodindo literalmente com as amarras dos modelos de análise da estrutura narrativa/literária.

Estamos considerando que o discurso da lei é o discurso das regras e, no caso da Crítica Literária, pretende estabelecer a metalinguagem; ou seja, uma linguagem que possa explicar clara e objetivamente de que matéria é feita não só a escrita dos autores que estuda, mas o que são na verdade os seus excessos. Nesse sentido, esse suposto discurso da lei pretendido pela Crítica, que se quer um tipo de ciência, cercaria o gesto da escrita literária na própria descrição da análise estrutural da narrativa, controlando (como é próprio da lei) o movimento do sujeito da escrita. Ao deslocar a questão da escrita para o discurso do desejo, Barthes promove, de fato, uma possibilidade de cercar essa escrita, como queria a Crítica, fazendo escapar o que não se deixa dominar pelas convenções da lei. A escrita enquanto discurso do desejo pressupõe justamente que, em algum momento (se não toda ela), aquilo que se quer como princípio de ordem e do modo de agir seja estourado pelo caos.

A escrita pressupõe, necessariamente, o caos do desejo que em nada responde à demanda da lei instituída pelo homem e que se rege pela punição, assegurando um tipo de coesão confortável e não transgressora. Como o desejo por si mesmo é transgressor, o que Barthes propõe é justamente que se considere, na experiência da escrita e da leitura da escrita, aquilo que definitivamente não se pode responder pelas regras da lei, mas pelas demandas de um desejo que só se revela (mesmo que dele nada se diga) no seu caráter enigmático. (2010, p.60-61)

E foram estas críticas que formularam o grande debate no campo acadêmico entre Barthes e Foucault, cujo objetivo principal, foi definir o papel do autor no cenário da estrutura “narrativa/literária”, entre o discurso da lei e o discurso do desejo. E esta discussão envolveu aspectos subjetivos no contexto do autor e da sua autoria que foram formularam propostas no cenário literário europeu que envolveu diretamente a materialidade do autor, sua escrita e a sua obra, deixando claro que não se pode apagar o sujeito-autor, nem muito menos a sua autoria diante da sua produção ou criação. Aguiar, ainda em seu texto, nos faz refletir sobre um grande problema relacionado ao processo de autoria em obras literárias realizadas no contexto escolar e, segundo ela:

O modo como são usadas as análises das obras literárias feitas pelas Críticas, no contexto escolar, promove uma visão de escrita que é da ordem do impossível para as pessoas reais por se tratar de algo que está muito além de seu repertório e condições de lidar com a linguagem; não cria espaço para que se reflita sobre o que ultrapassa a análise dos textos modelos e chega ao fazer laboral da escrita e, conseqüentemente, não cria espaço para um tipo de

experiência com essa escrita considerada ‘superior’ (feita por um autor e marcada por seu estilo), uma vez que ao leitor ‘leigo’ e comum não é ‘dado’ o passaporte para passar o outro lado: o lado do escritor, o lado de escritor. E, conseqüentemente, não permite um tipo de experiência que faz o indivíduo passar para o lado do sujeito-autor. (2010, p.63)

É este sujeito-autor que buscamos conhecer através da linha histórica para compreender o caminho percorrido do século XIV até o século da nossa escola de hoje. São estas reflexões que irão, de alguma maneira, tentar responder as dificuldades encontradas em nosso século, em especial, em nossa educação, para despertar e/ou desenvolver em nossos alunos o sujeito-autor. O trabalho desenvolvido por Aguiar conseguiu dar um ponto de partida para as nossas perguntas e com os seus ensinamentos serão formuladas também, novas perguntas e respostas.

Em análise das características da função autor propostas por Foucault no processo de escrita, nota-se uma construção imersa na autoria, e que “a noção do autor constitui o momento forte da individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas, na história da filosofia também e na das ciências” (1992, p.33). Para ele (FOUCAULT, 1992, p.56), a função autor possui quatro traços característicos diferentes dentro de um sistema jurídico e institucional, que não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, que não se define pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas sim, por uma série de operações específicas e complexas e, por fim, a função autor não reenvia pura e simplesmente para um indivíduo real, podendo dar lugar a vários “eus” em simultâneo, a várias posições-sujeitos.

Ao interpretar a função autor descrita por Foucault na sua celebre palestra, Aguiar descreve que:

As marcas aparentemente apagadas do autor, que sofre a partir da obra uma espécie de ‘desaparecimento’ para dar lugar ao discurso que produz, são intrínsecas à própria obra, a qual mantém em sua estrutura o modo como cada autor, singularmente, pincelam palavras, pensamentos, ideias. O autor torna-se presente em sua obra na medida em que revela nela o modo de existência de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade. (2010, p.66)

Foucault passa a dar vida ao autor e através das características da “função autor”, estabelece o processo de escrita autoral, saindo do campo do “eu” autor e entrando no campo da “linguagem” que gera o sujeito-autor, quem criou a obra ou autoria. E neste momento ele reafirma que o autor não está desaparecido:

Mas não chega, evidentemente, repetir a afirmação oca de que o autor desapareceu. Do mesmo modo, não basta repetir indefinidamente que Deus e o homem morreram de uma morte conjunta. Trata-se, sim, de localizar o espaço deixado vazio pelo desaparecimento do autor, seguir de perto a repartição das lacunas e das fissuras e perscrutar os espaços, as funções livres que esse desaparecimento deixa descoberto. (FOUCAULT, 1992, p.41)

Após suas afirmativas no célebre trabalho realizado para a sociedade filosófica francesa em 1969, Foucault recebe muitas críticas de pesquisadores renomados por sua superficialidade no gênero temporal da historiografia que envolve o surgimento do autor. Um dos autores mais influentes que registrou muitas críticas foi o historiador francês Roger Chartier e, na sua visão “[...] a trajetória histórica que construiu o autor, desde o século XVIII, como figura pública, e com o distanciamento etimológico que, desde o século XIV, atribuía ao *actores*” (2012, p.39). Chartier, afirma que a figura do autor ou função autoral já existia antes da invenção dos livros impressos. E para ele:

O século XIV, período desencantado e melancólico, assombrado pela fugacidade das coisas e pela fragilidade das palavras, foi sem dúvidas um tempo de invenções fundamentais para a cultura escrita. A primeira dessas novidades foi o novo significado atribuído a três palavras. Primeiro o “autor” (em francês, *auteur*, transformado mais tarde em *auteur*) dotava os *actores* (escritores da época, por muito tempo considerados simples compiladores e comentaristas, segundo a etimologia da palavra, originada de *agere*, “fazer algo”) de uma autoridade tradicionalmente reservada aos antigos *auctores* (palavra originada de *augere*, que significa “dar existência a, criar algo”). Dois séculos mais tarde, Hobbes brincou com essas duas etimologias das palavras “atores” e “autores” no 16º capítulo do seu *Leviatã*, ao escrever: “Algumas palavras e ações das pessoas artificiais são propriedade daqueles a quem representam”. Então, tal pessoa é o ator. E aquele que tem a propriedade de suas palavras e ações é o “AUTOR”. Segundo, a palavra “escritor” (*écrivain*, em francês) começa a designar, no século XIV, a pessoa que compõe uma obra, bem como a pessoa que copia um livro. Terceiro, a palavra “invenção” passava a significar uma criação original, em lugar de uma mera descoberta daquilo que Deus havia produzido. Nos livros manuscritos, com miniaturas mostrando o retrato do autor, muitas vezes representado em pleno processo de escrever (em ambos os sentidos da palavra), uma tradicional aura de *auctoritates* era transmitida aos escritores contemporâneos, que se expressavam na língua vernácula, ao invés do latim, para compor poemas, romances e histórias, ao invés de obras teológicas, jurídicas ou enciclopédicas. (2012, p.58-59)

Os detalhes do surgimento do autor no século XIV e os significados das palavras autor, escritor e inventor descrevem com detalhes o processo de construção do profissional da cultura escrita durante o período “[...] em que o material poético era imaginado como algo em

desaparecimento e que a inspiração estava se exaurindo, a escrita, a literatura e os livros tornaram-se matéria de obras que visavam ao entretenimento ou ao ensino” (2012, p.59). Neste período, os livros eram manuscritos e não incluíam um único autor, somente em certas obras que, segundo Chartier:

Contudo, foi durante o século XIV que, ao menos em relação a certas obras, a tradicional e dominante definição do códice foi confrontada por uma nova concepção de livro, que incluía as obras de um único autor, ou mesmo apenas uma de suas obras. Esta era, de certa forma, uma construção paradoxal, numa época em que a escrita era frequentemente considerada uma compilação ou reutilização, cuja imagem mais frequente era a do colhedor juntando o grão deixado pelos grandes ceifeiros do passado. A unidade estabelecida entre a integridade material do livro e a singularidade das obras originais de uma mesma pena mostrava claramente que alguns autores daquele tempo, incluindo alguns que escreviam em língua vernácula, tinham a mesma “dignidade codicológica” das antigas autoridades. Foi, portanto, antes da Era do livro impresso (que, incidentalmente, prolongou a tradição de coleções compostas de diversos gêneros) que se estabeleceu, para certas obras em língua vulgar, o vínculo entre uma unidade material e textual atribuída a um autor.

[...] É, pois, em torno de autores como Dante, Petrarca e Bocácio, na Itália, e Christine de Pizan e René d’Anjou, na França, que a “função-autor” surge da profunda revolução na concepção do livro, que reunia um objeto material, um nome próprio e um texto ou série de textos. (2012, p.60-61)

Notamos que diante de uma pesquisa historiográfica realizada por Chartier sobre o processo de surgimento do autor e da autoria, se deu no século XIV com autores na Itália e na França, segundo as atribuições descritas da “função autor” descritas por Foucault na sua famosa palestra em fevereiro de 1969 e, ao mesmo tempo, contestando-o por sua afirmação do surgimento no século XVIII.

Já no século XVI, segundo Chartier (2012), temos o início da autoria em obra coletiva, com montagem de diversos textos reunidos e encadernado em um livro impresso, onde cada caderno tinha uma assinatura e o conjunto destas assinaturas era designado registro, este processo durou até o século XVII. Ainda no século XVI, os contratos firmados entre impressores e autores são ainda uma prova de controle sobre a obra, com uma ligação direta com a Igreja e o Estado, determinando a imposição de censuras e rígidas regras para o escritor, livreiro-escritor e o impressor. Neste período, o autor possui traços fundamentais com atribuição do texto a um indivíduo particular não apenas em obras impressas, mas também em manuscritas. Para isso Chartier nos revela que:

A mais espetacular dessas marcas é a representação física do autor, em seu livro. O retrato do autor que torna imediatamente visível a atribuição do texto a um eu singular é freqüente no livro impresso do século XVI. Quer a imagem dote o autor (ou tradutor) dos atributos reais ou simbólicos de sua arte, ou o heroifique à antiga, ou presente “ao vivo”, ao natural, sua função é idêntica: construir a escrita como expressão de uma individualidade que fundamenta a autenticidade da obra. Ora mais representações do autor – e, comumente, do autor exibido em sua atividade de escrever – são propostas em miniaturas que decoram, do fim do século XIV ao XV, manuscritos de obras em língua vernácula: assim foi com Christine de Pizan, Jean Froissart, René d’Anjou ou Petrarca e Boccaccio. Esses retratos tão parecidos anunciam uma dupla inovação. Por um lado, em uma época na qual as palavras “escrever” e “escritor” adquirem, em francês, um sentido moderno, indicando não apenas a cópia, mas também a composição dos textos, eles permitem entrever uma escrita autógrafa que não mais dá a entender o ditado a um secretário. Por outro lado, eles transferem para os autores contemporâneos, escritores em língua vulgar, o tema que, desde o início do século XIV, apresenta, nos textos latinos, a escrita como uma invenção individual, como uma criação original. Uma tal imagem rompe com as antigas convenções de representação da escrita, tanto a que identifica a escuta de um texto ditado e copiado (por exemplo, na iconografia tradicional dos evangelistas e dos pais da Igreja, retratos como escribas da palavra divina) quanto aquela que a pensa como simples continuação de uma obra já existente (como no caso da prática escolástica da glosa e do comentário). (1998, p.53)

Ao caminharmos pela história através das pesquisas realizadas por Chartier, nota-se claramente que o autor, dito como o inventor individual ou dono de uma criação original, marca o século XIV, se desenvolve no século XV e no século XVI apesar da autoria em obras coletivas, percebe-se ainda traços originais de um determinado autor nos textos e livros impressos, perdurando até o século XVII.

Neste último século, classificado como o da revolução científica, Chartier afirma que “a autenticação de experimentos ou descobertas exigia a garantia dada por uma autoridade gradualmente deslocada do poder aristocrático ou principesco para o poder da autoria científica” (2012, p.63), ou seja, apesar de serem autores das obras, ainda necessitavam da autorização de autoridades para ratificar a sua obra ou autoria.

Já no século XVIII, a assinatura passa a receber o significado de autoria de um texto ao nome de um autor individual com aspectos jurídicos para resguardar os direitos de propriedade do autor perante às casas editoriais, propiciando um sistema moderno de propriedade autoral.

Entendendo melhor este processo de transição entre a autoria coletiva onde os textos não possuíam a referências dos autores e podiam ser publicados sem sua autorização e a nova regulação vinda através do estatuto de Anne datado em 1710, que protege os direitos de

propriedade das obras dos autores por um período de tempo limitado de quatorze anos, possibilitando um sistema moderno de propriedade autoral. Priscila Faulharber, organizadora do livro “Autoria e história cultural da ciência” de Roger Chartier, descreve como funcionou este processo:

Na história das condições de produção, disseminação e apropriação dos textos, quando os direitos de autor se contrapunham aos do comerciante, estava em jogo a luta pela apropriação dos direitos de comercialização. Com base nos pressupostos da propriedade privada, a obra é considerada de autoria original. Até meados do século XVIII, o valor econômico de tal obra era tido como incomensurável. A partir de então, torna-se necessário sua avaliação monetária, sendo sua remuneração, como um trabalho como outro qualquer, submetida às leis de mercado. No entanto, a invenção do autor como proprietário – na Inglaterra e em seguida na França – esteve diretamente associada à reivindicação pela perpetuação de um velho sistema de privilégios, garantido pela guilda e pelo rei. O mecenato persistiu ao próximo advento da imprensa e da mercantilização da indústria cultural. (2012, p.32)

Neste momento o autor possui a propriedade moral e econômica da sua obra e torna-se passível a punições e condenação que estão ligadas às censuras do Estado e da Igreja, ou seja, o autor passa a ser remunerado diretamente por suas obras e, ao mesmo tempo, responde por qualquer tipo de censura imposta pelo sistema político e eclesiástico que tentavam a todo o momento impor um regime editorial sem expressão popular ou crítica. Chartier afirma que, “a função autor foi atribuída a formas de escrita que, antes do século XVIII, estavam excluídas da lógica da propriedade literária” (2012, p.51), e agora o autor passa a ter a propriedade moral e econômica de suas obras.

Para Foucault:

Foi neste momento que a possibilidade de transgressão própria do acto de escrever adquiriu progressivamente a aura de um imperativo típico da literatura. Como se o autor, a partir do momento em que foi integrado ao sistema de propriedade que caracteriza a nossa sociedade, compensasse o estatuto de que passou a auferir com o retomar do velho campo bipolar do discurso, praticando sistematicamente a transgressão, restaurando o risco de uma escrita à qual, no entanto, fossem garantidos os benefícios da propriedade. (1992, p.48)

Não esquecendo que este direito também era também uma forma de controle dos textos, ou seja, agora os autores eram identificados por seus textos e passíveis de serem punidos pelos órgãos fiscalizadores da época. Mas, como afirma Foucault, os autores restauram o campo bipolar assumindo o risco da sua escrita, obra ou autoria. E agora toda e

qualquer publicação ou reprodução da obra dependia da autorização do autor para sua circulação ou reprodução. Esta mudança no século XVIII ocasiona uma transformação no mercado literário e jurídico na Europa. E segundo Chartier:

Consequentemente, uma carta não poderia ser publicada sem o consentimento do seu “autor”. Essa decisão é importante por duas razões. Primeiro, por enfatizar a natureza essencialmente imaterial do objeto do *copyright*, uma vez que a propriedade física do(a) destinatário(a) da carta não lha dá o direito de publicá-la. Segundo, misturava duas diferentes definições do conceito de propriedade intelectual: o direito de propriedade do autor no sentido de controlar a publicação dos seus textos a fim de preservar sua privacidade, honra e reputação e o direito de propriedade do autor entendido como um interesse econômico em um bem alienável. (2012, p.51-52)

Este período durante o século XVIII definiu “o que é um o autor” e o fruto de sua autoria, a “obra”. Foi um momento muito importante para entendermos melhor o processo de construção do autor e da sua autoria, as transições e barreiras encontradas para que o seu trabalho fosse valorizado e reconhecido tanto no campo literário quanto no campo econômico. Agora neste período, para alguns pesquisadores, inaugura-se a modernidade “[...] com fortalecimento da indústria editorial e a ampliação do mercado consumidor de livros, a partir do século XVIII, reforçam a ideia de autoria em virtude da necessidade de controle dos direitos de publicação – os *copyrights*” (2012, p.69).

No século XIX o autor já está consolidado na sociedade e, com isso, cresce o número de publicação e autorias. Foucault faz uma descrição entre os autores e, segundo ele:

Afigura-se-me porém que, ao longo do século XIX europeu, apareceram tipos de autor bastante singulares, que não se podem confundir com os “grandes” autores literários, nem com os textos religiosos canônicos, nem com os fundadores de ciências. Chamemos-lhes então, de forma um pouco arbitrária, “fundadores de discursividade”.

Estes autores têm isto de particular: não são apenas os autores das suas obras, dos seus livros. Produziram alguma coisa mais: a possibilidade e a regra de formação de outros textos. Neste sentido, eles são muito diferentes, por exemplo, de um autor de romances, que nunca é, no fundo, senão o autor do seu próprio texto. Freud não é simplesmente o autor da *Traumdeutung* ou do *Mot d’Esprit*; Marx não é simplesmente o autor do *Manifesto* ou de *O Capital*: eles estabeleceram uma possibilidade indefinida de discursos. Evidentemente, é fácil fazer uma objecção. Não é verdade que o autor de um romance seja apenas o autor do seu próprio texto; num sentido, também ele, desde que seja, como se diz, “importante”, oriente e comanda mais do que isso. (1992, p.58)

Foucault ao analisar estes autores do século XIX, define como sendo “fundadores da discursividade”, ou seja, os grandes autores que têm suas obras como referência em suas áreas e, a partir delas, são produzidos outros textos, tendo como base o grande autor da obra. Ao citar Marx como exemplo de sua análise, fica fácil de entender como ele chegou a esta definição, pois, o próprio nome do autor deu nome a um segmento chamada de Marxismo, cujo sua autoria está ligada a relação do homem com o capital e os seus meios de exploração e divisão de classes ditadas pelo sistema capitalista. O Marxismo possui uma ligação direta com a filosofia, política, economia e educação e, nestes campos, diversos autores utilizam os ensinamentos de Marx para fundamentarem os seus textos.

Ainda na linha histórica do autor e da autoria, a partir do século XIX e início do século XX, não existe mais a associação da literatura com a ciência e, o autor científico, ganha valorização no campo social através pesquisas nas áreas da biologia, física e química. Chartier, afirma que:

[...] no século XIX e na primeira metade do século XX, estava ocorrendo algo como formação da autoria científica segundo critério da propriedade intelectual ou literária dos autores de ficção, ou seja, que cada artigo estava assinado por um autor. A partir do século XIX, há figuras de autores científicos, como Darwin, ou talvez no século XVIII, se pensarmos em Buffon que, em certo sentido, haviam capitalizado a unidade da coerência, a força singular do autor, individualização da função-autor ligada a um indivíduo específico.

Esta seria a primeira indagação. Parece-me que, nos dias de hoje, cabe perguntar para que tipo de texto essas assinaturas múltiplas se verificam com maior recorrência. Não se pode dizer que elas sejam coletivas, já que cada um está identificado com seu nome próprio. Trata-se de um coletivo de indivíduos singulares, mas que desempenham papéis muito diferentes no processo de produção de um artigo que transmite uma descoberta, uma experiência, uma operação de laboratório etc.

O segundo elemento contemporâneo me parece residir na vontade da proteção legal dos resultados científicos. A tradição das patentes na Inglaterra e dos *brevets* na França vê-se multiplicada, particularmente nas ciências biológicas, ou nas ciências químicas e físicas, que podem ter aplicações imediatas. E aqui nos deparamos com uma relação entre o autor científico e o marco legal, jurídico que vai proteger a descoberta em suas possíveis aplicações. Trata-se de uma reivindicação de autoria que tem uma forma jurídica e não somente intelectual.

O terceiro elemento seria o acesso ao resultado científico. Porque se é verdade que a informatização propicia a divulgação científica, também é verdade que, nos modos contemporâneos da publicação científica – particularmente no caso das revistas que se opuseram ao acesso livre, inclusive das comunidades científicas – ocorre um controle do acesso aos resultados. (2012, p.67)

Os autores científicos que surgem no século XIX já caminhavam para uma autoria em aspectos legais e com a entrada no século XX a informatização trouxe uma grande disseminação de informação que em poucos espaços, dado a grandiosidade da rede, pode-se encontrar boas fontes para o conhecimento e, como afirma Chartier, são poucas comunidades científicas que contribuem para disseminação do conhecimento e promoção de espaços para novos autores.

Após conhecermos um pouco do processo evolutivo das características e a origem do autor ao passar dos séculos, tendo como ponto de partida as discussões da “morte do autor” anunciada por Barthes em 1968, o seu surgimento nos discursos em diferentes sociedades permitindo a fiabilidade da informação científica e origem do texto literário que constrói um ser racional, chamado de autor, caracterizado por Foucault (1992, p.50) como “função autor” em 1969 e as críticas da historiografia do autor e o percurso do mesmo desde o século XIV até século XX realizada pelo pesquisador Frances Roger Chartier. Agora ao entrarmos no século XX vamos compreender melhor a passagem do escritor, função autor e autor criador, sendo este último uma linguagem poética na perspectiva estética, revelada por um grande autor contemporâneo que discorre com propriedade sobre as noções de autor e autoria, o crítico literário russo Mikhail Bakhtin.

E para entendermos melhor como configura o autor visão de Bakhtin e Foucault, a professora Juciane dos Santos Cavalheiro³, nos ensina em seu artigo que:

Na visão bakhtiniana, o acabamento do fenômeno estético nunca se concretizará por um único e mesmo participante, a exotopia requer no mínimo duas consciências que não coincidam, precisa da consciência de uma outra consciência que lhe dê acabamento. Já para Foucault, a *função autor* é compreendida como uma posição enunciativa, isto é, o autor é sinalizado e definido pelos próprios textos que, por sua vez, podem remeter não a um indivíduo singular, mas a uma pluralidade de “eus”. Foucault destaca três “eus” simultâneos, por exemplo, um é o “eu” que fala em um prefácio; outro é o “eu” que argumenta no corpo de um livro, outro, ainda, o que avalia a recepção da obra publicada ou a esclarece. (2008, p.74)

Notamos que, a função autor de Foucault, pode dar lugar a mais de um “eu” simultaneamente e, o autor-criador de Bakhtin fundamenta-se na exotopia (que tem a condição de ver de fora, a certa distância, algo da criatura criada que ela mesma não pode ver de si), que pode ser entendido como excedente da visão humana, condicionado pela

³ Coordena o Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes e é professora do Curso de Letras e da Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas. Atua, principalmente, nos seguintes temas: enunciação, intersubjetividade, subjetividade, leitor, autor, obra e recepção.

singularidade e pela insubstituíbilidade. Segundo Faraco (2005, p.37), Bakhtin, “[...] distingue o autor-pessoa (isto é, o escritor, o artista) do autor-criador (isto é, a função estético formal engendradora da obra)”. Este último é, para Bakhtin, um constituinte do objeto estético:

Ele é entendido fundamentalmente como uma posição estético-formal cuja característica básica está em materializar uma certa relação axiológica com o herói e seu mundo: ele os olha com simpatia ou antipatia, distância ou proximidade, reverência ou crítica, gravidade ou deboche, aplauso ou sarcasmo, alegria ou amargura, generosidade ou crueldade, júbilo ou melancolia, e assim por diante. Obviamente, embora os exemplos estejam apresentados em construções alternativas aqui, é preciso ter clareza de que uma efetiva posição axiológica nunca é um todo uniforme e homogêneo, mas agrega múltiplas e heterogêneas coordenadas. A simpatia pelo herói e seu mundo poderá, por exemplo, ser nuançada por uma crítica melancólica; a reverência, por uma suave e sutil ironia, e assim por diante. É esse posicionamento valorativo que dá ao autor-criador a força para construir o todo: é a partir dela que se criará o herói e o seu mundo e se lhes dará o acabamento estético. (FARACO, 2005, p.38)

Este acabamento estético que Bakhtin nos revela, segundo Faraco (2005, p.39), parte de um complexo de transposições refratadas da vida para arte: onde no primeiro momento o autor-criador não é o autor-pessoa que compõe o objeto estético e, segundo porque a transposição de planos da vida para a arte se dá não por meio de uma isenta estenografia, mas sim, a partir de certo viés valorativo. E para entender melhor o autor-criador elucidado por Bakhtin, Aguiar, em sua Tese de doutorado descreve com mais detalhes que:

[...] o autor que Bakhtin propõe: não sendo pessoa, ele deve ser encontrado em um outro lugar, que não o do corpo real de um indivíduo qualquer que escreve. Sendo uma posição, é preciso considerar o lugar de onde ele - o autor - fala para tecer suas considerações estéticas. E sendo uma função estético-formal, ele só pode ser compreendido pelo atravessamento de seu texto. Logo, é preciso ler o autor de Bakhtin pela via do texto. E a posição assumida pelo autor Bakhtin é de que sua leitura desse texto é feita a partir de um lugar no discurso: o de teórico e historiador da literatura. Feitas essas considerações que permitem ao próprio Bakhtin organizar o seu percurso de análise, parece-nos que esse autor passa a deslizar pelo tema, desdobrando-o, reformulando-o, “desdizendo” o já dito, agregando ao conceito novas reflexões filosóficas e fenomenológicas, valorizando aquilo que, num primeiro momento, era justamente o motivo de sua crítica. Tudo isso para mapear o lugar estético formal de onde o autor fala por vezes como um ser supremo e absoluto, que gera a unidade do texto e das personagens; outras vezes, como que colocado no mesmo nível de seu herói, não mais como seu superior, mas dando a ele autonomia para existir. (2010, p.74-75)

Ao acrescentar novas reflexões filosóficas ao autor, distinguindo-o do autor-pessoa e lhe atribuindo a função estético-formal, Bakhtin compõe ao autor características dentro de

uma linguagem artística e estética que envolve a sua obra literária. E para entender melhor a natureza filosófica do autor (autor-pessoa – elemento do acontecimento ético e social da vida e autor-criador – elemento da obra), a partir do estudo estético de Bakhtin, Faraco, retrata que:

Posto em termos de linguagem, o princípio da exterioridade (a lógica imanente da criação estética) demanda do escritor que ele desista de sua linguagem, sai dela, liberte-se dela, olhe-a pelo olho de outra linguagem, desloque-a para outrem ao mesmo tempo em que se desloca para outra linguagem.

Em outros termos, é necessário que a consciência artística se libere da prisão da linguagem que se impõe como única e absoluta (conforme está discutido no ensaio “Da pré-história do discurso romanesco”); que se libere da hegemonia aprisionadora do imaginário de uma língua unitária e da língua como mito (isto é, como uma forma absoluta de significar) e se deixe vagar livremente pela heteroglossia.

No fundo, a formulação da distinção autor-pessoa/autor-criação em termos de deslocamento no plano da linguagem é apenas um outro modo de apresentar a conceituação primeira de Bakhtin. Primordialmente, ele nos apresenta o autor-criador (como elemento estético-formal) como uma posição axiológica que dá unidade ao todo artístico. Neste outro momento, Bakhtin caracteriza o autor-criador como a voz social que dá unidade ao todo artístico. (2005, p.41)

Esta voz social que emana uma criação estética e poética dentro de uma linguagem artística que forma o autor-criador com uma função estético-formal, define de forma objetiva as características do autor e da autoria para Bakhtin neste pequeno recorte, distinguindo o autor-pessoa (o escritor, o artista) do autor-criador (função estético-formal, autor passa a deslizar pelo tema, desdobrando-o, reformulando-o e agregando ao conceito novas reflexões filosóficas e fenomenológicas).

Para Foucault, as características do autor e de sua autoria são descritas através da função autor, estabelecendo um processo de escrita autoral, saindo do campo do “eu” autor e entrando no campo da “linguagem”, estabelecendo quem criou a obra ou autoria. Para ele o processo de escrita está imerso na autoria e a função autor possui quatro traços característicos diferentes; um sistema jurídico e institucional, que não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos; não se define pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor; operações específicas e complexas; não reenvia pura e simplesmente para um indivíduo real, podendo dar lugar a vários “eus” em simultâneo, a várias posições-sujeitos. Foucault (2010, p.66), relata que “o autor torna-se presente em sua obra na medida em que revela nela o modo de existência de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade”.

Já Chartier, na sua linha historiográfica descreve que os principais aspectos do autor e da autoria são definidos, por pessoas que compunham uma obra literária, inicialmente as obras eram manuscritas e escritas na língua vernácula, destinadas para o entretenimento (poemas, romances e histórias) ou ao ensino, tendo o retrato do autor na própria obra, sendo esta pessoa reconhecida pelo seu nome próprio e o seu texto ou textos, classificando-o como o autor da obra. Posteriormente com o livro impresso os autores faziam parte de uma autoria coletiva, ou seja, montagem de diversos textos reunidos e encadernado em um livro impresso, onde cada caderno tinha uma assinatura e o conjunto destas assinaturas era designado registro, percebe-se ainda traços originais de um determinado autor nos textos impressos nos livros.

Com as contribuições dos autores acima, podemos entender dentro deste pequeno recorte, um pouco da historiografia do autor e da autoria no campo literário e as principais características que definem um autor e sua obra (autoria). No próximo tópico deste capítulo faremos uma análise sobre o processo de autoria na educação, no cinema e seus aspectos legais no ambiente educacional.

O processo de Autoria na Educação, no Cinema e Aspectos Legais

Entender o processo de Autoria na Educação e como estes agentes (professores e alunos) se consideram autores no ambiente educacional, ainda é um assunto pouco discutido na escola e na academia quando envolve a área da linguagem audiovisual, mas, muito conhecido quando envolve a área textual. Para Chartier, existe “uma ligação exclusiva e determinante entre o sistema de propriedade que caracteriza as sociedades modernas e a construção do autor como princípio fundamental para a identificação de certas classes de discurso” (2012, p.43). O autor não fala diretamente para a educação, mas, nos orienta para termos atenção com o novo cenário que surge na escola através dos alunos nativos digitais da sociedade contemporânea, uma educação familiar menos protetora e mais independente e, a tecnologia como agente transformador no ambiente educacional.

E para compreender este processo de autoria na educação dentro da linguagem audiovisual, temos que entender primeiramente como funciona o processo de Autoria no Cinema e como o cinema torna-se uma linguagem “na qual e pela qual o artista pode expressar seu pensamento, por mais abstrato que seja, ou traduzir suas obsessões como ocorre hoje no ensaio ou no romance. Por isso, chamo de nova idade do cinema a da câmera-caneta.” (BERNARDET, 1994, p.20). Esta linguagem cinematográfica envolve realmente a câmera e a

caneta, ou precisamente a caneta e câmera, tendo no início uma obra literária, o material escrito de forma detalhada (o roteiro) e, posteriormente este material escrito é filmado, editado e finalizado para transforma-se em uma obra audiovisual (o filme). Este processo de autoria pode envolver um autor ou mais autores para produção da obra cinematográfica e, segundo Jean-Claude Bernardet em seu livro “O autor no cinema”, que discutiu na década de cinquenta em uma revista francesa a política dos autores, cujo a autoria dos artigos foi realizada por jovens críticos expoentes da *Nouvelle Vague* denominados por André Bazin por *Jovens Turcos*. Em seu texto Bernardet define inicialmente que o autor do filme é o diretor “*metteur en scène*”, onde:

Ele desenvolve a idéia destacando o fato de que esses *metteurs en scène*, mesmo quando não responsável pelo roteiro, quase sempre assumiram a decupagem, a filmagem, a montagem, e orientam o fotógrafo. Aqui a ideia do *autor* apoia-se sobre a multiplicidade das funções assumidas pelo diretor, mas Arnoux complementa: o *metteur en scène* “infundiu seu sangue à obra que só respira através dele, ele a animou com mais puro de si mesmo”. Por mais que o vocabulário do articulista tenha envelhecido, por mais que os outros do artigo não coincidam com a futura *política*, aqui já estão enunciados temas fundamentais que seriam desenvolvidos na década de 50: o autor, a contribuição “individual”. O “si mesmo”, a individualização pelo “estilo”. (1994, p.11)

Neste texto Bernardet complementa que o autor de um filme pode ser considerado o roteirista, o argumentista, ou o produtor, definindo inicialmente quem é o autor em uma produção cinematográfica. E a partir dos seus estudos tentaremos definir algumas características que definem o processo de autoria em uma produção dentro do ambiente escolar e sua relação entre o educar e o educando.

Atualmente, o acesso dos estudantes para fins educacionais aos ambientes tecnológicos (virtuais) é quase sinônimo de plágios, ou seja, o ambiente virtual favorece a dois grandes problemas enfrentados na educação; compra de trabalhos acadêmicos e cópia de trabalhos de outros autores. E estes problemas têm gerado grande discussão na academia quando falamos de “Autoria na Educação” e, quando falamos de autoria na produção de vídeos na escola, encontramos um grande vazio no ambiente educacional, sem uma metodologia específica para a produção dos vídeos e pouco registro documental (projeto, roteiro e vídeo) impresso ou digital das partes (professores e alunos) envolvidas na produção audiovisual realizada na escola.

Notamos que o processo de autoria na produção de vídeos dentro da escola normalmente envolve: de um lado o professor, que solicita aos seus alunos uma interpretação

dos conteúdos da sua disciplina (matemática, português, ciências, educação artística, geografia, história e etc.) com o auxílio de pesquisa em livros, revistas, jornais e da internet para construção de um vídeo que retrate estes conteúdos no seu ambiente social ou educacional, envolvendo sua cultura local ou regional através de filmes curtos (curta-metragem) que geralmente são realizados nos formatos; vídeo clip (pequenas filmagens, imagem/fotos, textos e muita música) ou documentário (entrevistas, imagens/fotos e textos). E ao tentar reproduzir estes conteúdos aprendidos na disciplina através de uma linguagem audiovisual, que se inicia na construção de um texto guia (roteiro), os alunos começam a elaborar uma narrativa cinematográfica que irá definir quem serão os principais atores que estarão envolvidos direta e indiretamente no vídeo. Com o roteiro em mão eles definem onde serão os locais de filmagem, quais materiais serão utilizados nas cenas, os tipos de músicas e duração do filme.

Após os detalhes da pré-produção e o alinhamento que foi direcionado pelo professor da disciplina, o aluno ou o grupo de alunos, entram na fase de produção/filmagem, transformando o roteiro em filme, ou seja, o material escrito e impresso em um material digital no formato de vídeo. Nesta fase, os alunos estão livres para “desenhar” com a sua câmera ou celular as histórias, os espaços, os personagens, os conflitos e os diálogos que serão transformados em uma “mensagem” que será transmitida para os outros alunos da turma ou escola, para o professor e, se for disponível na internet, será visto pelo público da grande rede de computadores que pesquisarem sobre o tema abordado no filme. E para transformar o material filmado na “mensagem”, no vídeo que será exibido, os alunos passam para fase de pós-produção. Fase esta que requer maior conhecimento técnico das ferramentas digitais (*softwares* de edição), para transformar o “material bruto” filmado em um vídeo que tenha sintonia entre; imagens, sons, transições e efeitos. Após este processo que envolveu a pré-produção, produção e pós-produção de um vídeo para uma atividade educacional, os alunos unem o conhecimento dos conteúdos da disciplina com os conhecimentos técnicos para produção de um vídeo, envolvendo diretamente um processo de autonomia e autoria na relação professor/aluno.

Nesta perspectiva, observa-se a “autonomia” no sentido dos alunos buscarem resolver os problemas por si próprios e terem a iniciativa de ações para solucionar questões sem o auxílio direto do professor e “autoria” no sentido dos alunos serem produtores e criadores da mensagem, realizadores de um vídeo desde a sua concepção escrita até a exibição do material audiovisual na escola. E quando falamos de autonomia, Paulo Freire (1996) relata que:

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei dever ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isto exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos. O ideal é que, cedo ou tarde, se invente uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação. É que o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo. (p.26)

Freire nos ensina que ao delegar responsabilidades ao aluno, para que ele tenha autonomia sobre o processo de produção de uma atividade ou tarefa, o docente deve compreender todos os fatos que envolvem esta prática educativa, dentro de um conceito ético, visando diminuir a distância entre a teoria e prática, respeitando à autonomia, à dignidade e à identidade deste aluno. Daí a necessidade de “nós docentes”, estarmos continuamente realizando uma reflexão crítica sobre a nossa prática docente, em especial, a nossa relação professor/aluno, para proporcionar que este aluno autônomo se transforme em aluno autor e construtor de textos, vídeos, equipamentos tangíveis e intangíveis no ambiente educacional.

Nesta relação dentro do processo educativo que envolve uma produção audiovisual é inevitável para os alunos não reproduzir em seus vídeos os conceitos ditados na comunicação de massa que os bombardeiam diariamente nas mídias, mesmo tendo um direcionamento do professor para realizar uma análise crítica dos conteúdos e da aplicação dos mesmos na sociedade e no seu cotidiano. Jacques Aumont (2012) no livro “As teorias dos cineastas”, faz um recorte inédito e surpreendente com textos e entrevistas, interagindo com a expressão conceitual do pensamento dos principais diretores de cinema do século XX e descreve através da preocupação didática de Rossellini a importância do cinema para uma análise crítica da sociedade e da sua história, não descartando os problemas que envolvem as produções do cinema comercial e rentável. Para ele:

O cinema é determinado, antes de mais nada, por considerações de conteúdo, as únicas capazes de lutar contra o domínio das mídias. Estas são objeto de profunda suspeita de sua parte: o rádio (a televisão ainda mal existe) e mesmo o cinema, como meio de difusão de massa, tendem a idiotizar os adultos e a tornar as crianças prematuramente adultas; é preciso lutar contra eles, escolhendo os temas e certamente não proposições formais, destituídas de efeito ideológico. A tarefa do cineasta é a busca do tema correto, aquele que permitirá falar da sociedade e da história; baseado em caso real, o do psicotécnico da firma Olivetti, e das situações sociais em que ele se depara, seria possível, por exemplo, fazer um filme que dissesse muito sobre a sociedade. (p. 117)

O autor ratifica a necessidade de uma pesquisa profunda sobre o tema e o cuidado com os detalhes estéticos que formulam a interpretação do público. Esta necessidade para uma produção audiovisual hoje é um grande desafio no campo cinematográfico e também na produção de vídeos educativos dentro da escola. Pois, o acesso exacerbado as informações de pouco conteúdo que estão expostas na internet têm contribuído para formar uma geração cada vez mais alienada para o consumo do descartável, sem visão crítica, política e social. Ainda contribuindo para melhor interpretação sobre a importância do cinema “arte” e sua relação com as novas produções que visam “alienar” e diluir a essência da arte, ou seja, a essência do espaço, do vazio, do lento, do questionamento, da dúvida, do novo, do velho e do feio. Uma produção audiovisual que retrate descobertas e que possa contribuir para a formação deste aluno cada vez mais autônomo e autor no processo de aprendizagem, Jacques Aumont (2012) afirma que:

O cinema, arte nova propícia às descobertas, é uma ferramenta portanto; serve, em última instância, para garantir o jogo social, tratando dos problemas da sociedade segundo os seus próprios recursos, inclusive estéticos e emocionais. As questões do cinema, no fundo, são questões antropológicas. Por isso, ao longo dos anos, o cinema de ficção lhe parece cada vez mais ineficaz, “vã”, porque não consegue “estabelecer ideias gerais e discuti-las”. Só o cinema de propaganda, ou melhor, de vulgarização, é eficaz. O cinema deve colocar-se a serviço direto do político (opção de Grierson e de Vertov), a não ser que opte colocar-se a serviço do saber; essa é a última, cada vez mais confirmada, de Rossellini. (p.116)

E para colocar-se a serviço do saber, da “educação”, a linguagem audiovisual (cinematográfica) deve estar intimamente ligada à “pedagogia da imagem”, a sintonia entre a imagem e som, cujo caráter principal é proporcionar um ambiente de aprendizagem, troca de saberes e múltiplos olhares sobre o tema abordado. A imagem visual e sonora, segundo Anita Leandro (2001), deve compor o mesmo espaço de forma estética, visando transmitir uma mensagem que faça o receptor não recebê-la de forma passiva ou preencher espaços vazios, e sim, despertá-lo para o questionamento político e ético, problematizando as imagens em movimento.

O processo de autoria na educação quando envolve a produção de vídeo na sala de aula está envolvido no processo de autoria no cinema, pois, segue os conceitos de uma produção cinematográfica (pré-produção, produção e pós-produção) e uma linguagem audiovisual que estabeleça ideias para que sejam discutidas.

Para compreendermos melhor o processo de autoria no cinema, Bernardet (1994) afirma que na década de sessenta, a teoria do autor apoiava-se em três premissas:

A primeira que é que a teoria requer “a competência técnica de um diretor tomada como um valor (...) se um diretor não tem competência técnica nem um instinto elementar para o cinema, ele é automaticamente rejeitado fora do pantaleão dos diretores”. A segunda premissa, ou critério técnico de valoração, é “a personalidade distintiva de um diretor (...) um diretor deve apresentar determinadas características de estilos recorrentes, que constituirão sua assinatura. A forma e o movimento de um filme devem ter alguma relação com a forma de um diretor pensar e sentir”. Finalmente, a terceira premissa é “a significação interior, a glória máxima do cinema como arte (...) tal define ideia da significação interior é próxima do que Astruc define como *mise en scène*, mas não completamente”. (p.27)

Então podemos entender que o autor no cinema dentro deste recorte, envolve três premissas segundo Bernardet; competência técnica, personalidade distintiva (características de estilo recorrente) e a significação interior. Percebemos que estas premissas também fazem parte de certa forma do processo de autoria de vídeos no ambiente educacional, onde os alunos em suas produções detêm; a competência técnica para realizarem as etapas de pré-produção, produção e pós-produção; na personalidade distintiva que deve apresentar características de estilos recorrentes para constituir uma assinatura, os alunos desta geração estão pautados em uma assinatura coletiva, proveniente dos meios de comunicação de massa, devido ao acesso e ao compartilhamento dos vídeos nas redes sociais e seguindo o estilo que está no “topo da onda”; e na significação interior, os alunos encaram a encenação como um momento de celebração, de liberdade e alegria, transformando todo material que foi escrito, discutido, planejado e filmado em arte, em sua autoria, sua obra, sua “glória máxima”.

Não podemos esquecer que este processo de autoria na escola ainda é sinônimo de muito debate na esfera dos aspectos legais e na circulação, veiculação e direitos sobre a obra audiovisual. E para entendermos melhor como funciona este mecanismo, segundo a Lei nº 9610 de fevereiro de 1998, que regula os direitos autorais em obras audiovisuais no Brasil, inicialmente no Art. 5º, VII, define que obra audiovisual é:

[...] i) a que resulta da fixação de imagens com ou sem som, que tenha a finalidade de criar, por meio de sua reprodução, a impressão de movimento, independentemente dos processos de sua captação, do suporte usado inicial ou posteriormente para fixá-lo, bem como dos meios utilizados para sua veiculação. (BRASIL, 1998)

Após esta definição da obra audiovisual, a Lei ampara com detalhes sua proteção no Título II – Das Obras Intelectuais, Capítulo I – Das Obras Protegidas, dentro do Art. 7º, da seguinte forma; “são obras intelectuais protegidas as criações do espírito, expressas por

qualquer meio ou fixadas em qualquer suporte, tangível ou intangível, conhecido ou que se invente no futuro, tais como: [...] VI - as obras audiovisuais, sonorizadas ou não, inclusive as cinematográficas [...]” (BRASIL, 1998). Neste ponto da Lei observamos que a obra audiovisual produzida na escola enquadrasse no aspecto legal e possui proteção intelectual do material escrito e audiovisual que são produzidos por alunos e professores no ambiente educacional. No Capítulo II, a Lei descreve os detalhes Da Autoria das Obras Intelectuais e expressa no seu texto que:

Art.11. Autor é a pessoa física criadora de obra literária, artística ou científica.

Parágrafo único. A proteção concedida ao autor poderá aplicar-se às pessoas jurídicas nos casos previstos nesta Lei.

Art. 12. Para se identificar como autor, poderá o criador da obra literária, artística ou científica usar de seu nome civil, completo ou abreviado até por suas iniciais, de pseudônimo ou qualquer outro sinal convencional.

Art. 13. Considera-se autor da obra intelectual, não havendo prova em contrário, aquele que, por uma das modalidades de identificação referidas no artigo anterior, tiver, em conformidade com o uso, indicada ou anunciada essa qualidade na sua utilização.

Art. 17. É assegurada a proteção às participações individuais em obras coletivas.

§ 1º Qualquer dos participantes, no exercício de seus direitos morais, poderá proibir que se indique ou anuncie seu nome na obra coletiva, sem prejuízo do direito de haver a remuneração contratada.

§ 2º Cabe ao organizador a titularidade dos direitos patrimoniais sobre o conjunto da obra coletiva.

§ 3º O contrato com o organizador especificará a contribuição do participante, o prazo para entrega ou realização, a remuneração e demais condições para sua execução. (BRASIL, 1998)

Observamos na citação acima que a Lei nº 9610/98, descreve o autor como o criador da obra literária, artística ou científica e garante a proteção dos direitos autorais independente do registro, mas o autor pode registrar sua obra conforme sua natureza no Escritório de Direitos Autorais da Fundação Biblioteca Nacional (registro de obras literárias, desenhos e músicas), no Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (registro de obras de engenharia, arquitetura e urbanismo), na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (registro de obras de artes visuais) e na Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (registro de obras musicais), com devido registro nos órgãos regulamentados, o autor detém os direitos morais e patrimoniais sobre a obra.

A nossa legislação tenta proteger os autores em vários aspectos, mas, diante da revolução tecnológica e o acesso irrestrito aos conteúdos digitais na internet, a cada dia cresce desrespeito aos direitos autorais no ambiente digital, causando uma batalha judicial dentro e

fora do nosso país. E hoje existe grande preocupação na área da educação, no que se refere às produções audiovisuais realizadas na escola, pois, geralmente, estas produções são postadas na internet sem segurança, podendo ser manipulada de forma indevida.

Na página do *youtube*, estão disponíveis diversos vídeos que foram manipulados de forma irresponsável, denegrindo imagens e som dos personagens, causando um grande constrangimento aos produtores e autores da obra, podendo gerar processos civis e criminais. Por isso, além da autorização escrita dos sujeitos que são filmados e dos espaços físicos do filme, é necessário o cuidado com a postagem em ambientes virtuais que possuam bloqueios de segurança contra *download*, visando manter a integridade física do vídeo, evitando a manipulação e reprodução indevida. Estes cuidados devem fazer parte da integridade do material digital através de normas e regulamentos descritos no regimento interno das escolas.

Existe hoje um grande dilema, quem é o autor da obra? a escola ou os alunos! Para efeito legal o Art. 5º, descreve que:

Para os efeitos desta Lei considera-se:

VIII - obra:

i) audiovisual - a que resulta da fixação de imagens com ou sem som, que tenha a finalidade de criar, por meio de sua reprodução, a impressão de movimento, independentemente dos processos de sua captação, do suporte usado inicial ou posteriormente para fixá-lo, bem como dos meios utilizados para sua veiculação;

[...] Da Autoria das Obras Intelectuais

Art. 11. Autor é a pessoa física criadora de obra literária, artística ou científica.

Art. 16. São co-autores da obra audiovisual o autor do assunto ou argumento literário, musical ou lítero-musical e o diretor.

[...] Dos Direitos do Autor

Capítulo I

Disposições Preliminares

Art. 22. Pertencem ao autor os direitos morais e patrimoniais sobre a obra que criou.

Art. 23. Os co-autores da obra intelectual exercerão, de comum acordo, os seus direitos, salvo convenção em contrário.

[...] Da Utilização da Obra Audiovisual

Art. 81. A autorização do autor e do intérprete de obra literária, artística ou científica para produção audiovisual implica, salvo disposição em contrário, consentimento para sua utilização econômica.

§ 1º A exclusividade da autorização depende de cláusula expressa e cessa dez anos após a celebração do contrato.

§ 2º Em cada cópia da obra audiovisual, mencionará o produtor:

I - o título da obra audiovisual;

II - os nomes ou pseudônimos do diretor e dos demais co-autores;

III - o título da obra adaptada e seu autor, se for o caso;

IV - os artistas intérpretes;

V - o ano de publicação;

VI - o seu nome ou marca que o identifique.

VII - o nome dos dubladores. (Incluído pela Lei nº 12.091, de 2009).
(Brasil, 1998)

Em análise a este artigo da Lei nº 9610/98, podemos destacar que uma obra audiovisual produzida para atividades educacionais da escola é uma obra audiovisual coletiva que deve mencionar os dados da escola, disciplina, alunos, atores e ano de publicação. Sendo assim, a obra audiovisual que integra os sujeitos da escola para finalidade de vídeo educativo, utilizando ou não os espaços da escola, possui a escola como o seu representante legal para veiculação e distribuição.

No próximo capítulo faremos uma análise sobre as contribuições da relação entre a Educação e Comunicação enquanto ciência na prática pedagógica e como estas áreas comungam para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem na relação professor/aluno, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento da Pedagogia da Imagem no contexto da sala de aula e a produção de vídeos como processo de autoria na relação educador / educando.

Capítulo 3 - Educação e Comunicação na prática pedagógica

A prática pedagógica no ambiente educacional envolve diretamente conteúdos e currículos que se interligam em atividades e projetos na escola em diferentes relações interdisciplinares e transdisciplinares, envolvendo diretamente o cotidiano do ambiente social deste aluno através da sua cultura e dos seus hábitos. Percebe-se que a área da Comunicação está cada dia mais presente na Educação, através de recursos pedagógicos que utilizam revistas, jornais, rádio, televisão, cinema e mídias digitais no ambiente educacional para proporcionar aos alunos uma leitura crítica e reflexiva sobre a comunicação de massa e o consumo exarcebado de produtos descartáveis, desenvolvendo em conjunto com os conteúdos disciplinares uma formação cidadã, ética e política. Criar espaços para discutir este processo comunicativo na prática pedagógica, incluindo o discente de forma ativa neste processo é fundamental para a construção do conhecimento e do “diálogo vivo” na sala de aula. Dentro desta perspectiva que envolve a Educação e Comunicação na prática pedagógica, conto com o apoio do grande educador Paulo Freire e suas obras para direcionar a minha dissertação neste capítulo e contribuir para um texto próximo do nosso cotidiano na sala de aula. Segundo ele:

Não pode perceber que somente na comunicação tem sentido a vida humana. Que o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação. Por isto, o pensar daquele não pode ser um pensar para estes nem a estes imposto. Dai que não deva ser um pensar no isolamento, na torre de marfim, mas na e pela comunicação, em torno, repitamos de uma realidade.

E, se o pensar só assim tem sentido, se tem sua fonte geradora na ação sobre o mundo, o qual mediatiza as consciências em comunicação, não será possível a superposição dos homens aos homens. (FREIRE, 1987, p.37)

Esta intercomunicação dentro da realidade, do cotidiano do nosso aluno, do diálogo entre as partes, com respeito entre as partes, se faz cada vez mais necessária no ambiente educacional para que possamos realmente democratizar o ensino e, conseqüentemente, proporcionar para o educando um espaço de debate, crítica e reflexões. Devemos, nós professores, democratizar e produzir na sala de aula, meios de comunicação para ampliar o repertório intelectual deste aluno e prepará-lo para uma formação ética, estética, cidadã e sustentável.

Discutir também em sala de aula qual é o papel da comunicação na sociedade contemporânea é um fator de extrema importância para que este educando possa compreender que ter acesso as informações não garante que ele tenha conhecimento, que ao produzir ou reproduzir esta comunicação em meios físicos e digitais devem seguir princípios éticos e estéticos, para que esta mensagem possa ser validada e compreendida pelos receptores a quem a mensagem foi destinada. Este processo de comunicação na escola, mesmo ainda lento quando envolve as novas tecnologias, deve formar este educando para ser autor de seus textos, vídeos, *spot*, *jingle*, blog e etc., sendo responsável por seus conteúdos físicos ou virtuais que, inevitavelmente, ficarão disponíveis nos ambientes digitais.

A sociedade vive tempos de mudança e a educação não deve ficar atrelada aos moldes tradicionais de ensino. Os valores éticos, étnicos e culturais estão sendo perdidos e a velocidade das informações, a virtualidade (redes sociais), a sexualidade e o preconceito fazem parte de cotidiano discente que não vê na escola respostas para as suas perguntas, dúvidas e insatisfações. Nesta perspectiva, a professora Tania Maria Esperon Porto, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, relata em seu artigo que o processo de formação docente com linguagens comunicacionais se deve:

A formação docente, segundo a pedagogia da comunicação, é responsabilidade não só da academia, mas do espaço onde a ação acontece. Uma formação, neste sentido, está aberta a novas experiências, novas maneiras de ser, de se relacionar e de aprender, estimulando capacidades e idéias de cada um; proporcionando vivências que auxiliem professores e alunos a desenvolverem a sensibilidade e a refletirem e perceberem seus saberes (de senso comum) como ponto de partida para entender, processar e transformar a realidade (2006, p.50).

Diante de um mundo globalizado e ditador de regras, a mídia nos impõe diariamente o excesso de informações, indústrias do descartável e desvalorização da educação. Discutir as relações entre as mídias (comunicação) e o trabalho pedagógico escolar para formar cidadãos críticos, éticos, reflexivos e responsáveis socialmente, diante desta grande rede que envolve a área da comunicação e educação é dever do docente no cotidiano de sua prática, pois, percebemos que a escola possui um papel fundamental na formação dos cidadãos. E tentar compreender o papel da escola neste novo cenário para propor novos espaços educativos que envolva uma formação docente consciente da sua responsabilidade para desenvolver uma pedagogia crítica na perspectiva de estudar imagens e suas complexidades é o grande desafio para compreender o importante papel do campo da Comunicação dentro da Educação. E para

entendermos melhor esta nova construção complexa que já faz parte do nosso cotidiano escolar a professora e pesquisadora Maria Aparecida Baccega, nos ensina que:

Aí está a base da construção do campo comunicação/educação como novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes. Trata-se de tarefa complexa, que exige o reconhecimento dos meios de comunicação como um outro lugar do saber, atuando juntamente com a escola e outras agências de socialização. O encontro comunicação/educação leva a nova metassignificação, ressemantizando os sentidos, exigindo, cada vez mais, a capacidade de pensar criticamente a realidade, de conseguir selecionar informação (disponível em número cada vez maior graças à tecnologia) e de inter-relacionar conhecimentos. O desafio, hoje, é a interpretação do mundo em que vivemos, uma vez que as relações imagéticas estão carregadas da presença da mídia. Trata-se de um mundo construído pelos meios de comunicação, que selecionam o que devemos conhecer, os temas a serem pautados para discussão e, mais que isso, o ponto de vista a partir do qual compreenderemos esses temas. (2004, p.123)

A autora descreve com clareza o desafio que temos pela frente no ambiente educacional, onde o público discente está cada vez mais mergulhado na cultura midiática em uma velocidade virtual nunca vista em nosso meio, ou mesmo, em nossa formação docente. Interpretar este mundo, ou “novo cenário”, não é uma tarefa fácil e exige de nós educadores, um “ato de reeducar”, ou seja, rever a nossa prática docente e entender um pouco mais da cultura e comunicação de nossos alunos para podermos criar uma relação mais próxima e, aí sim, proporcionar um ambiente favorável para aprendizagem, unindo o conhecimento das novas Tecnologias da Informação e Comunicação dentro de uma linguagem mais próxima da realidade dos alunos, aliada aos conteúdos disciplinares.

E na busca de compreendermos melhor este desafio que envolve o campo da comunicação na relação direta entre escola, sociedade e tecnologia, o professor Nelson Pretto, pesquisador da Faculdade de Educação da Bahia da Universidade Federal, descreve em artigo que publicou em conjunto com o professor Cláudio da Costa Pinto para a Revista Brasileira de Educação que:

Por agora, acreditamos ser importante retomar a idéia de que, mesmo com todas essas possibilidades, percebemos que o processo de informatização da sociedade, fortemente articulado com todos os sistemas midiáticos de comunicação, não se estabelece *per se*, como se fosse apenas mais uma atualização dos meios tradicionais de comunicação, de envio e recebimento de dados, informações e imagens. Tais sistemas constituem-se em elementos estruturantes (Pretto, 1996) de uma nova forma de ser, pensar e viver. A dimensão estruturante das tecnologias da informação, que Pierre Lévy (1993) denomina de *tecnologias coletivas* ou *tecnologias da inteligência*,

tem mexido muito com todos nós, especialmente os educadores. Isso porque essas tecnologias, antes entendidas como meras extensões dos sentidos do homem, hoje são compreendidas como algo muito mais profundo, que interfere com o próprio sentido da existência humana. A relação homem-máquina torna-se uma relação fundada em outros parâmetros, não mais de dependência ou subordinação, mas uma relação que implica o aprendizado dos significados e significantes inerentes a cada um, e também o imbricamento desses elementos. (PRETTO; PINTO, 2006, p.22)

Para Pretto e Pinto, os elementos estruturantes de uma nova forma de ser, pensar e viver com a tecnologia, implica na fusão entre os equipamentos tecnológicos e os processos cotidianos de um cidadão, ou seja, hoje as pessoas estão cada vez mais dependentes de algum equipamento tecnológico na sua vida social ou profissional. Em casa, na rua ou no trabalho, as pessoas estão conectadas, seja por lazer, estudo, pesquisa ou atividade profissional. E esta nova relação que surge no âmbito social não pode ficar de fora das discussões acadêmicas e, nem tão pouco, fora do ambiente escolar, onde as discussões devem incluir o novo modelo social tecnológico, móvel e conectado que já faz parte dos nossos alunos independente das classes sociais, pois hoje, quase todos os nossos alunos já possuem um aparelho de telefone celular, digo *smartphone*, telefone móvel inteligente com funcionalidades avançadas que podem ser estendidas por meio de programas executados por seu sistema operacional que permitem desenvolvedores de milhares de programas adicionais, com diversas utilidades, agregados em sites com capacidade de conexão com redes de dados para acesso à internet e capacidade de sincronização dos dados do organizador com um computador pessoal. Este “multi-aparelho”, além das funcionalidades de vídeo, áudio e jogos, mantém os nossos alunos conectados quase que “24 horas” por dia. E com este novo cenário que invade o espaço educacional deve criar estratégias pedagógicas para debater os pontos positivos e negativos desta nova forma de ser, pensar e viver.

Uma nova tecnologia de comunicação surge a cada dia, minuto e segundo. E estes novos equipamentos, *home pages*, jogos e softwares invadem as escolas como moda e novidade, distanciando cada vez mais o diálogo entre educar e o educando. A inspiração para construção de uma pedagogia da imagem voltada para a prática de liberdade, autoria, saberes diferentes, diálogo e inovação está dentro dos ensinamentos da metodologia transformadora de Paulo Freire, que segundo ele “não há docência sem discência, as duas se explicam, e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender” (1996, p. 12).

Freire sempre esteve à frente do seu tempo e, diante do seu relato, nos faz refletir sobre nossa prática docente, sobre o nosso autoritarismo no cotidiano escolar e sobre os

espaços mínimos que destinamos a este aluno “conectado” e “interligado” no ambiente cada vez mais virtual. Abrir espaços na escola para este novo ambiente tecnológico que une as áreas da Educação e da Comunicação é um grande desafio para que possamos aprender com este educando os novos processos de comunicação e, diante desta atitude, poderemos buscar solução para situações problemas que vivenciamos no cotidiano escolar.

E diante deste novo paradigma na educação:

[...] o papel da escola redefine-se: não basta falar em educação para os meios ou em leitura crítica dos meios, como se os meios de comunicação fossem uma realidade externa, “de fora”. A escola precisa, portanto, não apenas problematizar o conteúdo dos meios, mas mostrar a interface desse conteúdo com os valores hegemônicos da sociedade e com os interesses que aí residem (ainda que se trate de uma etapa indispensável). Não basta, também, discutir as propostas dos programas midiáticos em confronto com as propostas culturais dos receptores; devem-se desvelar as convergências e divergências.

Mais que isso: é preciso falar, agora, dessa construção de sentidos sociais que se dá no encontro produtos midiáticos/receptores, no bojo da construção das práticas culturais, da construção da cidadania. É desse lugar que devemos nos relacionar com eles. (BACCEGA, 2004, p.132-133)

Para a autora a compreensão da leitura das imagens nas diferentes mídias, não se faz somente na teoria ou no abstrato, mas em contexto, na busca de um objetivo concreto que será utilizado no processo de ensino-aprendizagem para construção de sentidos sociais, práticas culturais que formarão cidadãos críticos e reflexivos, diante da avalanche de produtos midiáticos que são bombardeados todos os dias. Devemos propor um agir educativo dentro da escola que compreenda o lado de fora, o seu bairro, a sua atividade econômica, a sua cultura, as atividades de lazer e esporte, não se esquecendo de tratar também os problemas que envolvem esta região, nos aspectos; político, econômico e social, para propor em conjunto, alternativas viáveis para solução dos mesmos.

Este trabalho em grupo nos revela uma educação como prática de liberdade, que segundo Freire, desperta o:

Agir educativo que, não esquecendo ou desconhecendo as condições culturais de nossa formação paternalista, vertical, por tudo isso antidemocrática, não esquecesse também e sobretudo as condições novas da atualidade. De resto, condições propícias ao desenvolvimento de nossa mentalidade democrática, se não fossem distorcidas pelos irracionalismos. E isto porque, às épocas de mudanças aceleradas, vem correspondendo uma maior flexibilidade na compreensão possuída pelo homem, que o pode predispor a formas de vida mais plasticamente democráticas. (FREIRE, 2002, p. 91)

Esta flexibilidade já faz parte do cotidiano do nosso aluno e Freire nos alerta para conhecermos melhor as suas condições culturais e compreender que é necessário um agir educativo para aproximá-lo do processo de ensino-aprendizagem para torná-lo um sujeito ativo nesta relação que ultrapassa os muros da escola. Formar um cidadão político que compreenda as necessidades sociais e os seus direitos, um aluno autor e criador de obras, também faz parte do agir educativo ao qual descreveu Paulo Freire. O docente hoje pode utilizar os meios de comunicação ao seu favor na escola, pode despertar nos alunos o desejo de conhecer no ambiente virtual o funcionamento político, por exemplo, conhecer as funcionalidades de uma Câmara de Vereadores (composição dos vereadores, funções, projetos de leis e etc.), Leis Municipais, arrecadações, investimentos públicos do seu Município. O espaço educacional pode e deve proporcionar uma linguagem pedagógica próxima do seu aluno, dos problemas e das possíveis soluções da sua sociedade, unindo a área da educação com a área da comunicação para transmitir uma mensagem que possa ser compreendida e debatida na sala de aula. E não só uma linguagem, mas sim, uma política educacional que favoreça a integração entre estas grandes áreas para desenvolver um sistema educacional com múltiplos espaços educacionais, como afirma Pretto e Pinto:

A escola, e voltamos aqui a falar dela, passa a ter que conviver com uma meninada que se articula nas diversas tribos, que opera com lógicas temporais diferenciadas, uma juventude que denominamos, em outros textos, de geração alt+tab,5 uma geração de processamentos simultâneos...

Obviamente, intensifica-se dessa forma o trabalho do professor, já que a escola e todo o sistema educacional passam a funcionar com outros tempos e em múltiplos espaços, diferenciados. Não deixa de ser, no entanto, esse um rico momento para repensarmos as políticas educacionais na perspectiva de resgatar a dignidade do trabalho do professor, com a retomada de sua autonomia e, com isso, experimentar novas possibilidades com a presença de todos os novos elementos tecnológicos da informação e comunicação. (2006, p.24)

Estas novas possibilidades no ambiente educacional favorecem a formação do aluno autor e autônomo, e as novas tecnologias da informação e comunicação despertam neste aluno o desejo de construção, inovação e transformação na sala de aula. E mesmo com as dificuldades que encontramos no sistema educacional tradicional e a falta de equipamentos adequados na escola, podemos proporcionar um ambiente mais ativo, dinâmico e reflexivo em nossa prática docente, envolvendo mais a área da comunicação na educação, utilizando de forma estratégica os equipamentos dos próprios alunos, em especial, “os celulares” (equipamento que quase todos os alunos possuem), para que este equipamento possa construir

uma mensagem ou mensagens, sejam elas em texto, foto ou vídeo, cujo teor dessa atividade possa proporcionar uma relação ativa entre o docente e os discentes na sala de aula. E a partir desta relação entre educação, comunicação e as novas tecnologias, iremos debater no próximo tópico a relação da Educação no Mundo Tecnológico.

A Educação no Mundo Tecnológico

Nós educadores, devemos acompanhar a evolução do mundo tecnológico, da cultura e dos processos educacionais através da quebra de paradigma que envolve os modelos tradicionais de ensino. Diante destes aspectos fundamentais para estabelecer o diálogo, compreender a cultura local e estabelecer um trabalho coletivo, Paulo Freire (1967), propõe uma educação corajosa que desperte uma nova postura diante dos problemas dentro e fora da sala de aula.

Estas propostas inovadoras para época, causaram transformações e debates no ambiente escolar que ultrapassaram as fronteiras do Brasil, revolucionando a prática pedagógica no mundo. As barreiras encontradas por Paulo Freire no cotidiano escolar do Sistema Educacional Nacional tiveram sua origem no século XIX, como relata o professor Demerval Saviani no livro *Histórias das Ideias Pedagógicas no Brasil*. Segundo ele na segunda metade do século XIX o Sistema Educacional:

Além das limitações materiais, cumpre considerar, também, o problema relativo à mentalidade pedagógica. Entendida como a unidade entre a forma e o conteúdo das ideias educacionais, a mentalidade pedagógica articulada à concepção geral do homem, do mundo, da vida e da sociedade com a questão educacional. Assim, numa sociedade determinada, dependendo das posições ocupadas pelas diferentes forças sociais, estruturam-se diferentes concepções filisófico-educativa às quais correspondem específicas mentalidades pedagógicas (SAVIANI, 2010 p.167).

Mesmo hoje, diante do século XXI, ainda enfrentamos na escola muitos sistemas falidos, limitação de materiais pedagógicos (tecnológicos ou não) e mentalidade pedagógica fora do universo sociocultural dos alunos, dos avanços tecnológicos e da utilização da mídia na sala de aula. Estes problemas não surgiram agora e, acompanham a educação desde o início de sua história, por isso, tamanha dificuldade em sanar anos e anos de abandono, descaso e falta de responsabilidade dos governantes com a educação. E na contra mão da educação, o mundo caminha cada vez mais rápido e tecnológico, necessitando de um processo

educativo que consiga acompanhar tamanha evolução e, este cenário demonstra um verdadeiro paradoxo entre as partes. Onde existe um total investimento para novas tecnologias, exploração e crescimento e um total descaso na formação intelectual docente e discente, abandono na estrutura das escolas e investimento mínimo nas tecnologias aplicadas á educação. E mesmo diante de tais dificuldades, nós docentes, temos sobrevivido ou estamos sobrevivendo à imersão do sistema tradicional do ensino no mundo contemporâneo e tecnológico.

Às vezes me pergunto como formar propor alternativas para uma formação crítica e reflexiva diante do mundo tecnológico e midiático? E tenho buscado em autores renomados, estratégias pedagógicas para minimizar o gargalo entre o real e o ideal e, em artigo publicado no livro “Alienígenas na Sala de Aula”, organizado pelo professor Tomaz Tadeu da Silva, o professor e pesquisador Douglas Kellner, demonstra a importância de um alfabetismo crítico em relação à mídia e a necessidade de ampliar as competências cognitivas para sobreviver as constantes inundações diárias proporcionadas por ela. Na visão do autor:

A educação certamente deveria prestar atenção a essa nova cultura, tentando desenvolver uma pedagogia crítica que estivesse preocupada com a leitura de imagens. Um tal esforço seria parte de uma nova pedagogia radical que tentasse ir à raiz de nossa experiência, nosso comportamento e conhecimento e que objetivasse a libertação da dominação e a criação de novos eus, plurais, fortalecidos e mais potentes – ideais característicos tanto da teoria moderna quanto da pós-moderna. (1995, p.109)

Segundo o autor, ler imagens criticamente é propor para este aluno um ambiente de discussões sobre estas imagens, desconstruir o modelo de imagens fechadas e definidas, e sim, contribuir para uma leitura social, econômica, sustentável, estética e política. Envolver este aluno no campo da comunicação e no seu processo que envolve um emissor, receptor e mensagem, onde esta mensagem necessita ter o mínimo de ruído, ou seja, deve ser lida, ouvida ou assistida com a compreensão do receptor. Se este aluno aprende no ambiente educacional este processo comunicativo, a sua leitura de imagens será cada vez mais crítica e reflexiva dentro da avalanche de informações, vídeos, clip’s e etc. E dentro desta perspectiva para uma leitura crítica das imagens, a professora Rosa Maria Bueno Fischer propõe para este educando, o aumento do repertório no ambiente educacional, e segundo ela devemos:

Investir na ampliação de repertório como proposta educacional tem esse sentido: ampliar as possibilidades de estabelecer relações, de ligar um trecho de Chico Buarque e uma cena de Pedro Almodóvar, por exemplo; ou versos de Cecília Meirelles a uma cena de desenho animado fora da grande mídia;

(...) Por que não? As possibilidades são infinitas. E podem propiciar que nós, professores, alunos e alunas, usemos criar um saber-fazer, como ferramentas diferenciadas para pensar de outro modo o presente que vivemos (2007, p. 298).

A escola deve proporcionar aos alunos e professores, estratégias pedagógicas que permitam o desenvolvimento dos conteúdos através de novas metodologias de ensino com o apoio de recursos tecnológicos que estimulem a construção do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades necessárias para o crescimento intelectual. E segundo José Manoel Moran, “a educação precisa incorporar mais as dinâmicas participativas como as de autoconhecimento (trazer assuntos próximos à vida dos alunos), as de cooperação (trabalhos de grupo) e as de comunicação (como o teatro ou a produção de um vídeo)” (1994, p.235). É dever da educação entender este novo ambiente (as novas tecnologias) e proporcionar no seu cotidiano pedagógico, relações práticas da utilização das ferramentas tecnológicas nos conteúdos disciplinares e, respectivamente, no cotidiano dos alunos dentro da sala de aula.

Propor uma relação mais ativa de ambos os agentes, educador e educando, no processo de ensino-aprendizagem, e, para melhor elucidar a importância das novas tecnologias na educação, o professor André Lemos nos ensina que:

[...] as novas tecnologias são interativas, hipertextuais, ou seja, que elas utilizam simulações, interatividade, não linearidade (ou multi-linearidade), multivocalidade e tempo real. Todas essas características são possíveis sem nenhuma mediação tecnológica e vivemos isso no nosso sistema educativo atual, com menor ou maior sucesso. Vejamos. A interatividade é proporcionada pela relação entre alunos e professores, entre os diversos jogos possíveis em práticas pedagógicas e nos trabalhos em grupo. A simulação sempre foi usada em escolas, seja em laboratórios, seja em atividades práticas de outro gênero, onde busca-se construir e experimentar modelos que funcionam como se fossem a coisa real. A multi-linearidade, ou não linearidade pode ser exercitada pelos professores nas mais diversas tarefas que abordem um determinado assunto por caminhos não óbvios ou pré-estabelecidos. O tempo real é a própria classe em atividade, onde as coisas acontecem, ao vivo, entre todos os participantes, alunos e professores. Nesse sentido, o que as novas tecnologias podem fazer é, não exatamente instaurar uma novidade radical, mas forçar a utilização dessas novas dinâmicas. Hoje, em nossas salas de aula, os processos virtualizantes ficam dependentes da maior ou menor competência do professor. Com as tecnologias de comunicação e informação os professores e alunos ficam induzidos a utilizar o potencial hipertextual do meio. Caso contrário, porque usá-lo? Como utilizar a Internet na educação sem exercitar a não linearidade, a interatividade, a simulação e o tempo real? Daí sua importância. As novas tecnologias aplicadas à educação podem recolocar professores e alunos em papéis de agentes de virtualização. (LEMOS, 1999, p.69)

E neste papel de agentes, proporcionar de forma ativa que os processos de comunicação possam ser aliados à educação, envolvendo professor e aluno em um ambiente de aprendizagem compartilhado e multidisciplinar, rompendo a compartimentação de saberes, fazendo circular informações propiciar a construção do conhecimento entre ambos. Lemos (1999), discuti também um fato de extrema importância que é conhecimento tecnológico do professor, pois, como podemos proporcionar um ambiente de virtualização sem um professor virtualizado, ou seja, sem um professor que conheça a utilização mínima das ferramentas tecnológicas aplicada à educação. Dentro deste fato real que vivenciamos na escola hoje, sugiro que todos, colegas professores, sejamos aprendizes das novas tecnologias para que possamos acompanhar o desenvolvimento do mundo e, em especial, do nosso aluno dentro e fora da sala de aula.

O pesquisador e coordenador do Laboratório de Audiovisual da Unicamp professor Milton José de Almeida (2004), diante de sua prática docente e pesquisas publicadas dentro e fora do nosso país, defende que o audiovisual é uma das possibilidades de construir o saber através de uma reflexão crítica no ambiente escolar para que possa reescrever a cultura de seu tempo. E segundo a professora Maria Helena Silveira, estes fatores nos ensinam que:

A educação audiovisual resulta de uma conexão sutil entre participação e crítica, juntando fruição e reflexão. Pensar em repassar ao estudante os termos técnicos quanto a pessoas, equipamentos, locais em que se produzem as peças de cinema, TV ou vídeo e em prepará-lo, para usar o jargão da crítica, pode parecer ensinamento, mas não será aprendizagem. O "glossário" se irá constituindo, na sequência dos trabalhos de apreciação e análise e ao produzir textos que deem conta das reflexões. (SILVEIRA, 1998, p.162)

Silveira (1998) ratifica a necessidade de agentes ativos na relação pedagógica para construção de uma aprendizagem crítica e reflexiva. E que a aprendizagem se dá na participação sequencial de atividades, ou seja, no processo de interação e produção destes agentes no ambiente educacional, que segundo a autora se construíra o "glossário". E, a partir da citação acima podemos perceber que a utilização de ferramentas tecnológicas na sala de aula não constitui qualidade na educação, não constitui um ambiente de aprendizagem pleno para o aluno, e sim, o modo como estes recursos audiovisuais são utilizados, como estes agentes se apropriam destes recursos para construção de saberes diferentes e novos saberes. Para o filósofo Pierre Lévy, um grande incentivador da inteligência coletiva, o docente deve propiciar a aprendizagem e o conhecimento na sua prática pedagógica e segundo ele, "os

professores aprendem ao mesmo tempo em que os estudantes e atualizam continuamente tanto os seus saberes “disciplinares” como as suas competências pedagógicas” (1999, p.171).

Tentando entender este processo e responder algumas destas perguntas, a pesquisadora Leila Lopes de Medeiros⁴, nos trás em artigo publicado na Revista Em Aberto, uma citação muito importante para compreendermos as concepções pedagógicas ligadas ao processo de implementação das TCI's na educação e, para ela:

A inserção das tecnologias em uso na sociedade nos ambientes educacionais não constitui em si uma novidade; no entanto, é comum verificar um lapso de tempo entre a disseminação dessas tecnologias na sociedade e sua utilização com finalidade pedagógica, mesmo nos países mais ricos. Além disso, é comum ocorrer certa adequação de novos recursos a formas cristalizadas de encarar o ensino e a aprendizagem.

Em alguns casos, concepções pedagógicas decorrentes de avanços na compreensão de processos psicológicos, de apropriação da realidade, não encontram na escola tecnologias que as potencializem.

[...] Talvez o aspecto mais interessante da inserção das TIC na educação, do ponto de vista pedagógico, seja a oportunidade de encarar as questões educacionais sob um ponto de vista mais centrado no processo de ensinar e aprender. Em um contexto no qual se desenvolvem mecanismos que permitam um estado de constante aprendizagem, aprender se transforma em necessidade cotidiana, já que a cada momento surgem novas e desafiadoras descobertas científicas e tecnologias que se incorporam às atividades econômicas e sociais e acarretam novos processos de produzir e usufruir bens e serviços que precisam ser avaliados criticamente. [...]

A aprendizagem não se faz no vazio, mas, da mesma forma, cumprir rigorosamente currículos e programas não garante uma aprendizagem qualitativa, estimuladora de novas aprendizagens. (2009, p.142-143)

Este estado de constante aprendizagem, dito pela autora, deve ser inicialmente estimulado nas escolas de formação de professores, posteriormente definido com regras claras pelo sistema educacional de ensino (seja ele público ou privado) e por último, incorporado de forma natural pelo educador, como sendo um processo de contínuo aperfeiçoamento e aprendizagem para promoção de uma prática docente de qualidade que diminua a distância entre o docente e o cotidiano do seu aluno, através de conteúdos escolares que permitam atividades ligadas ao ambiente cultural e social do aluno. Formar aprendiz é trabalhar dentro da realidade do aluno e estimular sua capacidade de transformar esta realidade em oportunidade e, despertar neste educando o desejo de superar desafios que surgirão durante toda sua vida.

⁴ Foi Diretora do Departamento de Produção e Capacitação em EAD da SEED-MEC e Coordenadora de Projetos em EAD da Coordenação Central de Educação a Distância da PUC-Rio. Foi Coordenadora do Curso de Licenciatura em Pedagogia, a distância, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. É Professora Assistente do Departamento de Didática da UNIRIO.

Para elucidar melhor esta relação dos sujeitos que compõe o processo educativo, Medeiros relata que o processo para formar um aluno autor neste ambiente midiático se dá mediante:

[...] A "leitura" das diferentes mídias, quando considerada como uma prática pedagógica, exige um cuidado específico, diferente do que ocorre em situação de entretenimento. Tanto professores quanto estudantes precisam ter clareza de que elas constituem um material de trabalho e não um recurso para cumprir uma agenda escolar pré-estabelecida. Um bom vídeo ou um texto instigante devem levar estudantes e professores a buscar mais informações, a debater, a confrontar suas ideias com as apresentadas e com as informações coletadas. Além disso, deve haver oportunidades para que possam "reconstruir" o material original a partir de seus estudos. E as próprias mídias podem ser usadas para tal.

Professores e estudantes passam a ser não apenas consumidores das mídias, mas, igualmente, produtores de mídia. Elas se transformam em suportes para a produção de seu conhecimento, de seu trabalho autoral. Assim, além de um insumo pedagógico, as mídias e suas linguagens contribuem para que a ação que se desenvolve na escola se torne bem mais significativa do que as tarefas usuais ou os exercícios de memorização, repetição e reforço.

Produzir mídias requer, além do equipamento necessário, um relativo domínio desses equipamentos e das respectivas linguagens. Isso não significa transformar a escola em centro de produção de impressos, de programas de TV e de rádio, mas implica, sim, o fato de que as linguagens e os procedimentos básicos para estruturar um texto informativo e apresentá-lo em diferentes suportes, capturar sons e imagens e documentar eventos relevantes passem a constituir habilidades a serem também desenvolvidas na escola. (2009, p.146)

Realmente é necessário que escola tenha o mínimo de equipamentos necessários para que este processo de construção do conhecimento possa ser realizado, mas, diante de tantos problemas relacionados ao tema, temos visto escolas produzirem excelentes materiais audiovisuais com laboratórios de informática que possuem um número insuficiente de máquinas para os alunos (geralmente acima de três alunos por máquina) e o auxílio do “super-celular” (*smartphone* – telefone inteligente), aparelho telefônico que exerce diversas funções (rádio, TV, internet, máquina fotográfica, filmadora e outras) e ainda possui sistemas operacionais que realizam quase todas as funções de um computador portátil. E paradoxalmente, estes aparelhos extremamente caros, estão em todas as camadas sociais, ou seja, as escolas públicas estão repletas deles, causando um verdadeiro movimento midiático no corpo discente do sistema educacional no Brasil e no mundo. E, diante desta nova realidade estão os educadores dentro de um sistema tradicional de ensino (conteúdos programáticos com pouca flexibilidade e um modelo de avaliação muito questionado pelos

docentes) e os alunos interconectados vinte quatro horas por dia (detentores da cultura digital, geralmente superficial, entre o portal do facebook, youtube e e-mail).

O leitor, em especial o colega educador, neste momento deve afirmar que; “é realmente impossível realizar um trabalho de qualidade na educação hoje!”, “os alunos estão impossíveis de se compreender e sem educação”, “os alunos são difíceis de aturar”, “eles (alunos) não querem nada”, “o ambiente escolar está mais difícil a cada dia”, “como lutar contra uma ‘praga’ (tecnologia) que cresce a cada minuto e invade a minha sala de aula” e “Não ganho para isso!”. Estes são alguns questionamentos docentes que continuamente são discutidos na sala dos professores. E como podemos entender este aluno midiático e conectado, que vê na escola mais um espaço de comunicação entre os colegas? Como aprimorar a prática docente concernente às novas tecnologias? Como superar estes desafios da sala de aula? Para tentar responder a estas perguntas, temos alguns caminhos traçados pela professora Rosa Maria Bueno Fischer, que publicou um artigo sobre a linguagem audiovisual e a representação, envolvendo as máquinas de imagens e práticas pedagógicas e, para ela:

Cada vez que uma nova tecnologia de comunicação surge, cada vez que uma nova máquina de imagens se impõe, ela chega como moda e novidade e parece colocar na sombra “máquinas” anteriores: em sequencia, é o que aconteceu com o surgimento da fotografia, do cinema, da televisão, do vídeo, da imagem digital e da informática.

[...] Em outras palavras, instrumentos como a máquina fotográfica, a câmera de vídeo, a filmadora, organizam nosso olhar, apontam caminhos muito concretos de como podemos e devemos “apreender o real”, como podemos e devemos “enquadrar” rostos, cenas, corpos, sentimentos até. Mas se considerarmos não apenas o sujeito que usa a máquina, capta e fixa as imagens, mas aquele que as recebe, o espectador do cinema e da televisão, por exemplo, temos que se abre aí um campo riquíssimo para estudiosos de diversas áreas do saber, sobretudo para educadores ocupados com as transformações nos modos de aprender: o fato é que à dimensão tecnológica se associa sempre uma dimensão simbólica fundamental.

Ou seja, estudar as imagens, os processos de produção de materiais audiovisuais, as diferentes formas de recepção e uso das informações, narrativas e interpelações de programas de televisão, filmes, vídeos, jogos eletrônicos, corresponderia, ao meu ver, a práticas eminentemente pedagógicas e indispensáveis ao professor que atua nestes tempos. (2007, p.296)

A proposta da autora não é uma solução imediata, mas sim, um caminho possível para entendermos um pouco sobre estas imagens do cotidiano escolar e como os alunos se apropriam delas. E diante desta apropriação de imagens, mídias e tecnologia no cotidiano escolar, surge um novo aluno, um aluno interativo, um aluno questionador de um ambiente fechado, monótono e passivo. Um aluno nativo digital e detentor de técnicas audiovisuais que

promovem a abertura para que ele seja autor de materiais nas suas redes de relacionamento digital. E Fischer (ibid), nos propõe uma interação com este aluno, às práticas eminentemente pedagógicas, que produza narrativas aliada aos saberes docentes e discentes, onde os conhecimentos estejam em comunhão, seguindo a sábia proposta filosófica de Paulo Freire, que discursa sobre:

Prática pedagógica em que o método deixa de ser, como salientamos no nosso trabalho anterior, instrumento do educador (no caso, a liderança revolucionária), com o qual manipula os educandos (no caso, os oprimidos) porque é já a própria consciência.

“O método é, na verdade (diz o professor Álvaro Vieira Pinto), a forma exterior e materializada em atos, que assume a propriedade fundamental da consciência: a sua intencionalidade. O próprio da consciência é estar com o mundo e este procedimento é permanente e irrecusável. Portanto, a consciência é, em sua essência, um ‘caminho para’ algo que não é ela, que está fora dela, que a circunda e que ela apreende por sua capacidade ideativa. Por definição, continua o professor brasileiro, a consciência é, pois, método, entendido este no seu sentido de máxima generalidade. Tal é a raiz do método, assim como tal é a essência, da consciência, que só existe enquanto faculdade abstrata e metódica.”

Porque assim é, a educação a ser praticada pela liderança revolucionária se faz co-intencionalidade. Educador e educandos (liderança e massas), co-intencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de re-criar este conhecimento. (1987, p.32)

Freire novamente nos alerta para estarmos atentos ao ambiente social e cultural do nosso aluno e de nossa sociedade, ambiente este, cada dia mais digital e virtual, que muitas vezes está fora da nossa compreensão e entendimento, mas, proporciona possibilidades de novos espaços para recriar a nossa prática educativa e a nossa relação com os alunos diante destes novos desafios. As transformações no mundo se deram a partir de grandes conflitos e, percebemos que nas últimas décadas estas transformações foram mais intensas devido à revolução tecnológica digital que causa um impacto direto no sistema educativo. As Tecnologias da Informação e Comunicação quebram paradigmas sociais e culturais formando uma nova sociedade dentro de uma visão que favorece a indústria do descartável, em um ambiente dinâmico e móvel, sem fronteiras e virtual.

Teóricos afirmam a criação de uma nova sociedade denominada cibercultura, definida por Pierre Lévy como interconexão de comunidades virtuais que:

É construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso

independente das proximidades geográficas e das filiações institucionais (1999, p. 127).

Na contramão da evolução tecnológica de nossa sociedade e das barreiras geográficas que foram quebradas devido ao ambiente virtual, o sistema educacional ainda fica preso aos modelos tradicionais não dando o devido valor as transformações nos modos de aprender, sem noção com a dimensão tecnológica e as práticas de leitura das imagens que envolvem o ambiente interno e externo da escola. E devido a este problema acima explicitado, já comentado neste texto, a sala de aula para muitos discentes acaba sendo um ambiente exaustivo, sem novidades, sem desejos e descobertas. Por isso, a necessidade de melhor compreensão do importante papel da área da Comunicação na prática pedagógica para que os docentes possam proporcionar na escola um ambiente vivo, ativo, crítico e reflexivo, tanto para o educando quanto para o educador.

No próximo capítulo iremos trazer para debate como é processo de pedagogia da imagem na sala da aula, a partir de algumas práticas docentes e, como alguns pesquisadores que estudam o tema, definem a sua prática no cotidiano do ambiente educacional.

Pedagogia da Imagem na sala de aula: Imagem visual e sonora no cotidiano escolar

Primeiramente vamos definir o que é “Pedagogia da Imagem” e o que significa a junção dessas palavras na educação. Fazendo uma pesquisa preliminar das palavras, segundo o dicionário da língua portuguesa Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2001), “Pedagogia” significa Teoria e Ciência da Educação e do Ensino e, “Imagem” significa representação gráfica, plástica ou fotográfica de pessoa ou de objeto. E ao analisarmos a junção deste novo termo que envolve a “Teoria e Ciência da Educação e do Ensino” com a representação não só “gráfica, plástica ou fotográfica”, e sim, toda imagem visual e sonora que irão ser utilizados como ferramentas de aprendizagem no ambiente escolar, notamos que este novo termo, “Pedagogia da Imagem”, ganha força no início do século XXI, a partir de estudos da utilização da linguagem audiovisual, em especial, do cinema na educação e pesquisas que buscam conceitos pedagógicos que envolvem a imagem visual e sonora no ambiente escolar, como afirmam em seus artigos; a professora Anita Leandro, atualmente docente do Programa de Pós-graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o

professor Edeval Silveira, docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Bandeirante de São Paulo.

A Pedagogia da Imagem, segundo aos estudos e práticas que tenho realizado na área da educação (no Ensino Fundamental, Médio e Superior) como docente, está ligada a arte de ensinar com imagem visual, sonora ou audiovisual, aliando teoria e prática para proporcionar novos espaços pedagógicos na sala de aula, o aumento do repertório intelectual do aluno através de uma relação ativa e crítica. Dentro desta perspectiva, a Pedagogia da Imagem favorece ao ato inovador, criativo e autoral deste educando, diante de um novo ambiente educacional que está imerso as novas Tecnologias de Informação e Comunicação e a globalização que está cada vez mais virtual e presente na sala de aula. E para nos auxiliar neste estudo o professor Ederval Silveira nos ensina que:

Os primórdios do século XXI trazem consigo os efeitos da globalização – da qual fazem parte – e alavancam um processo de comunicação instrumentalizado pelos mais variados meios, numa variedade de recursos nunca vista; no entanto, ao mesmo tempo, lançam um desafio quanto ao seu uso: hoje, qualquer proposta de ensino deve captar a essência das mudanças que envolvem a evolução tecnológica em toda sua extensão, sem o que a educação não se constituirá efetivamente enquanto processo de formação e estará desvinculada dos desafios que a sociedade emergente requer. (2001, p.83)

Para Silveira, o problema não ligado aos recursos tecnológicos que invadem a educação, e sim, como são utilizados estes recursos no ambiente educacional. Será que compreendemos a importância destes recursos no processo de comunicação que envolve diretamente o processo de ensino-aprendizagem? Não digo dominar estes recursos, mas sim, compreender e acompanhar os impactos que eles trazem para o nosso cotidiano escolar. E utilizá-los ao nosso favor, ou seja, trazer esta imagem (visual, sonora ou audiovisual) seja ela física ou digital para uma análise e debate envolvendo o conteúdo abordado da disciplina, inicialmente no contexto local e, posteriormente, em um contexto mais amplo para despertar nestes alunos uma visão prática do conteúdo abordado na sua localidade, no Brasil e no mundo. Cito como exemplo uma atividade interdisciplinar que realizei com uma turma do nono ano do Ensino Fundamental, envolvendo as disciplinas de português e práticas de comunicação com a música “Banda Larga Cordel” de Gilberto Gil.

A atividade iniciou-se com os alunos ouvindo a música por três vezes, depois os alunos receberam uma folha com a letra da música que estavam em uma corda na sala de aula, representando os cordéis do nordeste e, novamente ouviram por mais três vezes a música,

mas, desta vez, puderam cantar lendo a sua letra para melhor entendimento. No término da cantoria geral dos alunos foi colocado um vídeo com uma entrevista do cantor Gilberto Gil, onde o mesmo, falava sobre o processo de composição da música “Banda Larga Cordel” e como a tecnologia digital atingiu o interior do país. Em parte da letra da música o autor descreve esta realidade; “rodovia, hidrovía, ferrovia e agora chegando a infovia pra alegria de todo interior”. A partir desta prática docente que envolveu diretamente a Pedagogia da Imagem, que neste caso, foi trabalhado a imagem visual, sonora e audiovisual, os alunos após grande debate em sala de aula puderam compreender o processo de construção de uma música, o choque cultural com a chegada da internet, a evolução no transporte de cargas e mercadorias e hoje nos serviços, a globalização da cultura e dos valores, a evolução dos meios de comunicação, rima, verso, conto e cordel, a música da sua localidade “funk”, a internet no bairro, os jogos nos celulares e no computador, a importância de uma boa escrita, a escrita abreviada na internet, os erros de português na internet, os perigos da internet e os espaços educativos na internet, em especial os sites de escolas, universidades, revistas e jornais.

Silveira, em conformidade com a nossa análise nos relata que:

Os recursos audiovisuais constituem, em si, uma possibilidade ampla, quase incomensurável na sua utilização, num mundo que é – e sempre foi – a primeira sala de aula do sujeito social. Não se pode esquecer que, a despeito da multiplicação dos meios e de sua sobreposição às práticas educativas, ensinar é fundamentalmente um ato humano, em si mesmo comunicativo. Está ‘amarrado’ à sociabilização do infante e o acompanhará por toda a sua prática social. A diferença está na apropriação dos recursos que os veículos de comunicação propiciam e em sua crescente incorporação às atividades escolares; algo óbvio, previsto e que, por isso mesmo, dá a tônica da relação que definirá os rumos da educação. (2001, p.84)

Percebemos que imagem e som no ambiente escolar geralmente despertam no aluno o desejo de interagir e participar do processo de construção do conhecimento e, utilizar recursos audiovisuais para serem interpretados, analisados e discutidos como uma obra aberta para dúvida, percepções e diálogo é a função da Pedagogia da Imagem. A produção de vídeo na escola desperta no aluno o desejo de ser o construtor da história, da narração e do vídeo e, neste momento, o conhecimento que é gerado durante o processo de produção vai além dos conteúdos da disciplina.

O cinema faz parte do cotidiano escolar, sendo o precursor da linguagem audiovisual na escola e, quando utilizado como proposta pedagógica para auxiliar na relação conteúdo, aprendizagem e construção do conhecimento, o seu papel de não trazer a fórmula pronta se cumpre e sua utilização se justifica. Mas quando utilizado para preencher espaços vazios e

reproduzir as mídias de consumo, perde-se a oportunidade de criar no aluno, o senso crítico para a leitura das imagens e a compreensão de valores culturais e sociais. O papel da educação hoje ultrapassa os muros da escola e adentra no universo social, político, econômico e sustentável da sua comunidade local e, trazer para escola estes universos que compõe a complexidade social, faz parte de propostas pedagógicas que devem fazer parte do planejamento docente para que na sala de aula tenham discussões éticas, estéticas, políticas e econômicas nos conteúdos que são ministrados no cotidiano escolar.

Trazer para sala de aula estas discussões, hoje é fundamental para promover a consciência crítica dos alunos e o diálogo entre educador e educando sobre questões sociais que são impostas todos os dias para uma sociedade cada vez mais alienada para o consumo e a desvalorização do meio ambiente (crescimento sem planejamento e impacto nos recursos naturais). Discutir na escola o desenvolvimento científico e tecnológico desta nova sociedade é fundamental para compreender de forma crítica se realmente esta evolução visa minimizar os problemas sociais ou causar novos problemas que poderão ter impactos muitos maiores no meio ambiente, social e econômico.

Para Paulo Freire:

O progresso científico e tecnológico que não responde fundamentalmente aos interesses humanos, às necessidades de nossa existência, perdem, para mim, sua significação. A todo avanço tecnológico haveria de corresponder o empenho real da resposta imediata a qualquer desafio que pudesse em risco a alegria de viver dos homens e das mulheres. A um avanço tecnológico que ameaça a milhares de mulheres e homens de perder seu trabalho deveria corresponder outro avanço tecnológico que estivesse a serviço do atendimento de vítimas do progresso anterior. Como se vê, esta é uma questão ética e política e não tecnológica (1996, p.147).

Ele nos alerta para os efeitos do progresso e avanços tecnológicos que impactam na vida dos indivíduos e, conseqüentemente, irão impactar também na educação, por isso, devemos analisar e discutir todos os aspectos antes de qualquer proposta de progresso em nossa sociedade e, da implementação de novas tecnologias em nossa educação. Estes temas devem fazer parte de nossas discussões na sala de aula para que possamos despertar nos alunos a consciência política e sócio-responsável destes cidadãos e futuros profissionais.

Para elucidar esta questão ética e política do progresso e demonstrar a importância de uma linguagem audiovisual crítica na educação, Cristiano Trad⁵ diretor do documentário

⁵Cristiano Trad Soares Nazaré, diretor audiovisual formado em Design Gráfico. Premiada pelo Jornal O Tempo de Minas Gerais, Vladimir Herzog de direitos humanos e Anamatra da Associação Nacional dos Magistrados da

“*Belo Monte - desordem no progresso*” exhibe em cenas reais os impactos da construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte na cidade de Altamira, no Pará, onde moradores e ativistas lutam contra a construção da barragem para construção da mesma e reclamam dos problemas sociais, trabalhistas e ambientais provocados pelo empreendimento. Com este documentário disponível na internet, professores podem baixar o arquivo, exibir para suas turmas e promover uma grande reflexão sobre questões sociais (moradores locais, pessoas que chegam à busca de trabalho e comunidade indígena), questões políticas (governo federal, governo estadual, governo municipal, IBAMA, sindicatos, associações, representantes da empresa e indenização dos pescadores) e éticas (retiradas dos moradores, retiradas de árvores, mortandade dos peixes e invasão de terras dos índios) sobre o progresso e desenvolvimento.



Figura 06 - Cenas do Filme *Belo Monte – desordem e progresso* de 2012, dirigido por Cristiano Trad.



Outro cinema documentário que trabalha de forma inteligente questões éticas e políticas relacionadas ao desenvolvimento e progresso, é o documentário *Boca de Lixo*, dirigido por um dos maiores documentarista brasileiros, Eduardo Coutinho⁶, que também envolve em sua narrativa audiovisual aspectos estéticos e políticos. O documentário traz cenas fortes e impactantes de uma sociedade excluída que sobrevive do resto das grandes cidades, ou seja, do que “resta” do desenvolvimento e do progresso das grandes metrópoles.

Justiça do Trabalho. O documentário *Belo Monte – desordem no progresso* foi realizado em 2012 em Altamira no Pará.

⁶ Eduardo de Oliveira Coutinho, nascido em São Paulo 1933 é um cineasta brasileiro, considerado um dos mais importantes documentaristas da atualidade. Teve o seu primeiro contato com o cinema em 1954 no Seminário promovido pelo MASP. Trabalhou como revisor de revista, diretor de teatro, roteirista de TV, diretor, roteirista e produtor de cinema. Ganhador de prêmios nacionais e internacionais têm seu trabalho reconhecidos dentro e fora do país.



Figura 07 - Cenas do Filme *Boca de Lixo* de 1993, dirigido por Eduardo Coutinho⁷.

Debater a exclusão social e o submundo dos catadores do lixo na sala de aula em momento de pleno desenvolvimento nacional é um dever ético e político do professor. E com a exibição deste filme para os alunos no ambiente escolar, promove-se a Pedagogia da Imagem através de uma leitura crítica deste desenvolvimento, as suas causas e os seus impactos na educação (dificuldades na aprendizagem), na saúde (doenças causadas com infecções geradas com o contato com o lixo), na assistência social (crescimento familiar sem planejamento e abandono) e outros fatos que surgem na discussão com os alunos através de uma história real com imagem e som do cotidiano.

Mostrar para os alunos que o desenvolvimento social geralmente causa um impacto negativo nas classes mais baixas e que os governantes em conjunto com a sociedade organizada devem discutir alternativas que minimizem estes impactos e, para isso, devemos nós da educação, desenvolver propostas pedagógicas que visem discutir estratégias políticas adequadas aos agentes que sofrem diretamente com o progresso e formar alunos cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres em uma sociedade democrática.

E ratificando a nossa discussão acima, Freire e Coutinho, descrevem que esta sociedade massificada e passiva, dominada pelo progresso a todo custo, deve ser discutida no ambiente escolar de forma crítica e, segundo Freire:

Uma das grandes, se não a maior, tragédia do homem moderno, está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez, sem o saber, à sua capacidade de decidir. Vem sendo expulso da órbita das decisões. As tarefas de seu tempo não são captadas pelo homem simples, mas a ele apresentadas por uma “elite” que as interpreta e lhas entrega em

⁷ Filme documentário brasileiro dirigido por Eduardo Coutinho em 1993. Gravado no lixão de São Gonçalo, município do Rio de Janeiro, as imagens vão além do universo de miséria e desvalorização da vida humana. O cineasta consegue extrair deste difícil cenário, personalidades marcantes e histórias de vida que se entrelaçam entre superação, conquistas e sonhos.

forma de receita, de prescrição a ser seguida. E, quando julga que se salva seguindo as prescrições, afoga-se no anonimato nivelador da massificação, sem esperança e sem fé, domesticado e acomodado: já não é sujeito. Rebaixa-se a puro objeto (1967, p.43).

Este sujeito objeto que Freire nos descreve, aliado a linguagem audiovisual das imagens dos documentaristas Coutinho e Trad, demonstram o retrato de uma sociedade que não valoriza os conceitos culturais, humanos, sociais, éticos e políticos dos cidadãos. Uma sociedade cada vez mais voltada para o consumo, que não se importam com exploração exacerbada dos recursos naturais e a exploração do homem, onde somente o capital tem valor. Fica claro para nós a tragédia anunciada por Freire, onde o homem moderno deixa de ser cidadão e vira um objeto, um *target*, segundo a visão dos publicitários, dos empresários e da elite. E diante desta tragédia social anunciada, qual o papel da escola? Qual o caminho pedagógico para proporcionar aos alunos e professores estratégias que permitam o desenvolvimento dos conteúdos capazes de transformar o ambiente escolar em um centro de saber? Não é somente investir financeiramente na educação e colocar equipamentos tecnológicos nas escolas, e sim, investir em educação continuado permanente para os docentes e promover uma leitura crítica das mídias para que esse aluno possa desenvolver a capacidade de interpretação ética e política do mundo contemporâneo e globalizado. Formar um aluno cidadão crítico, consciente dos problemas sociais é um dos caminhos viáveis para evitar, ou minimizar esta tragédia social que foi apontada pelos autores acima citados e por nossa observação no cotidiano escolar, principalmente quando está relacionada à “Pedagogia da Imagem”, ou seja, uma metodologia pedagógica que visa criar um diálogo ativo entre os conteúdos disciplinares, os recursos tecnológicos (Tecnologia da Informação e Comunicação) e o ambiente educacional, para despertar no educador e nos educandos uma relação de troca, de experiências e leitura crítica das imagens. E dentro deste novo contexto social que impacta diretamente a educação, o professor Ederval Silveira, nos ensina que:

A pedagogia da imagem objetiva um receptor mais participativo – entendendo-se receptor como as duas partes envolvidas no processo de aprendizagem –, pois rompe com a idéia de uma prática vertical na qual os sujeitos sociais estão em posições superpostas.

Há ainda um outro aspecto, este ligado ao sujeito aprendiz, o estudante, que é o de levá-lo a administrar e responder ao crescente volume de informações que recebe ininterruptamente. Nesse contexto, o estudante se torna um criador de suas próprias mensagens com imagens – ou audiovisuais –, exigência para o entendimento do meio social em que está inserido, necessidade derivada de uma sociedade que privilegia a comunicação. A leitura dessa relação já esteve exclusivamente centrada no professor. O sistema lhe impunha, ou impõe, a idéia – base de apenas cumprir o seu

papel. Outra alternativa para esse modelo é a de motivar o aluno, instigando seu lado criador e relegando o professor a um plano de observador da ação do aprendiz. Com o uso das imagens, as dos filmes por exemplo, essa relação organiza o que seria uma relação mútua, criativa, dada pela imaginação e criatividade que ambos detêm. (2001, p.89)

Percebemos que a Pedagogia da Imagem (leitura crítica das imagens e relação participativa entre os agentes educacionais) surge como estudo e proposta metodológica no início século XXI, diante da explosão de transformações na sociedade devido aos avanços da tecnologia digital e a quebra de fronteiras entre os países (globalização). Estes estudos surgem inicialmente no campo do cinema aplicado á educação e, posteriormente, abrange a linguagem audiovisual digital envolvendo os aparelhos digitais móveis e a internet.

Trazer a reflexão, a análise crítica dos fatos sem uma receita pronta, faz parte do encontro entre o cinema e a educação. O Cinema que traga uma abordagem aberta para o debate, uma visão do problema e dos fatores que potencializam o surgimento dele, onde o homem é a causa e, provavelmente, será também a solução. Para os estudiosos da educação envolvidos na área do cinema, o cinema traz possibilidades de aprender de outra forma, com outros olhares e abre espaço para a discussão. E para entender melhor sobre este importante papel do cinema documentário no ambiente escolar, Anita Leandro afirma que:

O cinema é a maior de todas as artes, porque ele se projeta, dizia Godard em suas História(s) do cinema. Projetar uma imagem é lançá-la num espaço delimitado, tendo como alvo um espectador singular, com quem a imagem projetada estabelece uma relação de alteridade, dele solicitando o reconhecimento capaz de inscrevê-la no curso da história. Difundir uma imagem, ao contrário, é propagá-la num espaço impreciso, tendo como alvo um público genérico, igualmente difuso, com o qual a imagem assim difundida estabelece uma relação de poder, que o absorve num eterno presente, sem passado e sem futuro, sem história (2012, p.10).

Esta relação de alteridade da imagem com o espectador faz do cinema um grande agente de transformação, reflexão e crítica. O espectador tem a liberdade de fazer parte da história e criar caminhos dentro dela que normalmente não condiz com o seu cotidiano. Por isso, a maior de todas as artes, a arte que se constrói, no roteiro, na produção, na filmagem, na montagem, na projeção e na construção do imaginário em cada um de nós revela uma arte participativa, construída no coletivo e reconstruída dentro de nós. E este espaço de reconstrução proporcionado pelo cinema que a educação deve despertar para as suas estratégias pedagógicas, valorizando o ambiente heterogêneo e de múltiplos olhares.

Leandro (2012) ainda neste contexto sobre a relação da imagem com o espectador, a autora analisa no artigo *Desvios de Imagens*⁸, filmes e textos de Guy Debord e os desvios contemporâneos do novo filme de Eduardo Coutinho “Um dia na vida”⁹. Ela retrata os desvios de imagens já existentes em novos contextos, de forma a potencializar o alcance político da montagem para transformar o cinema em um lugar de troca de experiências e debate. Analisar estas imagens que são transmitidas na televisão e hoje também na internet é, de fato, o grande desafio para a educação.

O cinema tem contribuído significante para a aprendizagem na sala de aula, em particular, o cinema documentário, que mesmo sendo produzido hoje para o consumo de massa, ainda possui um caráter voltado para as questões sociais, políticas e problemas cotidianos de uma sociedade. E através da produção de vídeos na escola, os professores podem utilizar estratégias pedagógicas que valorizem os conteúdos disciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares.

Esta proposta pode ser o caminho para minimizar os problemas relacionados ao processo de ensino-aprendizagem no ambiente educacional e superar os desafios na escola. E a escolha desse caminho é realizada pelo educador, como afirma Coutinho:

Ao professor cabe escolher, aceitar indicações. Toda escolha pressupõe critérios, desejos, metas. Filmes são plenos de sentidos, carregam com eles uma multiplicidade infinita de significados. Oferecem à educação muito mais do que apenas conteúdos a serem discutidos. Assim, sempre, podem extrapolar os currículos.

Podemos ver o cinema como linguagem e cada filme em particular como a expressão de um espaço-tempo. Cada filme pode ser tomado como uma alegoria de um espaço-tempo. Filmes carregam em si um momento na história, uma temporalidade, embora aconteçam sempre no tempo presente da projeção.

O professor, ao ir em busca dos filmes, vai em busca de uma linguagem. Linguagem que carrega, em cada expressão fílmica, múltiplos sentidos. E precisa ser vista sempre com olhos do presente. Pensamos que o papel de um professor que traz para sua sala de aula um filme é o de construir novos sentidos a partir de uma obra completa, mas nem por isso fechada. É leitura, o visionamento que permitem, a partir daí, a busca de novos sentidos. Nessa acepção, a tarefa de professor pode se aproximar da tarefa do tradutor. (2009, p.6-7)

⁸ Artigo da Professora Anita Leandro, Doutora em cinema pela Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3. Professora adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), publicado na Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, em Brasília na edição de jan./abr. de 2012.

⁹ O Filme foi produzido em 2010 e descreve o dispositivo de representação das narrativas da televisão aberta brasileira, possui cerca de 90 minutos de trechos da programação e dos comerciais durante um dia e mostrar o abismo das imagens sobre imagens da televisão.

Coutinho afirma que devemos despertar novos sentidos na sala de aula e propor com o cinema, a leitura da linguagem audiovisual para a interpretação do olhar, do ouvir, da imagem visual e sonora, da estética, da ética e do conflito. Entender que o cinema não é uma obra fechada, e sim, uma obra que abre espaço para os olhares culturais, sociais e políticos. Nesta visão, Comolli nos ensina que o cinema documentário trava uma batalha contra as mídias que cada vez mais alienam os espectadores, e para ele, o cinema documentário “trata-se de reconduzir esse poder de mostrar às mãos e ao território dos homens concretos. Quem filma? Quem fala? Como isso circula, as imagens, os sons, os corpos, o poder de fazê-los atuar? De você para mim” (2008, p.30).

Em complemento a fala de Laura Maria Coutinho, Jean-Louis Comolli (2008, p.30) relata que “não se filma e não se vê impunemente” e nos ensina que devemos conduzir os nossos alunos para o percurso da liberdade e da subjetividade. Aliado aos pensamentos de Paulo Freire, que em seus livros trata sempre o aluno, “o educando”, como um agente ativo, a quem da visão dos professores, dos educadores, e das propostas pedagógicas que geralmente são planejadas para um aluno passivo. Para Comolli (2008, p.206), o espectador do cinema documentário é sempre colocado diante da realidade filmada, lançando mão ficções e, para ele, a telerealidade é didática, é uma lição, uma experimentação, demonstração de figuras e estilos. Por isso, esta aliança entre os autores nos ensina sobre o educando como um agente ativo e crítico e o espectador de documentário como um agente político, ético e estético.

Para Milton José de Almeida:

[...] o cinema não é só matéria para fruição e a inteligência das emoções; ele é também matéria para a inteligência do conhecimento e para a educação, não como recurso para a explicação, demonstração e afirmação das idéias, ou negação destas, mas como produto da cultura que pode ser visto, interpretado em seus múltiplos significados, criticado, diferente de muitos outros objetos culturais, igual a qualquer produto no mercado da cultura massiva. (2004, p.32)

Almeida nos alerta para termos cuidado, enquanto educadores, com a utilização do cinema na sala de aula, pois, o cinema faz parte da cultura de massa e sua produção tem como objetivo persuadir e alienar para a indústria cultural de massa. E nesta esfera de produções audiovisuais, ainda existe uma pequena camada que luta contra ao poder hegemônico, mas, são produções de difícil acesso e pouco utilizadas no ambiente educacional de nível básico. Diante deste alerta do autor e dos estudos realizados nesta pesquisa, cabe a nós educadores, uma pesquisa crítica dos recursos que serão utilizados na sala de aula para que os educandos

tenham uma leitura reflexiva e participativa das imagens que servirão como estratégias pedagógicas para análise, debate e construção do conhecimento.

O autor destaca o cinema como matéria de inteligência e conhecimento no contexto escolar, onde o professor não deve estabelecer limites nos olhares, e sim, estimular a multiplicidade que a linguagem do cinema pode criar na compreensão de cada aluno. Entender a dificuldade dos atores do filme, da equipe de gravação, ligar o seu bairro, a sua roupa, a matemática, geografia, história, física e outros pontos comuns em um debate que geralmente acontece na sala de aula entre os alunos com a facilitação do professor após a exibição de um filme.

Abaixo algumas imagens retiradas da internet que demonstram a utilização do cinema na escola como proposta pedagógica para os alunos:



Figura 08 – Cenas de crianças assistindo filmes na escola

O cinema documentário na escola para o professor Luiz Resende requer uma análise ética, estética e política, onde o espectador não vai ter o produto definido conforme os programas que estão costumados a assistir no seu dia-a-dia e, segundo ele:

A análise de documentários nos exige conferir uma grande atenção às questões éticas, estéticas, políticas e aos impasses que delas surgem, já que o documentário é um campo de prática e criação audiovisual em que as relações entre essas dimensões se apresentam de forma bastante complexa. E talvez seja essa uma das razões do interesse que o documentário tem despertado (RESENDE, 2008, p.25).

Utilizar pedagogicamente o cinema na escola é o grande desafio para os educadores. E neste contexto, Almeida e Resende sinalizam que os educadores devem exibir filmes que estejam próximos da compreensão dos seus alunos para que eles tenham uma análise interpretativa da realidade vivida, da cultura e dos problemas sociais que envolvem o filme e possivelmente poderá envolver a comunidade escolar e despertar neles um posicionamento diante dos impasses que surgiram no filme através de questões éticas, estéticas e políticas. Mesmo com as dificuldades existentes em muitas escolas em nosso país, os avanços

tecnológicos invadem as escolas e o educador não pode ficar oculto neste cenário, e sim, propor estratégias pedagógicas, com imagens estáticas ou em movimento (pintura, retratos, objetos, textos e filmes), com áudio ou sem, no campo digital com acesso à internet ou não, para despertar neste educando uma postura ativa e participativa na relação de ensino-aprendizagem. Esta nova ou atual relação, desperta em ambos (educador e educando) a construção do conhecimento com múltiplos olhares, cumplicidade, inovação e autoria. E, em complemento a discussão acima, Silveira nos relata que:

A pedagogia utilizando imagens é uma nova ordem interpretativa dos elementos envolvidos no processo educativo, fazendo do educador também um observador do fenômeno em si. Sua atuação acaba se transformando, aparentemente, no ponto central do modelo educativo. É aparente porque o professor também assume a atitude passiva, um papel de receptor das mensagens, independentemente de manter e ostentar a visão de um elemento que se superpõe ao alunado. No entanto, nessa nova relação, o monopólio do conhecimento relativiza-se, pois a ligação ou inter-ligação entre o institucionalizado e o paralelo tem canais cada vez mais estreitados. Com a globalização das comunicações, o acesso às informações está facilitado ao público estudantil, abre outros horizontes a respeito do saber e interfere diretamente na relação entre os sujeitos sociais, o que implica uma nova postura do educador na sua relação com o estudante. (2001, p.95-96)

Essa nova postura docente diante de tantas mudanças que ocorreram em pouco tempo (globalização e tecnologias), está sendo muito discutida nas escolas e, nós educadores, não temos ainda uma receita pronta para solucionar tais problemas, e sim, tenho visto em alguns municípios da Região dos Lagos do estado do Rio de Janeiro uma busca em conjunto com docentes, supervisores, orientadores e inspetores escolares, propostas pedagógicas que visem diminuir a distância entre a escola tradicional e a escola necessária para formar cidadãos críticos, reflexivos e éticos, com ou sem recursos tecnológicos no ambiente escolar. O trabalho em equipe tem proporcionado novas propostas educacionais e múltiplos espaços que incluem o lado de fora da escola com os seus sistemas de informação e comunicação transformando-o em um espaço pedagógico e de aprendizagem. E, dentro deste novo contexto que surge na educação, Pretto e Pinto, nos orientam que:

Obviamente, intensifica-se dessa forma o trabalho do professor, já que a escola e todo o sistema educacional passam a funcionar com outros tempos e em múltiplos espaços, diferenciados. Não deixa de ser, no entanto, esse um rico momento para repensarmos as políticas educacionais na perspectiva de resgatar a dignidade do trabalho do professor, com a retomada de sua autonomia e, com isso, experimentar novas possibilidades com a presença de

todos os novos elementos tecnológicos da informação e comunicação. (2006, p.24)

E, a partir desta realidade de múltiplos espaços na escola, as imagens e sons estão cada vez mais virtuais e presentes no cotidiano escolar, proporcionando que a Pedagogia da Imagem seja uma importante ferramenta pedagógica docente para combater as dificuldades encontradas na relação professor-aluno e no processo de ensino-aprendizagem que surge diante das novas Tecnologias da Informação e Comunicação. Através dela, pode-se utilizar a linguagem audiovisual na sala de aula em prol de uma leitura crítica e reflexiva, favorecendo um ambiente participativo para que este aluno seja autor e construtor de sua obra, individual ou coletiva.

No próximo capítulo, estaremos analisando o estudo de caso sobre o processo de autoria na relação educador / educando, durante todo o processo de produção dos três vídeos documentários científicos que foram realizados pelos alunos da turma 900, nas aulas do professor Cláudio César da disciplina de Ciências, com o auxílio da professora Elisângela Neves do Laboratório de Informática. Os alunos fazem parte do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Américo Vespúcio, que fica localizada no município de Cabo Frio, Região dos Lagos do estado do Rio de Janeiro.

Capítulo 4 – Estudo de Caso: Autoria na produção de vídeos na Escola Municipal Américo Vespúcio em Cabo Frio - RJ

Vamos apresentar neste capítulo; o espaço físico da escola, os sujeitos da pesquisa, a análise da pesquisa qualitativa que foi aplicada aos alunos da turma 900 (com 39 alunos), o levantamento dos vídeos produzidos na escola, as condições materiais pedagógicas, a relação ensino-aprendizagem através da linguagem audiovisual na sala de aula e nos Laboratórios (Laboratório de Ciências e de Informática), a pré-produção, produção e finalização dos vídeos dos alunos dentro e fora da escola, à análise dos relatórios de observação, relatórios de reunião, relatórios de filmagem e a construção do processo de autoria na relação educador / educando no processo de produção dos vídeos.



Figura 09 - Foto 2 Escola Municipal Américo Vespúcio

A Escola Municipal Américo Vespúcio foi fundada em 1989 pela Prefeitura Municipal de Cabo Frio para atender os alunos do Segundo Segmento do Ensino Fundamental (alunos do 6º ao 9º ano) no período da manhã e da tarde. A escola fica localizada na Rua Theonas Terra, 70 – Parque Burle – Cabo Frio – Rio de Janeiro – Brasil, um bairro de classe média, próximo ao centro de Cabo Frio. Possui duas Quadras de Esporte com vestiários masculino e feminino, Teatro / Auditório, Biblioteca, sala de professores, sala de artes, sala de orientação e supervisão pedagógica, sala de direção, Laboratório de Informática e Laboratório de Ciências e 12 salas de aula que comporta no máximo 40 alunos. Percebemos que a escola possui uma excelente estrutura física e um quadro profissional muito competente, pois, a mesma, sempre está envolvida em projetos dentro e fora do seu espaço físico, ganhando prêmios nas áreas esportivas, culturais e educacionais. Destaco, em especial, os prêmios na área de produção de vídeos, com total realização nas disciplinas da escola que ganharam credibilidade em festivais de cinema e curtas-metragens na linha educacional no Brasil e na Itália com dois curtas-metragens no “IV Festival Curta Cabo Frio”, na Mostra Geração - Vídeo Fórum 2010 do

Festival do Rio e no Festival *Corti a Ponte* (em Ponte San Nicolò na Itália) com as produções “Perigo na Internet” e “Bully O Quê?!?” em 2012. E no ano de 2012 ganhou o prêmio melhor filme do Ensino Fundamental II no VI Festival Curta Cabo Frio com o filme “Recesso”. Observamos que a escola está com contínuas produções de vídeos no cotidiano dos seus projetos e, conseqüentemente, alunos e professores enviam os seus filmes para projetos, mostras e festivais.

Durante este período que tenho trabalhado na educação do Ensino Fundamental, Médio e Superior no Município de Cabo Frio, busco interagir com estas instituições de ensino na ministração de cursos na área de produção audiovisual, visando estimular a promoção da Pedagogia da Imagem, autoria na relação educador / educando e leitura crítica das imagens visuais e sonoras, sejam elas físicas ou virtuais, para promover através desta leitura; o debate, a discussão, a construção, desconstrução, reflexão e análise de vários pontos que possam ser abordados para que haja construção do conhecimento de forma coletiva, tendo como ponto fundamental, a participação ativa dos agentes envolvidos (alunos e professores) neste processo educacional. E durante estas ministrações defini que a Escola Municipal Américo Vespúcio seria um excelente campo de pesquisa para minha área de atuação e área de pesquisa acadêmica, inicialmente para o Mestrado em Educação e, futuramente, como uma das escolas que farão parte da pesquisa de Doutorado em Educação.

Após definir o campo de pesquisa busquei autorização e apoio do Núcleo de Tecnologia Educacional Municipal e da Secretaria Municipal de Educação de Cabo Frio para realizar a pesquisa dentro da escola e com os alunos. E, para entender melhor o papel do Núcleo de Tecnologia Educacional Municipal¹⁰ de Cabo Frio junto às escolas, vamos conhecer um pouco da sua história. Ele foi homologado, em 22 de dezembro 2008, pela Diretoria de Infraestrutura em Tecnologia Educacional – DITEC, da Secretaria de Educação a Distância – SEED do Ministério da Educação – MEC. No dia 21 de julho de 2009, recebeu através do MEC o PROINFO URBANO que foi instalado no dia 16 de setembro e aberto a todos os educadores da Rede Municipal em 28 de setembro de 2009. Cujo seu objetivo geral é promover o acesso dos alunos e educadores da Rede Municipal de Educação às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), contribuindo para o desenvolvimento de uma educação inovadora e de qualidade.

¹⁰ Histórico do Núcleo de Tecnologia Educacional e Municipal de Cabo Frio no site <http://ntmcabofrio.webnode.com.br/historico/>

E atualmente os objetivos específicos são:

- Desenvolver um programa de formação continuada, organizado no formato de cursos, oficinas e eventos para os educadores da SEME, procurando sensibilizá-los e prepará-los para o uso pedagógico das TIC;
- Coordenar os programas da Secretaria de Educação a Distância (PROINFO, TV Escola, DVD Escola) na rede municipal;
- Realizar os cursos oferecidos pelo MEC;
- Acompanhar, orientar e assessorar os Professores Multiplicadores Tecnológicos dos laboratórios de informática das unidades escolares;
- Oportunizar espaços de pesquisas educacionais na área das TIC;
- Coordenar a implantação de programas, projetos e cursos na área das TIC;
- Incentivar a utilização dos recursos tecnológicos presentes na unidade escolar

Após conseguirmos o apoio da Secretaria Municipal de Educação de Cabo Frio e do Núcleo de Tecnologia Educacional Municipal, foi realizada uma reunião com a equipe diretiva e pedagógica da escola para planejarmos como seria realizada a pesquisa de campo, coleta de dados e definição dos sujeitos da pesquisa sem que houvesse problemas na ministração das aulas e no uso da imagem dos alunos durante o processo de pré-produção, produção e pós-produção dos vídeos documentários científicos que seriam realizados para um projeto da escola (Projeto Documentário Científicos: Curta esta ideia!) durante as aulas da disciplina de ciências.

Definimos que os sujeitos da pesquisa seriam; o professor de Ciências – Cláudio César, a professora do Laboratório de Informática Elisângela Neves e os alunos da turma 900, do 9º ano do Segundo Segmento do Ensino Fundamental da Escola Municipal Américo Vespúcio do Município de Cabo Frio. Logo após a definição da turma que seria pesquisada, foi aplicado um questionário com 21 perguntas para os alunos da turma, visando analisar de forma qualitativa a estrutura escolar, a sua estrutura social (familiar), o nível cultural dos alunos, a relação professor / aluno e a sua relação com as produções de vídeo na escola e o compartilhamento nas redes sociais. O questionário de pesquisa qualitativa foi elaborado durante as aulas da disciplina “Construção de Instrumentos de Pesquisa: Questionários e Entrevistas”, ministrada pela Prof. Dr^a. Mônica Cerbella Freire Mandarino, do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E para buscarmos os dados

de forma objetiva criamos antes de formularmos as perguntas do questionário que seria aplicado aos alunos o Quadro de Referências de Operacionalização, que segue abaixo:

| CONCEITO | ESPECIFICAÇÃO |
|---|--|
| Caracterização sócio-demográfica | Idade Escolarização dos pais ou dos responsáveis Indicadores de renda Estrutura familiar Gênero |
| Capital social | Envolvimento da família com a escola Relação da família com o aluno Apoio social devido pela escola |
| Capital cultural | Recursos culturais disponíveis em casa Recursos tecnológicos em casa Recursos tecnológicos pessoais |
| Escola | Estrutura física Laboratórios Sala de aula |
| Professor | Didática no ensino Conhecimento dos recursos audiovisuais Estímulo a interdisciplinaridade Relação de autoria na produção de vídeo |
| Laboratório de Informática | Materiais didáticos audiovisuais Computadores Acesso aos recursos tecnológicos Acesso à internet Equipamentos de filmagem Materiais multimídia Multiplicador tecnológico |
| Aluno | Aprendizagem Produção de vídeo Relação de autoria na produção de vídeo Técnicas de filmagem |

E após a criação deste quadro em sala de aula no Mestrado, com o auxílio da professora e dos colegas da turma, montei o questionário contemplando todos os conceitos acima citado, cujo objetivo da pesquisa, foi conhecer de forma qualitativa os alunos da turma e sua relação com a escola, professores, equipamentos multimídia e produção de vídeos na escola.

A pesquisa foi realizada com 39 alunos da turma 900, sendo um importante recorte da escola, para analisarmos aspectos sociais, culturais, tecnológicos e da estrutura física da

escola. Estes alunos produziram os vídeos documentários científicos na disciplina de ciências, com filmagens dentro e fora do ambiente escolar. Logo no início da análise dos dados, percebemos uma informação cada vez mais comum no Ensino Fundamental do segundo segmento, do Ensino Médio e do Ensino Superior. As meninas são maioria na sala de aula e, a pesquisa revelou nesta turma elas atingiram 68% do total de alunos. Já em conjunto com os meninos, 76% da turma possui idade média entre 14 e 15 anos, tendo pouca distorção idade / série, um aspecto importante segundo especialistas, para a qualidade no processo ensino-aprendizagem.

Normalmente as escolas públicas possuem alunos com número elevado de pessoas em suas famílias e a pesquisa demonstrou que 41% dos alunos possuem 3 pessoas na sua família e, 38% dos alunos possuem mais de 3 pessoas na sua família, ratificando as pesquisas que são realizadas na área educacional. E diante deste cenário familiar, analisamos o grau de escolaridade dos pais e, nossa pesquisa apontou para um equilíbrio entre o pai e a mãe, revelando que 38% de ambos, possuem o Ensino Médio completo e, um desequilíbrio no Ensino Superior onde 20% das mães possuem o Ensino Superior completo, contra 6% dos pais, confirmando a crescente representação feminina na educação.

Dentro da análise, 53% dos alunos concordam parcialmente com a participação com a participação dos seus pais nas atividades da escola e 29% concordam plenamente com a participação dos pais no ambiente educacional, demonstrando que a participação dos pais chega a 82% do total de pais da turma, um número expressivo diante da realidade que vivemos nas escolas do Brasil. E este grande número de participação dos pais na escola, reflete diretamente nos dados sobre a renda familiar bruta dos alunos que possui respectivamente, 12% com renda até R\$ 600,00, 38% de R\$ 601,00 à R\$ 1.200,00, 21% de 1.201,00 à R\$ 2.000,00 e 29% acima de R\$ 2.000,00. Sabemos que as pessoas com maior renda, ou seja, renda acima de dois salários mínimos, também possui maior esclarecimento e, por isso, cobram mais os seus direitos dentro da sociedade, dando muito valor à educação e ao desenvolvimento intelectual de jovens e crianças. E, estes dados refletem uma renda familiar bruta com maioria acima do salário mínimo e, conseqüentemente, uma maior participação dos pais nas atividades da escola e na vida estudantil dos alunos.

Os nossos alunos de modo geral não gostam de ler, uma herança cultural do nosso país que atinge diretamente a educação e, mesmo com os recursos tecnológicos digitais, este aspecto cultural se restringe a leituras rápidas e de pouco conteúdo intelectual. E quando entramos neste aspecto em nossa pesquisa constatamos que 62% dos alunos da turma leem de vez em quando livros ou revistas e, somente 29% destes alunos leem duas vezes ou mais por

semana livros ou revistas. Este dado nos alerta para uma dura realidade que estende até o Ensino Superior, comprometendo de forma significativa para a qualidade na formação ética, política e cidadã destes alunos.

Quando entramos nos aspectos relacionados à participação em atividades culturais, percebe-se que acima de 76% dos alunos já foram ao cinema, teatro, shows e livrarias. Este dado expressivo possui o apoio da escola e também o apoio do ciclo de atividades culturais que são desenvolvidos por órgãos do município de Cabo Frio. E, quando analisamos os aspectos tecnológicos, percebemos que 79% dos alunos possuem rádio, televisão à cabo e computador com internet e que todos os alunos possuem telefone celular, tendo 32% aparelho com *bluetooth*, viva voz e gravador de vídeo com áudio, 35% com aparelho display de 3”, *touch screen*, *wi fi*, *bluetooth*, viva voz, gravador de vídeo com áudio e e-mail e, 23% com aparelho que possui navegador de internet, display de 3”, *wi fi*, *bluetooth*, viva voz, GPS, gravador de vídeo com áudio, e-mail, WAP e GPRS. Onde 68% dos alunos assistem filmes pela internet e 50% já postaram vídeos na internet. Estes dados dos aspectos culturais e tecnológicos estão diretamente ligados à renda familiar bruta dos alunos, favorecendo ao acesso e utilização destes meios e ao desenvolvimento cultural e tecnológico destes alunos.

Agora estaremos analisando a relação dos alunos; com a estrutura física da escola, com o professor da disciplina, a professora do Laboratório de Informática, com os Laboratórios da escola e com as produções de vídeo que são realizadas no ambiente educacional. Os alunos contestam a conservação da escola e, por isso, 47% deles reclamam sobre as acomodações na sala de aula e na estrutura física da escola. Já nos Laboratórios da escola (de Ciências e Informática), 82% dos alunos da turma afirmam que eles são equipados com materiais tecnológicos e audiovisuais acesso à internet e, 71% destacam que os Laboratórios são de livre acesso para as pesquisas e projetos dos alunos. Eles afirmam terem acesso aos vídeos produzidos na escola com 91%, mas, somente 56% informam que estes vídeos servem como auxílio para aprender os conteúdos das disciplinas, deixando claro que poucos professores utilizam os materiais audiovisuais que são produzidos na escola.

Os dados acima reflete que é crescente a relação ativo dos alunos mediante uma produção audiovisual na sala de aula e que esta relação com o professor favorece a aprendizagem, estimula a autoria, autonomia e a responsabilidade dos alunos durante o processo de pré-produção (planejamento), produção (filmagem) e pós-produção (finalização e edição) dos vídeos.

No aspecto do direito autoral e visando manter a legalidade da obra audiovisual para evitar futuro dano na exibição ou veiculação da obra audiovisual 91% dos alunos afirmaram

que pedem autorização da imagem e voz das pessoas que participam dos vídeos produzidos e 100% dos alunos informaram que conhecem a necessidade da autorização para as pessoas que irão participar do vídeo. Eles também informaram na pesquisa que os vídeos produzidos na escola são compartilhados de vários aspectos, sendo que, 50% dos alunos da turma compartilham de forma mais dinâmica; com o seu grupo de produção, com a turma, com escola, na internet e no blog da escola. Demonstrando a facilidade na transmissão dos dados digitais e multiplicação das informações, imagens e vídeos nas redes sociais.

Com estes dados em mãos, passamos a compreender melhor o grupo de alunos da turma, sua relação com a escola, com os professores e os equipamentos tecnológicos, em especial, os equipamentos que produzem vídeos dentro e fora da escola. Agora conhecendo um pouco mais os alunos da turma através da pesquisa qualitativa e observações na sala de aula, vamos analisar as reuniões com a equipe diretiva e pedagógica para destacar pontos importantes do trabalho de campo e da metodologia que foi aplicada para coleta de dados no momento da observação e filmagem nas reuniões, sala de aula, nos Laboratórios e nas produções dos alunos dentro e fora da escola.

Análise das reuniões com a equipe diretiva, pedagógica e professores de ciências

Durante a pesquisa de campo foram realizadas reuniões permanentes no período de novembro de 2012 a julho de 2013, com a equipe diretiva, equipe pedagógica (supervisor escolar e orientador educacional) e com os professores de ciências e a professora do Laboratório de Informática, sendo a pesquisa direta com os alunos e o professor da disciplina de ciências, somente no primeiro semestre de 2013. Todas as reuniões tiveram registro escrito e fotográfico através de um formulário chamado de registro de atividades no objeto de pesquisa. Segue abaixo algumas fotos que foram tiradas durante as reuniões que envolveram a direção da escola, a equipe pedagógica e os professores de ciências e a professora do Laboratório de Informática.

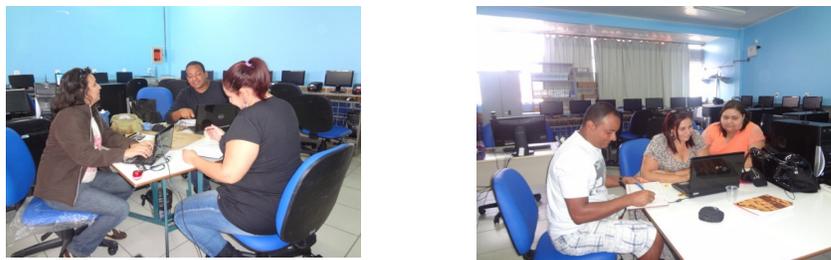


Figura 10 – Fotos das reuniões com a equipe pedagógica e professores de ciências



As reuniões foram importantes para o desenvolvimento da metodologia que seria realizada na pesquisa de campo e também para conhecer melhor a estrutura pedagógica da escola e os sujeitos da pesquisa através de relatos dos professores, dos técnicos pedagógicos e da equipe diretiva. Logo na primeira reunião, a equipe diretiva e pedagógica liberou o meu acesso para todo espaço físico da escola e também para as reuniões pedagógicas com os professores e, este fato, deu muita credibilidade à pesquisa acadêmica durante todo o processo de coleta e registro de dados no objeto de pesquisa.

Discutimos como seria a coleta de dados e que todo material coletado seria utilizado somente para fins acadêmicos e para a rede educacional do município. Por isso, logo nos primeiros encontros com os professores e alunos que fizeram parte da pesquisa, foi solicitado uma autorização de imagem e voz, visando manter todo trabalho acadêmico dentro dos aspectos legais.

As equipes diretivas e pedagógicas foram sempre receptivas, mas, os professores de ciências estavam um pouco receosos com a implementação do projeto da escola (Projeto Documentários Científicos: Curta esta ideia!) e com a metodologia e aplicação da minha pesquisa de campo durante o processo de pré-produção dos vídeos (documentários científicos) na sala de aula e no Laboratório de Informática, da produção e filmagem dentro e fora da escola e da pós-produção que seria realizada no Laboratório de Informática e na casa de alguns alunos. Discutimos muito sobre o assunto e definimos inicialmente que a pesquisa seria realizada em duas turmas da escola, a turma 600 e a turma 900. E, após o segundo mês de pesquisa de campo, com observações, registros, reuniões na escola e no Mestrado com a

minha orientadora Professora Guaracira Gouvêa, definimos que diante das dificuldades da turma 600 de realizar as produções dos vídeos dentro do calendário da escola, a pesquisa de campo seria realizada somente com os alunos da turma 900.

Nas reuniões com os professores, ficou evidente a dificuldade que existe entre o sistema tradicional de ensino e as novas Tecnologias da Informação e Comunicação, onde poucos professores utilizam estratégias pedagógicas que envolvam recursos tecnológicos digitais e virtuais.

Em minha análise das reuniões que tivemos até as conclusões dos vídeos, destaco que existe grande resistência docente para novas propostas pedagógicas e, que o mundo tecnológico e digital que faz parte do cotidiano discente (dos nativos digitais), caminha lentamente na direção do corpo docente (imigrantes digitais), causando um grande conflito na relação entre professor e aluno. Todos os professores reclamavam sobre a mudança no comportamento dos alunos e da relação professor / aluno na sala de aula, falaram sobre o avanço da tecnologia e dos novos processos educacionais, onde o docente cada vez mais assume responsabilidades acima da sua função. E nesta perspectiva conflituosa, temos um mundo cada vez mais dinâmico, uma tecnologia cada vez mais nova, um aluno cada vez mais digitalizado e o educador tentando mediar estes conflitos.

Análise da Autoria na Produção dos Vídeos

Após acompanhar todo o processo de produções audiovisuais dentro e fora da escola da turma 900, mediante muitos conflitos e problemas entre os grupos de alunos durante o processo de pré-produção, produção e finalização dos cinco grupos que foram formados na turma para a produção dos documentários científicos, somente três conseguiram finalizar os filmes dentro do tempo estabelecido pelo professor para lançamento das notas do trimestre e cumprir o tempo determinado pelo projeto da escola “Documentários Científicos: Curta esta ideia”. Mesmo com o incentivo e mediação do professor de ciências, Cláudio César, os outros dois grupos não conseguiram finalizar os vídeos e, por isso, tiveram uma avaliação diferenciada pelo professor, ganhando pontos somente pelas etapas que foram realizadas e, também, por participações nas atividades que foram realizadas durante os processos de produções. Lembrando que as etapas definidas pelo professor foram: Pré-produção (planejamento, roteiro e montagem da equipe), Produção (filmagem dentro e fora da escola) e

Pós-produção (edição e finalização digital), para produzirem um vídeo documentário científico, a partir, dos conteúdos que foram ministrados na sala de aula e no Laboratório de Ciências.

Dos cinco grupos inicialmente definidos em sala de aula, somente três grupos de alunos que conseguiram finalizar todas as etapas mediante dificuldades e conflitos no seu processo de produção e entregar os vídeos documentários científicos dentro do prazo estipulado pelo professor para serem analisados e apresentados no auditório da escola para todos os alunos do turno da manhã da escola para votação do melhor “Vídeo Documentário Científico” e premiação da produção mais votada com um rodízio de pizza.

As produções finalizadas foram; O melhor Vulcão do mundo, Bomba de Fumaça e Experiências Químicas: Explosão e Espuma.

E para conhecermos melhor estes grupos de alunos, segue abaixo um quadro com a relação de nomes dos alunos de cada grupo e o quantitativo de meninos e meninas por grupo:

| | Nome do Filme | Relação dos alunos | Meninos | Meninas |
|----------------|--|--|---------|---------|
| GRUPO 1 | O melhor Vulcão do mundo | Breno Cláudio Daniel Guilherme Leonardo | 5 | |
| GRUPO 2 | Bomba de Fumaça | Helen Larissa Laura Jéssica Brian Yuri | 2 | 4 |
| GRUPO 3 | Experiências Químicas: Explosão e Espuma | Caroline Sara Beatriz Adriana Mariana Cássia Taisa | | 7 |

Em reunião com a minha orientadora Prof^a. Dr^a. Guaracira Gouvêa, para analisar as produções audiovisuais (filmagens) dos alunos e definir possíveis indicadores de autoria em obras audiovisuais que possam estar presentes na relação educador / educando durante as

produções dos vídeos, ficou decidido que iríamos realizar um pequeno recorte da “autoria” para analisar o processo de produção de vídeo dos alunos na escola com algumas categorias que fazem parte da produção audiovisual, visando estabelecer indicadores de autoria para nossa análise. São eles:

- Estilo de Filmagem e Forma Estética
- Narração
- Produção
- Finalização

O Estilo de Filmagem e Forma Estética descrevem como os alunos se apropriam da linguagem audiovisual, filmagem e manipulação de equipamentos. Dentro desta categoria será analisado como o grupo de alunos em suas produções estabelecem o processo de comunicação através de seus planos de filmagem, cenários, músicas, personagens e cortes. Com algumas contribuições de Nichols (2005), iremos compreender melhor as formas estéticas que compõe o documentário, que segundo ele, estas formas são divididas em seis modos:

- O modo poético tem como base os ideais modernistas de representação da realidade através da fragmentação. Ou seja, não há preocupação com montagem linear, localização no tempo e espaço ou apresentação aprofundada de atores sociais.
- O modo expositivo é um dos mais difundidos e o que o público mais conhece devido ao uso constante de seus elementos em noticiários de TV. A principal característica é a narração em voz “*off*” e as imagens estão limitadas a cobrir o que está sendo narrado.
- No modo observativo, o cineasta busca registrar os acontecimentos sem interferir no seu processo. É comum não utilizar legendas e narrador para que o espectador observe o que foi registrado e tire suas próprias conclusões.
- O modo participativo provoca a interação entre o entrevistador (cineasta) e o entrevistado. Assim fica fácil entender qual é o ponto de vista do cineasta. É baseado em entrevistas variadas.

- O modo reflexivo prioriza o questionamento das formas estéticas do documentário. O cinema reflexivo não tem como preocupação as formas padronizadas do filme tradicional.
- O modo performático também levanta questões sobre o que é conhecimento, porém, a subjetividade tem peso maior do que a construção de argumento lógico e linear.

Com a categoria da Narração, pretendemos descrever como a história está sendo contada e de que forma estes alunos transformam o material escrito (roteiro) em uma obra audiovisual (vídeo), destacando a duração do vídeo, expressão corporal (linguagem não verbal), detalhes de suas falas e textos escritos (linguagem verbal).

Na Produção, fase mais intensa do processo de autoria, envolve o trabalho em equipe, onde todos os alunos participam ativamente das atividades e, neste momento, os alunos decupam (retiram todas as informações do texto para compor com materiais e equipamentos as cenas e os personagens) o roteiro escrito, levantam todos os materiais necessários para as filmagens, definem a equipe técnica e de filmagem (diretor, roteirista, câmera, figurinista, maquiagem, narrador, ator, editor, pesquisador e etc.), os personagens, as locações e os equipamentos que serão utilizados no processo de captação de imagens e sons.

A fase final da produção audiovisual, a Finalização, identifica quais recursos tecnológicos foram utilizados pelos alunos para montar o vídeo digital e, como as imagens e sons ganham forma dentro de um computador, imagens estas, que surgiram inicialmente na elaboração coletiva de um roteiro, que passou pela produção do grupo de alunos, posteriormente por uma filmagem com um celular e agora está no processo de edição para virar um vídeo documentário científico. Este processo final da autoria define como os alunos expressam a sua linguagem audiovisual através da duração do vídeo, cortes das cenas, efeitos de transição e trilhas sonoras.

a) Análise da Autoria na produção do vídeo “Melhor Vulcão do mundo”

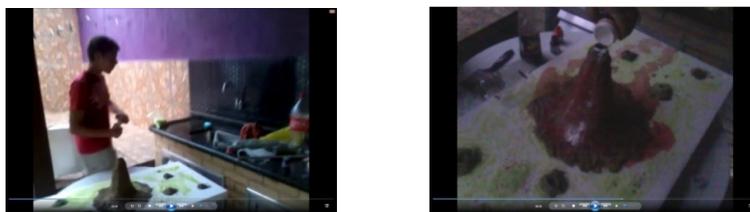


Figura 11 – Cenas do Vídeo Melhor Vulcão do mundo



Em análise do Estilo de Filmagem e Forma Estética do documentário científico “Melhor Vulcão do mundo”, os alunos realizam uma linguagem simples, bem próxima do cotidiano dos alunos, com uma comunicação direta sobre a erupção de um vulcão, sendo eles mesmos os atores das cenas, descreveram através do vídeo as etapas descritas no roteiro de filmagem sobre a reprodução de uma erupção de um vulcão em menor escala, utilizando os componentes químicos para simular as lavas do vulcão. O equipamento de filmagem utilizado foi um celular *smartphone* (iPhone 4S) de um dos alunos e as filmagens foram realizadas em planos sequência sem cortes, demonstrando o processo de montagem do vulcão sobre uma plataforma de isopor, a seleção dos componentes químicos, mistura dos componentes e o processo de erupção na maquete que representa o vulcão em menor escala.

Os alunos se valeram de formas estéticas, segundo os ensinamentos de Nichols (2005), o modo poético, tentando representar a realidade de forma fragmentada através da representação em menor escala de vulcão em erupção; o modo expositivo, com uma narração dos fatos que estão sendo realizados nos planos de filmagens, descrevendo todos os passos da confecção do vulcão; o modo participativo, pois os componentes filmam e ao mesmo tempo também participam da montagem do vulcão e da erupção simulada com os componentes químicos; o modo reflexivo, os alunos não se preocupam com as formas tradicionais de filmagem e narração, com filmagens longas, planos sem foco e troca de operador de câmera durante a filmagem; o modo performático está presente no processo de produção do vulcão, na descrição detalhada da composição da maquete e no processo químico para erupção do

vulcão, proporcionando ao telespectador, espaço para o conhecimento, dúvida e reflexão sobre a representação em menor escala de um fenômeno natural.

Nesta produção, o material escrito foi narrado com muitas modificações do material filmado, ou seja, os alunos sentiram dificuldades de produzir um vídeo seguindo as orientações do material escrito (roteiro). E, este conflito foi mediado pelo professor da disciplina e pela professora do Laboratório de Informática, que demonstraram para os alunos, a importância de descrever com detalhes um roteiro de filmagem e, mesmo assim, durante as filmagens existiram novas ações que possibilitarão mudanças no roteiro original. Os alunos compreenderam as dificuldades e durante as filmagens colocaram falas próprias expressando as dificuldades, espantos e celebração. A narração em *off* do vídeo foi um grande bate papo entre os integrantes do grupo e, em alguns momentos, eles entravam em conversas comuns fora do contexto de vídeo, com brincadeiras e bate papo. Foram utilizados alguns textos na tela para informar ao telespectador sobre as fases do processo de confecção do vulcão, componentes químicos e erupção do vulcão.

A proposta do vídeo foi mostrar os detalhes da confecção e erupção de um vulcão em menor escala e os alunos realizaram esta produção em onze minutos, tendo cenas longas com pouca informação e algumas imagens repetidas. Devido ao tempo do filme, os alunos escolheram como trilha sonora, a música “We are the World - USA for África”, por possuir mais de sete minutos e um ritmo lento, para não atrapalhar a narração em *off*.

Na produção do documentário científico os alunos contaram, ainda mais, com o auxílio do professor da disciplina e do professor do Laboratório de Ciências para confeccionar a maquete do vulcão e a reprodução de uma erupção em menor escala. Nesta etapa os alunos de forma autônoma, levantaram o máximo de informações sobre o processo químico e sobre os materiais que deveriam ser comprados para a confecção da maquete e da reação química. Os alunos dividiram em partes iguais os valores gastos com a compra dos materiais e resolveram realizar as filmagens na casa de um dos componentes do grupo após as aulas, por terem mais liberdade com o tempo e, por não terem preocupação com os ruídos e muitas falas durante as filmagens.

O grupo de alunos foi dividido da seguinte forma: roteirista e diretor - Daniel Marques, câmera – Breno Erick, produtor – Cláudio Prado, narrador - Guilherme Petinari, editor - Leonardo Crespo. Os planos de filmagem foram orientados pela professora Elisângela Neves, responsável pelo Laboratório de Informática, que acompanhou o processo de pré-produção dos grupos e pôde orientar os alunos durante a fase de elaboração dos roteiros e linguagem audiovisual.

Analisamos que durante todo processo de produção do vídeo, os alunos estavam mais autônomos e responsáveis, com uma relação mais ativa na sala de aula, trocando relatos e experiências com o professor e com os alunos dos outros grupos e, diante deste fato, observamos as contribuições de Paulo Freire para uma pedagogia da autonomia que proporciona uma relação mais dialógica e ativa, favorecendo que os alunos sejam autores e construtores de suas obras. E quando questionados por mim sobre o processo de autoria, os membros do grupo respondem em voz única que são os construtores, realizadores e autores do filme. Filme este, que começou a ser editado na casa do Leonardo Crespo e foi finalizado dentro da sala de aula com o restante do grupo, com “pitacos” de outros alunos. Realmente, o grupo de alunos tiveram momentos constantes celebração durante as filmagens, no Laboratório de Ciências, no Laboratório de Informática e na sala de aula, com atitude receptiva e ativa na relação educador / educando, dando espaço para a construção do conhecimento e aprendizagem através da autoria do documentário científico “Melhor Vulcão do mundo”.

b) Análise da Autoria na produção do vídeo “Bomba de Fumaça”

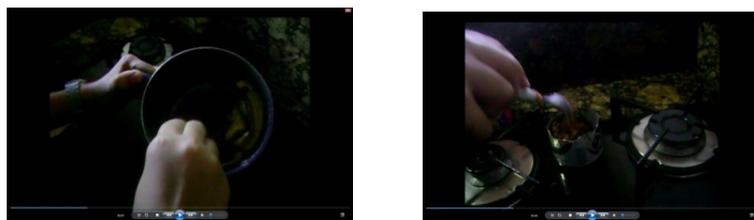


Figura 12 – Cenas do Vídeo Bomba de Fumaça



Ao analisar inicialmente o Estilo de Filmagem e Forma Estética do documentário científico “Bomba de Fumaça”, percebemos um grupo muito unido e focado na produção científica desde o início do projeto proposto pelo professor Cláudio César. O grupo seguiu a linguagem audiovisual que é muito utilizada nas redes sociais, ou seja, uma linguagem direta nas informações e nos procedimentos para produção de uma bomba de fumaça. O vídeo

seguiu todas as etapas descritas no roteiro para realizar uma bomba de fumaça sem explosão e permitindo que os alunos possam produzi-la com componentes químicos seguros no ambiente escolar ou em casa. Todas as informações sobre o processo de construção da bomba foram dadas pelo professor de ciências e o professor do Laboratório de Ciências, mas, sabemos que “informação” para os nossos alunos não se restringe ao espaço escolar. Então eles buscaram diversos vídeos documentários escolares para a sua pré-produção e produção do seu vídeo e, em conjunto com os professores, construíram um roteiro obtendo informações na escola e na grande rede de computadores.

Os alunos realizaram todas as filmagens com os seus celulares e um tablet, dividindo os planos de filmagem com os integrantes do grupo para demonstrar os planos de filmagens em diversos ângulos e seguir as etapas do roteiro que descrevia a construção de uma bomba de fumaça caseira com a participação de todos os integrantes de forma ativa e intensa, inclusive nas redes sociais. Esta relação diária na escola que continua nas redes sócias principalmente através do *Facebook* e do *WhatsApp*, vai de encontro com as contribuições da professor Rosa Maria Bueno Fischer que afirma um aumento de repertório para os nossos alunos diante deste novo modelo de comunicação e tecnologia na escola, onde os alunos matem-se conectados quase que vinte quatro horas por dia.

As formas estéticas do documentário científico, segundo as contribuições de Bill Nichols, compreenderam; o modo observativo, onde os alunos registraram todos os acontecimentos durante o processo de confecção da bomba na cozinha da casa da aluna Helen Lucena e somente são colocados textos que informam a composição dos componentes químicos que fazem parte da mistura para confecção da bomba de fumaça, deixando o espectador na expectativa dos acontecimentos; o modo poético, na representação fragmentada, ou pequena, de uma bomba de fumaça que os alunos produziram com um planejamento na escola, produção e filmagem fora da escola na casa de um dos alunos; o modo reflexivo, neste modo realizam as filmagens interagindo com os integrantes do grupo, mantendo o foco na confecção da bomba, no momento da combustão da fumaça e na celebração com o trabalho realizado, diversificando os planos e os movimentos de câmera para obter a melhor imagem; o modo participativo aparece de forma discreta no vídeo, tendo em alguns momentos, interação entre os alunos que estavam na filmagem e direção do vídeo com os alunos que estavam produzindo a bomba de fumaça e os que preparavam a combustão da bomba de fumaça no lado de fora da casa; o modo performático abrange a forma estética do vídeo durante a construção do conhecimento científico, demonstrando o processo de

confeção de uma bomba de fumaça caseira, através dos ensinamentos obtidos na escola e nos vídeos que também foram produzidos nas redes sociais.

Os alunos realizaram uma produção com poucos problemas, se comparados aos outros grupos, tendo uma intensa relação com os professores de ciências (o professor da disciplina e do Laboratório de Ciências) e a professora do Laboratório de Informática para tirarem dúvidas e realizarem um trabalho de qualidade. A maior dificuldade do grupo foi à realização das filmagens, pois, os horários e dias marcados pelo diretor, o aluno Brian Gomes, não eram respeitados pelos componentes e, devido a isso, o grupo demorou muito para realizar todas as filmagens que foram pré-determinadas no roteiro. O roteiro foi seguido com poucas alterações e durante a produção os alunos puderam aprender muito sobre o trabalho em grupo e as dificuldades existentes na transformação de um material escrito (roteiro) para um material audiovisual (vídeo). Pois, alguns componentes do grupo informaram que já tinham produzido vídeos amadores e postavam no *youtube*, mas, um trabalho em grupo, na escola, com roteiro para fins educacionais, eles nunca tinham realizado. E, diante deste desafio, os alunos descreveram todos os passos para confecção de uma bomba de fumaça artesanal no roteiro do documentário científico “Bomba de Fumaça”, visando tê-lo como “guião” para sua produção audiovisual.

O documentário científico demonstra com detalhes os passos para confecção de uma bomba de fumaça sem explosão, sendo uma bomba de fumaça que pode ser confeccionada em casa ou na escola, com total segurança que as pessoas que irão produzi-la. Durante o vídeo, os alunos informam de forma simples e objetiva, com imagens e textos, todos os componentes químicos que fazem parte da bomba de fumaça e os passos para sua produção artesanal. As filmagens da confecção da bomba com os componentes químicos foram realizadas na cozinha da casa da aluna Laura Roseno e a combustão dos componentes químicos já preparados na área externa da casa. Os alunos informaram que tiveram várias tentativas na mistura dos elementos químicos até atingir o ponto ideal de combustão e fumaça para caracterizar uma bomba de fumaça.

O documentário científico deste grupo ficou com cinco minutos e um segundo de duração e seguiu uma linguagem dinâmica, próxima do cotidiano audiovisual dos alunos, com cortes rápidos e imagens aceleradas, sob o ritmo da trilha sonora *Welcome to The Family* da banda *Avegend Sevenfold* (uma banda de rock heavy metal). A trilha sonora foi escolhida pelas editoras, as alunas, Larissa Condeço e Jéssica Soares, devido à rapidez das cenas e o gosto musical da aluna Larissa Condeço. As alunas relataram que “o ritmo da música encaixava perfeitamente com o vídeo”, por isso, a sua escolha não foi questionada pelos

componentes do grupo. E descrevendo melhor as funções dos componentes do grupo de alunos na produção audiovisual, temos na direção e câmera (filmagem com o celular) o aluno Brian Gomes, na produção e câmera (filmagem com o celular) a aluna Laura Roseno, na produção o aluno Yuri Henrique e na edição das imagens e sons e filmagem no tablet, as alunas Larissa Condeço e Jéssica Soares. As alunas que editaram o vídeo informaram que a edição foi muito difícil e lenta devido a montagem das imagens e a falta de boas imagens em algumas cenas, causando uma análise criteriosa das imagens e uma nova filmagem de cenas primordiais para o filme e, conseqüentemente, mais tempo para finalizar o vídeo.

Ao analisar o processo de autoria na relação educador / educando desta produção audiovisual, observamos que tanto os alunos quanto os professores que participaram da construção do documentário científico “Bomba de Fumaça”, tiveram uma participação ativa durante os processos de pré-produção, produção e finalização. Tendo os alunos mesmo diante de alguns conflitos, se empenharam em colocar em prática os conteúdos aprendidos em sala de aula, primeiramente no formato de um roteiro escrito, que posteriormente seria filmado e transformado em um documentário científico, tendo a preocupação com a mensagem que seria dada através de uma linguagem audiovisual, documental e científica. Nesta relação de trabalho em grupo, os alunos tiveram uma postura mais responsável e autônoma, buscando soluções para os problemas dentro do próprio grupo e, também, fora do espaço escolar, tendo em cada conquista das produções, um estágio de celebração e alegria. O grupo de alunos e os professores realizaram uma obra coletiva na produção de um vídeo, e como afirma a professora Maria aparecida Baccega, esta relação construiu um novo espaço teórico complexo capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes, onde cada aluno foi autor dentro da sua função e realizador do documentário científico “Bomba de Fumaça”, desde a sua ideia no planejamento da pré-produção, forma escrita na formatação do roteiro e a finalização do vídeo digital, que já está disponível no *facebook* de cada aluno do grupo e também no *facebook* da professora Elisângela Neves, entrelaçando o campo da educação e da comunicação.

c) Análise da Autoria na produção do vídeo “Experiências Químicas: Explosão e Espuma”

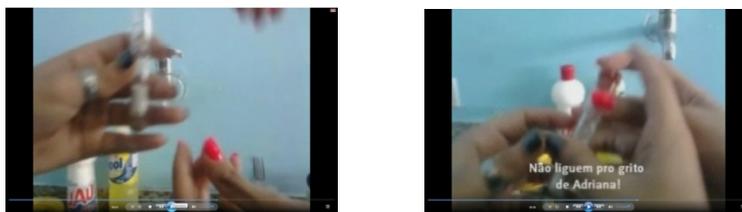


Figura 13 – Cenas do Vídeo Experiências Químicas: Explosão e Espuma



O vídeo documentário científico “Experiência Químicas: Explosão e Espuma” possui um Estilo de Filmagem e Forma Estética, pautado no diálogo informativo, oral e escrito, e plano sequência que demonstra detalhadamente todos os passos para confecção de uma explosão e reação de espuma, ambos no tubo de ensaio. Este foi o único grupo que teve somente meninas na sua composição e que também realizou todos os processos de produção (pré-produção, produção / filmagem e pós-produção) dentro da escola, e por isso, tiveram total apoio e incentivo dos professores (de ciências, do Laboratório de Informática e do Laboratório de Ciências) para realizarem a produção audiovisual.

O grupo de alunas passou por muitos conflitos, causando até saída de uma componente, devido às divergências no estilo de filmagem e no comportamento de algumas alunas durante as filmagens. Estes conflitos foram resolvidos com o professor da disciplina que cobrou mais responsabilidade durante as produções e respeito nas relações interpessoais. Mesmos assim, o grupo de alunas continuou com alguns conflitos, mas, conseguiram realizar uma linguagem científica de fácil entendimento, com alguns problemas nas imagens e no áudio.

As filmagens foram realizadas com o celular da aluna Caroline Lopes e, durante as filmagens no Laboratório de Ciências, o celular começou a dar vários problemas de vídeo e áudio, segundo os relatos das alunas. Elas informaram que o problema inicialmente ocasionou mais um conflito no grupo e, logo depois, elas aceitaram as dificuldades do aparelho e se divertiram com as filmagens.

Ao analisar as formas estéticas descritas pelo prof. Bill Nichols no documentário científico “Experiência Químicas: Explosão e Espuma” percebemos que; o modo poético está presente na representação de uma experiência química que simula a explosão e uma reação química que gera espuma dentro de um tubo de ensaio, onde ambas, são uma representação em menor escala no laboratório; o modo expositivo é evidente na forma estética do vídeo e além das alunas narrarem os fatos, elas conversam sobre o processo químico durante toda filmagem através de planos sequências longos, com a câmera em muitos momentos tremula, que descreveram os passos para realizar uma explosão em um tubo de ensaio pequeno e uma reação de espuma em um tubo de ensaio médio; o modo participativo também é presente no vídeo, pois observamos uma participação ativa das alunas durante as filmagens, mantendo uma relação entre as imagens visuais, informações textuais e orais do vídeo; o modo reflexivo, descreve no vídeo o despreendimento do grupo de alunas nas formas tradicionais de filmagem e narração, pois as alunas, realizam uma filmagem livre e narram o processo químico de forma clara, objetiva e divertida; o modo performático, revela no vídeo a forma estética do conhecimento científico e desperta no telespectador o desejo de realizar experiências químicas dentro ou fora da escola, por ter elementos químicos de fácil acesso e componentes que podem ser substituídos por outros que não sejam de um Laboratório de Ciências.

A produção não teve problemas com os materiais para produção das experiências químicas e também não teve problemas com o espaço que seria utilizado para as filmagens, mas, para transformar o material escrito (roteiro) em material digital (vídeo) as alunas tiveram muitos problemas. As alunas não conseguiam completar as falas descritas no roteiro e, com o passar do tempo, elas foram criando as próprias falas nas cenas e seguindo com as filmagens. Além das falas das alunas que participavam do procedimento químico que era realizado pelas alunas Sara Brante e Beatriz Paula, a aluna que estava filmando, Adriana Duarte, também relatava sobre o procedimento químico que estava ocorrendo.

O documentário científico produzido pelo grupo de meninas buscou demonstrar de forma simples, como se realiza uma produção científica de experiências químicas dentro de um Laboratório de Ciências, listando todos os materiais químicos e equipamentos necessários para realização de uma explosão que ocorre com a pressão de ar na tampa de borracha de um tubo de ensaio pequeno, através de uma reação química com vinagre e bicarbonato de sódio quando misturados dentro de um tubo de ensaio. E, a reação química que vira espuma quando misturados em um tubo de ensaio grande; vinagre, água, detergente e bicarbonato de sódio. A produção audiovisual ficou com 4 minutos e trinta e sete segundo de tempo e não teve uma

trilha sonora, devido à má captação de áudio das filmagens, ou seja, as cenas ficaram com as narrações muito baixas e se as alunas colocassem algum áudio, não conseguiriam explicar as experiências químicas.

As alunas assumiram as seguintes funções na produção audiovisual; Mariana Borges na direção do filme, Cássia Cristina e Taisa Tardella na produção e montagem do laboratório, Carolaine Lopes na edição, Sara Brante e Beatriz Paula como atrizes e Adriana Duarte na filmagem. Mesmo tendo as funções definidas no papel e no local das filmagens, as alunas realizaram um trabalho em equipe e de comum auxílio.

Em análise da autoria na relação educador / educando durante o processo de produção do documentário científico “Experiências Químicas: Explosão e Espuma” entendemos que mesmo diante de tantas dificuldades do grupo de meninas para realizar a produção audiovisual, as alunas buscaram com os professores e entre elas soluções para os problemas encontrados, construíram de forma ativa, estratégias autônomas para superar os desafios e diante das dificuldades de transformar um material escrito (roteiro) em uma obra audiovisual (vídeo) que servirá como ferramenta pedagógica na escola. E neste momento, lembramos-nos dos relatos do professor Ederval Silveira, que nos ensina sobre a ampla possibilidade dos recursos audiovisuais para a educação, constituindo uma importante ferramenta para educação. E seguindo a nossa análise do grupo, as alunas deixaram as brigas de lado nas gravações, brincaram e celebraram a conquista de produção e pós-produção, finalizando o vídeo na escola com todo o grupo e discutindo as cenas sob a orientação do professor de ciências e da professora do Laboratório de Informática Elisângela Neves.

A dificuldade das alunas transformou-se em uma obra audiovisual de autoria coletiva que envolveu alunos e professores em uma relação ativa e autoral, seguindo os ensinamentos da professora Maria Helena Silveira, que nos orienta para uma produção audiovisual que estabeleça uma relação ativa e crítica com os alunos.

No término das exposições dos documentários científicos, os grupos de alunos (O melhor Vulcão do mundo, Bomba de Fumaça e Experiências Químicas: Explosão e Espuma), estavam confraternizando as suas realizações e discutindo com os alunos das outras turmas como foram as produções dentro e fora da escola. Os outros professores ficaram impressionados com as experiências químicas e fizeram várias perguntas aos alunos dos grupos e parabenizando os documentários científicos.

Considerações



Figura 14 – Imagens da exibição dos vídeos no auditório da escola

Pesquisar, analisar e debater a Pedagogia da Imagem (ato de ensinar com a imagem visual e sonora no ambiente educacional) com foco na autoria durante o processo de produção de vídeos documentários científicos, com participação direta do professor da disciplina de Ciências, da professora do Laboratório de Informática e dos alunos da turma 900 (39 alunos do nono ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Américo Vespúcio, localizada no município de Cabo Frio do Estado do Rio de Janeiro) durante o segundo semestre de 2012 para fase de planejamento e, primeiro e segundo semestre de 2013 para as fases de produção e finalização dos vídeos.

Devemos compreender que ao abrirmos espaço para criação dentro da sala de aula, despertamos nos alunos o desejo de participar e construir a sua própria obra autoral. E quando analisamos a historiaografia do autor e da autoria com as contribuições de Chartier, Foucault e Bakhtin, em uma análise geral, percebemos que os pesquisadores classificam o “autor” como responsável pela obra realizada, com traços característicos que envolvem a propriedade das palavras e ações, o ambiente de produção, o fator jurídico, estético e criador da obra. Estes estudos que possuem sua origem nas obras literárias são base para compreendermos a formação do autor em obras audiovisuais e artística, dentro ou fora da escola. E dentro da Escola Municipal Américo Vespúcio, em conjunto com a equipe diretiva, pedagógica e docente, observei como é importante a discussão do planejamento pedagógico para estabelecer relação entre os conteúdos das disciplinas, com a realidade do ambiente social e cultural dos alunos e, com isso, favorecer uma relação ativa, crítica e autoral dentro e fora da escola, para os alunos e professores, visando formar cidadãos éticos, comprometidos com a sua região, o meio ambiente e o seu futuro profissional.

Participei de três reuniões com os professores de ciências, a professora do Laboratório de informática, o professor do Laboratório de Ciências e a Supervisora Pedagógica para discutirmos sobre os conteúdos da disciplina, metodologia de ensino, avaliação dos alunos e o

Projeto Documentários Científicos. As reuniões foram tensas e muito debatidas até o final, pois, além dos assuntos que estavam na pauta, os docentes discutiam sobre o calendário escolar (sábado letivo), as dificuldades de aprendizagem dos alunos, a insatisfação salarial, o pouco tempo para ministrar o conteúdo da disciplina, a metodologia de avaliação que beneficiava o aluno e colocava o professor como refém do processo e, finalmente, a falta de tempo dos docentes para além tentar realizar as suas atribuições diretas com a disciplina, eles deveriam ser voluntários do Projeto “Documentários Científicos; Curta esta ideia” que estava diretamente ligado ao meu Projeto de Pesquisa na escola. E diante deste fato real na escola, consegui o apoio de somente um professor de ciências da escola, o docente Cláudio César, que contou com a colaboração direta da professora Elisângela Neves que atua no Laboratório de Informática para colocarem em prática na turma 900, o Projeto “Documentários Científicos: Curta esta ideia”. E na segunda reunião com o corpo diretivo e docente da escola, foi aprovado a aplicação da pesquisa qualitativa na turma 900 para diagnosticar aspectos sociais, culturais, tecnológicos e físicos da escola. Lembro aos colegas leitores que a pesquisa qualitativa foi elaborada no primeiro semestre de 2013 na disciplina **Construção de Instrumentos de Pesquisa: Questionários e Entrevista, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Mônica Cerbella Freire Mandarino.**

A pesquisa qualitativa deu suporte para conhecer melhor o perfil dos alunos e auxiliou na elaboração de estratégias pedagógicas do professor da disciplina para desenvolver ações que definiram a formação dos grupos de alunos para produção dos vídeos documentários científicos que fizeram parte da avaliação trimestral dos alunos.

Em conjunto com o professor Cláudio César, discutimos sobre esta nova proposta metodológica que surge diante da evolução das tecnologias da informação e comunicação que impactam a educação e, diante das contribuições de Fischer (2007), percebemos que este novo cenário abre espaço para a construção de novos repertórios no ambiente educacional. E esta abertura de novos espaços, requer a compreensão sobre a evolução social e educativa, para que possamos criar novos processos metodológicos que propiciem nos ambientes educacionais, alunos mais ativos, críticos e autônomos, como afirma Freire (1996).

E durante as observações na escola, os alunos tiveram poucas dúvidas no manuseio dos equipamentos digitais para confecção dos seus vídeos documentários científicos, enquanto do outro lado, o professor manuseava muito mal o seu celular. Este fato nos revela como é importante ter um ambiente participativo na sala de aula, onde Freire, Teixeira (1969) e Silveira (1998), afirmam que os meios audiovisuais transformariam o professor em um facilitador no processo de aprendizagem, uma conexão sutil entre a participação e crítica, um

agir educativo democrático onde ambos educam-se em comunhão. No retrato desta afirmativa dos autores, durante o processo de produção dos vídeos, os alunos ensinaram ao professor alguns recursos tecnológicos do computador e dos celulares, democratizando o saber e demonstrando que na sala de aula ambos estão em construção.

Esta distância entre o conhecimento tecnológico docente e discente no ambiente escolar reflete também, a distância que há na relação de troca, cumplicidade e construção do conhecimento coletivo na sala de aula. E para termos realmente uma relação entre as áreas da educação e da comunicação dentro da escola é necessário, não só o investimento dos órgãos educacionais, mas também, o comprometimento dos docentes em propor para este “novo aluno”, estratégias pedagógicas próximas do seu cotidiano social, cultural e tecnológica para despertar neste educando o desejo de aprender, participar e fazer parte da construção do conhecimento. Cito como exemplo de comprometimento docente, o excelente trabalho que foi realizado pelo professor Cláudio César, com a turma 900, na produção de vídeos documentários científicos, que envolveu os conteúdos aprendidos em sala de aula, pesquisa de campo na escola e na internet e outros professores para produção dos vídeos, com uma relação ativa, crítica e ética com os alunos da turma. O professor dividiu a turma em grupo e estimulou os processos de produção de forma autônoma, delegando responsabilidades aos alunos para construção de vídeos documentários científicos que seriam utilizados como material didático em suas aulas e, nas aulas dos outros professores de ciências.

Os grupos de alunos tiveram muitos problemas e conflitos durante as fases de produção e em cada processo superado, eles foram estabelecendo vínculo com as suas produções e sentindo-se construtores e autores de sua obra audiovisual. E no momento de conflitos e conquistas, a relação educador / educando foi emergindo e abrindo espaço ao processo de construção, colaboração, realização e autoria na produção dos documentários científicos que foram produzidos dentro e fora da escola. Dos cinco grupos definidos em sala de aula, somente três finalizaram; O melhor Vulcão do mundo, Bomba de Fumaça e Experiências Químicas: Explosão e Espuma. Os filmes finalizados foram exibidos no auditório da escola para votação do “melhor Vídeo Documentário Científico” pelos alunos do turno da manhã, com a premiação de um rodízio de pizza para todos os componentes da produção vencedora. A apresentação dos vídeos foi à culminância do Projeto “Documentários Científicos: Curta esta ideia!” e uma grande festa entre os alunos que produziram, dos alunos que assistiram e dos professores da escola. Um misto de alegria dos presentes e satisfação do dever cumprido dos alunos que participaram das produções. E após as apresentações dos

vídeos, o mais votado pela plateia foi o documentário científico “Bomba de Fumaça” com mais de 50% dos votos.

O grupo de alunos vencedor chorou com a conquista, recebeu os parabéns dos alunos, professores e o prêmio de um rodízio de pizza para seus componentes. Foi importante ver os olhos brilhantes dos alunos que produziram os vídeos e perceber que eles estavam felizes de poder exibir para escola uma produção de sua autoria, a construção de um trabalho em grupo, que envolveu teoria e prática, dentro e fora da escola.

Após a premiação no auditório, os grupos de alunos do “O melhor Vulcão do mundo”, “Bomba de Fumaça”, “Experiências Químicas: Explosão e Espuma”, o professor Cláudio César e a professora Elisângela Neves, foram entrevistados sobre o processo de pré-produção, produção, finalização e autoria dos vídeos documentários científicos e, de forma geral, pude observar que tanto o grupo de alunos quanto os professores, tiveram dificuldades durante o processo de produção dos vídeos e montagem das imagens e, segundo eles, os conflitos serviram o amadurecimento e união do grupo para realização de um trabalho de qualidade que ficará disponível na videoteca da escola como material didático. No processo de autoria na relação educador / educando, todos alunos e professores denominaram-se autores e construtores da obra audiovisual que antes de estar disponível na videoteca da escola, já estava disponível na internet.

A pedagogia da imagem nos faz sair do modelo de imagem pedagógica, aquelas imagens que são exibidas de forma fechada ou para preencher os espaços vazios na escola, para analisar, planejar e debater a imagem que fará parte do nosso planejamento pedagógico, como recurso didático, despertando no aluno o desejo de participar de forma ativa na construção do conhecimento, e também, na construção de obras físicas e digitais dentro e fora do ambiente educacional. Onde os agentes educacionais (professores e alunos) são autores e construtores de suas obras para uma formação educacional crítica, política, ética e responsável, colocando em prática os ensinamentos dos principais autores desta dissertação e apontando caminhos que servirão de respostas para melhoria da nossa prática docente.

Referências

- AGUIAR, Eliane Aparecida de. **Escrita, autoria e ensino: Um diálogo necessário para pensar o sujeito-autor no contexto escolar**. 2010. 306f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20042010-160955/pt-br.php>> Acesso em: 21 de abril de 2013.
- ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e Sons: A nova cultura oral**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisa de survey**. Tradução de Guilherme Cezarino. Belo Horizonte: Ed UFMG, 1999.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação/Educação: apontamentos para discussão. Comunicação, Mídia e Consumo: Cultura de Consumo**, v. 1, n. 2, 2004, p. 119-38. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/16/16>> Acesso em 22 de outubro de 2013.
- BARTHES, Roland. **A morte do autor**. In; O rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BRASIL. **Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998**. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. *Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]*, Brasília [online], 20 fev. 1998. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm> Acesso em: 20 de fevereiro de 2013.
- CANDAU, Vera Maria (Org.). **Reinventar a Escola**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- CAVALHEIRO, Juciane dos Santos. **A concepção do autor em Bakhtin, Barthes e Foucault**. *Signum: Estudos da Linguagem, Londrina*, v.11, n.2, p.67-81, dez. 2008.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros – leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.
- CHARTIER, Roger. **Autoria e história cultural da ciência**. Rio de Janeiro: Azougue, 2012.
- COMOLLI, Jean-Louis. **Ver e poder: a inocência perdida – cinema, televisão, ficção, documentário**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- COUTINHO, L. M. **Cinema e Educação: Um espaço aberto - Apresentação da série: Cinema e educação: um espaço em aberto**. Salto para o Futuro - . Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED. Ano XIX Nº 4 - Maio de

2009. Disponível em < <http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/185114Cinemaeducu.pdf>>
Acesso em: 20 de fev 2013.

DUBOIS, Philippe. **A linha Geral (as máquinas de imagem)**. Cadernos de Antropologia e Imagem. Rio de Janeiro: UERJ, 9(2): 65-85, 1999.

FARACO, Carlos Alberto. **Autor e autoria**. In: BRAIT, Beth (org.) Bakhtin: conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, pp. 37-60. 2005.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas**. Revista Brasileira de Educação, vol 12, nº 35, p.290-299, 2007. Disponível em:
< <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a09v1235.pdf>> Acesso em: 05 de julho de 2011.

FOUCAULT, M. (1969). **O que é um autor?** Trad. A. F. Cascais e Edmundo Cordeiro. Portugal: Veja Editora, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. 25ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRANCO, C. FERNANDES, C. SOARES, J.F., BELTRÃO, K., BARBOSA, M.E., ALVES, M.T.G. **O referencial teórico na construção dos questionários contextuais do SAEB**. Estudos em Avaliação Educacional. São Paulo, no.28. p.39-71, 2003.

GOUVEA, Guaracira. **Imagem e Formação de Professores**. Revista Teias, ano 7, nº 13-14, jan/dez, Rio de Janeiro: 2006. Disponível em:
<<http://132.248.9.1:8991/hevila/Revistateias/2006/vol7/no13-14/15.pdf>> Acesso em 05 de julho de 2011.

JORDÃO, Teresa Cristina. **Formação de educadores: A formação do professor para a educação em um mundo digital**. In: Salto para o futuro. Tecnologias digitais na educação. Ano XIX, boletim 19. Nov-dez. 2009.

KELLNER, Douglas. et al. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Tomaz Tadeu da Silva (org. e trad.) Petrópolis RJ: Vozes, 1995.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Mariana de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LANZILLOTTA, Aline. **O que é autoria? Construção de um conceito na formação de professores a distância**. 2013. 105f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e Sociais – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

LEANDRO, Anita. **Da imagem pedagógica à pedagogia da imagem**. Revista Comunicação&Educação. São Paulo, Edusp, p. 29 a 36 de maio/ago, 2001. Disponível em:

<<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/Comedu/article/viewFile/4158/3897>>

Acesso em: 25 de setembro de 2002.

_____. **Desvio de Imagens**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.15, n.1, jan./abr. 2012.. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/769/569>> Acesso em: 15 fevereiro de 2013.

LEMOS, André. **Uma sala de aula no Ciberespaço**. In Revista Bahia Análise e dados, Salvador, SRI v.9, p.68-76, 1999. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/sala.htm>> Acesso em 30 de novembro de 2013.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34. 1999.

MEDEIROS, Leila Lopes de. **Mídias na educação e co-autoria como estratégia pedagógica**. Em Aberto, Brasília, v. 22, n. 79, p. 139-150, jan. 2009. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1439/1174>> Acesso em 14 de Maio de 2012.

MORAN, José Manuel. **Influência dos Meios de Comunicação no Conhecimento. Ciência da Informação**. Brasília. V23, n.2, p.233-238, maio/ago. 1994. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1186/829>> Acesso em: 03 de maio de 2009.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola. Tradução: Bruno Charles Magne**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PRENSKY, Mark. Imigrantes digitais. Folha.com. 03 out. 2011. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/international/Leia%20entrevista%20do%20autor%20da%20expressao%20imigrantes%20digitais.pdf>> Acesso em: 20 de dezembro de 2013.

PRETTO, Nelson. PINTO, Cláudio da Costa. **Tecnologias e novas educações**. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, v. 11, n. 31, p. 19-30, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a03v11n31.pdf>> Acesso em: 30 de novembro de 2013.

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das Imagens. Rio de Janeiro**. Contraponto, 2012.

RESENDE, Luiz. **Debate: Cinema Documentário e Educação: Como analisar um Documentário? Questões éticas e estéticas**. Salto para o Futuro - Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED. Ano XVIII boletim 11 -

- Junho de 2008. Disponível em: <
<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/164457Cinema.pdf>> Acesso em: 20 de fev. 2013.
- RICARDO, Eleonora Jorge, VILARINHO, Lúcia Regina Goulard. **A construção da autoria na aprendizagem online: um desafio da pós-graduação.** Revista Brasileira de Pós-graduação. v. 3, n. 5, p. 59-78, jun. 2006. Disponível em <
http://www2.capes.gov.br/rbpg/images/stories/downloads/RBPG/Vol.3_5_jun2006_/Estudos_Artigo1_n5.pdf> Acesso em: 25 de abril de 2013.
- SANCHO, Juana M. (org). **Para uma Tecnologia Educacional.** Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- SANTOS FILHO, José Camilo; GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa Educacional: quantidade - qualidade.** São Paulo: Cortez, 2002.
- SILVEIRA, Ederval. **Para uma pedagogia da imagem nas Ciências Sociais.** EccoS Rev. Cient., UNINOVE, São Paulo: (n. 2, v. 3): 83-102. 2001. Disponível em <
<http://www.redalyc.org/pdf/715/71530207.pdf>> Acesso em 14 de novembro de 2013.
- SILVEIRA, Maria Helena. **A Televisão e a Educação - Salto para o Futuro: Educação do Olhar.** Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1998, p. 153-162.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio.** São Paulo: Paulinas, 2011.
- _____. **La Comunicación/Educación como nuevo campo Del conocimiento y El perfil de su profesional,** In: Nexos, São Paulo, Universidade Anhenbi-Morumbí, ano III, n.5, 2º sem, p. 07-28, 1999. Disponível em: <
<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/6.pdf>> Acesso em 28 de abril de 2013.
- SODRE, Muniz. **Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- SOUZA, Carlos Fernando Mathias de. **Direito autoral.** Brasília: Brasília Jurídica, 1998.
- TEIXEIRA, Anísio. **Educação e o Mundo Moderno.** Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1969.
- TRIVIÑOS, Augusto, N., S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987. p. 41-49.

Apêndice



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E DEPOIMENTO

Eu, _____, brasileiro, estado civil, _____, profissão _____, Cédula de Identidade RG nº _____, inscrito no CPF sob nº _____, residente à Rua _____, nº _____, São Pedro da Aldeia – RJ, **AUTORIZO** o uso da imagem, voz e transcrição de depoimento, em todo e qualquer material entre fotos, documentos e outros meios de comunicação, para ser utilizado no Projeto de Pesquisa “Pedagogia da Imagem: A autoria na relação educador/educando para produção de vídeo na escola” do Centro das Ciências Humanas e Sociais - Programa de Pós-graduação - Mestrado em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Todo material será de caráter científico com divulgação em ambiente acadêmico e publicação de artigos científicos sem fins lucrativos.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Cabo Frio, ____ de _____ de _____.

Assinatura



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E DEPOIMENTO PARA MENOR

Eu, _____, brasileiro, estado civil, _____, profissão _____, Cédula de Identidade RG nº _____, inscrito no CPF sob nº _____, residente à Rua _____, nº _____, cidade _____ – RJ, responsável pelo menor _____ . **AUTORIZO** o uso da imagem, voz e transcrição de depoimento do menor, em todo e qualquer material entre fotos, documentos e outros meios de comunicação, para ser utilizado no Projeto de Pesquisa “Pedagogia da Imagem: A autoria na relação educador/educando para produção de vídeo na escola” do Centro das Ciências Humanas e Sociais - Programa de Pós-graduação - Mestrado em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Todo material será de caráter científico com divulgação em ambiente acadêmico e publicação de artigos científicos sem fins lucrativos.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Cabo Frio, ____ de _____ de _____.

Nome do responsável



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO

Mestrando: Silvio Ronney de Paula Costa
Linha de pesquisa: Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologias.
Disciplina: Construção de Instrumentos de Pesquisa: Questionários e Entrevistas
Professor (a) Responsável: Prof.^a Dr.^a Mônica Cerbella Freire Mandarinó

QUADRO DE REFERÊNCIAS DE OPERACIONALIZAÇÃO

| CONCEITO | ESPECIFICAÇÃO |
|---|--|
| Caracterização sócio-demográfica | Idade Escolarização dos Pais ou dos Responsáveis Indicadores de Renda Estrutura familiar Gênero |
| Capital social | Envolvimento da família com a escola Relação da família com o aluno Apoio social devido pela escola |
| Capital cultural | Recursos culturais disponíveis em casa Recursos tecnológicos em casa Recursos tecnológicos pessoais |
| Escola | Estrutura física Laboratórios Sala de aula |
| Professor | Didática no ensino Conhecimento dos recursos audiovisuais Estímulo a interdisciplinaridade Relação de autoria na produção de vídeo |
| Laboratório de Informática | Materiais didáticos audiovisuais Computadores Acesso aos recursos tecnológicos Acesso à internet Equipamentos de filmagem Materiais multimídia Multiplicador tecnológico |
| Aluno | Aprendizagem Produção de vídeo Relação de autoria na produção de vídeo Técnicas de filmagem |



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO

Mestrando: Silvio Ronney de Paula Costa
Linha de pesquisa: Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologias.

ROTEIROS DE ENTREVISTAS

Roteiro de Entrevista para os alunos

| | |
|------------|---|
| Pergunta 1 | Descrevam com detalhes como foi realizado o processo de produção do vídeo documentário científico? As fases de: pré-produção, produção / filmagem e pós-produção? |
| Pergunta 2 | Como vocês relacionam o conteúdo da disciplina e a transformação deste conteúdo em um material audiovisual educativo? |
| Pergunta 3 | Quais foram os métodos que vocês utilizaram para tornar o vídeo em uma ferramenta pedagógica de aprendizagem para outros alunos? |
| Pergunta 4 | Quais foram as principais dificuldades encontradas na produção audiovisual? |
| Pergunta 5 | Descrevam como foi o processo de autoria na relação educador / educando durante a produção de vídeo na escola? |

Roteiro de Entrevista para os professores

| | |
|------------|---|
| Pergunta 1 | Descreva com detalhes como foi realizado o processo de produção dos vídeos documentários científicos dos alunos? |
| Pergunta 2 | Como você relaciona o conteúdo da disciplina e a transformação deste conteúdo em um material audiovisual educativo nos vídeos dos alunos? |
| Pergunta 3 | Descreva os principais os métodos que os alunos utilizaram para tornar o vídeo em uma ferramenta pedagógica de aprendizagem para outros alunos? |
| Pergunta 4 | Quais foram as principais dificuldades encontradas para auxiliar os alunos na produção audiovisual? |
| Pergunta 5 | Descreva como foi o processo de autoria na relação educador / educando as produções de vídeos dos alunos? |



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO

Mestrando: Silvio Ronney de Paula Costa
Linha de pesquisa: Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologias.
Disciplina: Construção de Instrumentos de Pesquisa: Questionários e Entrevistas
Professor (a) Responsável: Prof.^a Dr.^a Mônica Cerbella Freire Mandarinó

QUESTIONARIO PARA O ALUNO

Prezado(a) aluno(a),

Meu nome é Silvio Ronney de Paula Costa, sou aluno do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e este questionário faz parte de uma pesquisa acadêmica.

As perguntas e respostas foram desenvolvidas para conhecer melhor as características de autoria na relação entre professor e aluno durante o processo de aprendizagem na produção de vídeos na escola. Informamos que os dados coletados na Escola Municipal Américo Vespúcio (localizada no Município de Cabo Frio-RJ) serão analisados e apresentados para pesquisadores envolvidos na área da educação e o seu principal objetivo é discutir este processo que, cada vez mais, cresce diante das transformações sociais, tecnológicas e educacionais.

Desde já agradecemos por sua colaboração em respondê-lo.

Garantimos tanto o anonimato como o sigilo dos respondentes.

Obrigada por sua colaboração

PERGUNTAS

1 - ASSINALE O SEU GENERO.

(A) Masculino (B) Feminino

2 - ASSINALE A SUA FAIXA DE IDADE.

- (A) Até 13 anos
- (B) de 14 a 15 anos
- (C) de 15 a 16 anos
- (D) acima de 17 anos

3 - QUANTAS PESSOAS DE SUA FAMILIA MORAM COM VOCE?

(A) 1 pessoa (B) 2 pessoas (C) 3 pessoas (D) acima de 3 pessoas

4 - COM RELAÇÃO AO GRAU DE ESCOLARIDADE DO SEU PAI E DA SUA MÃE MARQUE A OPÇÃO CORRESPONDENTE:

| | Pai | Mãe |
|-------------------------------------|-----|-----|
| 4.1 - Ensino Fundamental incompleto | | |
| 4.2 - Ensino Fundamental completo | | |
| 4.3 - Ensino Médio incompleto | | |
| 4.4 - Ensino Médio completo | | |
| 4.5 - Ensino Superior incompleto | | |
| 4.6 - Ensino Superior completo | | |

5 – OS SEUS PAIS OU RESPONSÁVEIS PARTICIPAM ATIVAMENTE DAS ATIVIDADES DA ESCOLA?

- (A) Concordo plenamente
- (B) Concordo parcialmente
- (C) Discordo plenamente
- (D) Discordo parcialmente

6 - QUAL A SUA RENDA FAMILIAR BRUTA:

- (A) Até R\$ 600,00
- (B) De R\$ 601,00 a R\$ 1200,00
- (C) De R\$ 1201,00 a R\$ 2000,00
- (D) Acima de R\$ 2001,00

7 - COM QUE FREQUENCIA VOCE COSTUMA LER LIVROS OU REVISTAS EM GERAL?

- (A) Nunca leio
- (B) De vez em quando
- (C) Leio duas vezes ou mais por semana
- (D) Leio duas vezes ou mais por mês

8 - COM QUE FREQUENCIA VOCE PARTICIPOU DAS SEGUINTE ATIVIDADES NO ANO: (Marque apenas UMA opção em cada linha).

| | Nenhuma | 1 a 2 vezes | 3 a 4 vezes | Mais de 4 vezes |
|--|---------|-------------|-------------|-----------------|
| 8.1 - Foi ao cinema? | | | | |
| 8.2 - Foi ao teatro? | | | | |
| 8.3 - Foi a um show de musica popular? | | | | |
| 8.4 - Foi a um balé ou a um espetáculo de dança? | | | | |
| 8.5 - Foi à livraria? | | | | |

9 – MARQUE ABAIXO A OPÇÃO QUE CORRESPONDE OS EQUIPAMENTOS TECNOLÓGICOS QUE VOCÊ POSSUI NA SUA CASA.

- (A) Rádio
- (B) Rádio e Televisão
- (C) Rádio, Televisão e Computador
- (D) Rádio, Televisão à Cabo e Computador com internet

10 – QUE TIPO DE APARELHO CELULAR VOCÊ POSSUI?

- (A) Aparelho comum
- (B) Aparelho com Bluetooth, Viva Voz e Gravador de vídeo com áudio
- (C) Aparelho com Display de 3", Touch Screen, Wi Fi, Bluetooth, Viva Voz, Gravador de vídeo com áudio e E-mail
- (D) Aparelho com Navegador da Internet, Display de 3", Touch Screen, Wi Fi, Bluetooth, Viva Voz, GPS, Gravador de vídeo com áudio, E-mail, Wap e GPRS

11 – VOCÊ COSTUMA ASSISTIR FILMES NA INTERNET?

- (A) Sim (B) Não

12 – VOCÊ JÁ POSTOU VÍDEOS NA INTERNET?

- (A) Sim (B) Não

13 – MARQUE ABAIXO APENAS UMA ALTERNATIVA QUE SE REFERE A SUA ESCOLA.

| | Concordo plenamente | Concordo parcialmente | Discordo plenamente | Discordo parcialmente |
|---|---------------------|-----------------------|---------------------|-----------------------|
| 13.1 – É bem conservada? | | | | |
| 13.2 – A sala de aula acomoda com conforto todos os alunos? | | | | |
| 13.3 - Os laboratórios da escola são equipados e de livre acesso para as pesquisas e projetos dos alunos? | | | | |
| 13.4 - O laboratório de informática possui materiais didáticos audiovisuais? (materiais audiovisuais que possam auxiliar no processo de aprendizagem das disciplinas) | | | | |
| 13.5 - Os computadores possuem acesso à internet durante as aulas no laboratório? | | | | |

14 – OS ALUNOS TÊM ACESSO AOS VÍDEOS PRODUZIDOS NA ESCOLA?

- (A) Sim (B) Não

15 – ESTES VÍDEOS SERVEM COMO AUXÍLIO PARA APRENDER SOBRE OS CONTEÚDOS DAS DISCIPLINAS?

- (A) Sim (B) Não

16 – COM RELAÇÃO AO PROFESSOR E AO PROFESSOR DO LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA, MARQUE ABAIXO APENAS UMA ALTERNATIVA.

| | Concordo plenamente | Concordo parcialmente | Discordo plenamente | Discordo parcialmente |
|---|---------------------|-----------------------|---------------------|-----------------------|
| 16.1 – O multiplicador tecnológico do laboratório de informática facilita o conhecimento dos alunos com recursos tecnológicos? | | | | |
| 16.2 – O professor estimula o conhecimento do aluno através dos conteúdos da disciplina em conjunto com os recursos tecnológicos? | | | | |
| 16.3 - O professor delega para os alunos a autoria dos vídeos nas produções realizadas na escola? | | | | |
| 16.4 - Para você, o professor é também um realizador dos vídeos produzidos? | | | | |

17 – ASSINALE ABAIXO A DISCIPLINA QUE REALIZA MAIS PRODUÇÕES DE VÍDEO NA ESCOLA: (Marque apenas UMA disciplina).

| | |
|-------------------|--|
| 17.1 – Português | |
| 17.2 – Matemática | |
| 17.3 – Ciências | |
| 17.4 – Inglês | |
| 17.5 – História | |
| 17.6 – Geografia | |
| 17.7 – Artes | |

18 – NA SUA VISÃO:

| | Concordo plenamente | Concordo parcialmente | Discordo plenamente | Discordo parcialmente |
|---|---------------------|-----------------------|---------------------|-----------------------|
| 18.1 – Os alunos participam ativamente do processo de aprendizagem durante a produção do vídeo? | | | | |
| 18.2 – os alunos podem ser considerados autores do vídeo produzido? | | | | |
| 18.3 – Esta autoria corresponde ser responsável pelo vídeo produzido. | | | | |

19 – VOCÊ PEDE AUTORIZAÇÃO DA IMAGEM E VOZ DAS PESSOAS QUE PARTICIPAM DO VÍDEO PRODUZIDO?

(A) Sim (B) Não

20 – VOCÊ TEM CONHECIMENTO QUE É NECESSÁRIO SOLICITAR POR ESCRITO A AUTORIZAÇÃO DAS PESSOAS QUE PARTICIPAM DO VÍDEO?

(A) Sim (B) Não

21 – OS VÍDEOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS NA ESCOLA SÃO COMPARTILHADOS:

- (A) Somente postado na internet
- (B) Com os alunos do grupo, com a turma e na internet
- (C) Com os alunos do grupo, com a turma, com a escola e na internet
- (D) Com os alunos do grupo, com a turma, com a escola, na internet e no blog da escola



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO

**PEDAGOGIA DA IMAGEM: A AUTORIA NA RELAÇÃO EDUCAR / EDUCANDO PARA
PRODUÇÃO DE VÍDEOS NA ESCOLA**

Área de Concentração: Educação, Cultura e Linguagens
Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologia.
Prof.^a. Dr.^a. Guaracira Gouvêa
Aluno: Silvio Ronney de Paula Costa

MODELO

Registro de Atividades no Objeto de Pesquisa

Escola: _____

Dia: _____

Hora: _____

Local: _____

Professor(a): _____

Disciplina: _____

Supervisor(a): _____

Diretor(a): _____

Atividade: _____

Recursos: _____

1 – Atividade de Ensino

1.1 Descrição da aula teórica:

1.2 Descrição da aula prática:

1.2.1 Destaque da autoria na relação professor/aluno e aluno/aluno

1.3 Descrição de filmagens na sala de aula, laboratório ou locação

1.3.1 Destaque da autoria na relação professor/aluno e aluno/aluno

2 - Atividade Pedagógica

2.1 Reunião com Professores de turma e dos Laboratórios

2.1.1 Descrever como a autoria será abordada nos conteúdos pedagógicos e na prática docente

2.2 Reunião com Supervisor Pedagógico ou Direção da Escola

2.2.1 Descrever como a autoria será abordada nos planejamentos pedagógicos e nos Projetos da escola



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO

**PEDAGOGIA DA IMAGEM: A AUTORIA NA RELAÇÃO EDUCAR / EDUCANDO PARA
PRODUÇÃO DE VÍDEOS NA ESCOLA**

Área de Concentração: Educação, Cultura e Linguagens
Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologia.
Prof^a. Dr^a. Guaracira Gouvêa
Aluno: Silvio Ronney de Paula Costa

Registro de Atividades no Objeto de Pesquisa

Escola: Municipal Américo Vespúcio

Dia: 04/03/2013

Hora: 09:00 - 11:00

Local: Sala da Direção e Laboratório de Ciências

Professor(a): Moyses Costa

Disciplina: Ciências

Supervisor(a):

Diretor(a): Márcia Pinho

Atividade: Reunião com a Direção e Coordenador do Laboratório de Ciências e autor do Projeto de produção de documentários científicos na escola.

Recursos:

2 - Atividade Pedagógica

2.1 Reunião com Professores de turma e dos Laboratórios

Foi realizado uma reunião com o Prof. Msc. Moyses Costa, responsável pelo Laboratório de Ciências e autor do Projeto de produção de vídeos documentários científicos por todos os alunos da escola em conjunto com os professores de ciências. Os professores estarão orientando os alunos nas produções dos documentários tendo como base nos conteúdos de ciências, prática pedagógica no Laboratório de Ciência e linguagem audiovisual no Laboratório de Informática. O projeto da escola está plenamente de acordo com a proposta do Projeto de Pesquisa, favorecendo nos aspectos: da observação da construção da autoria na relação educador / educando, no registro das atividades na sala de aula e laboratórios, na pré-produção, produção e finalização dos vídeos documentários. Acordamos uma nova reunião com a Supervisora Pedagógica (Valéria Vieira) e todos professores de ciências da escola. Segue em anexo o Projeto da escola.

2.1.1 Descrever como a autoria será aborda nos conteúdos pedagógicos e na prática docente

2.2 Reunião com Supervisor Pedagógico ou Direção da Escola

Em reunião com a Diretora da escola, Prof^a. Márcia Pinho, foi apresentado o Projeto de Pesquisa e a liberação do acesso direto aos professores e alunos. A mesma propôs que o primeiro contato fosse com o responsável do Laboratório de Ciências, Prof. Msc. Moyses Costa para conhecer o novo Projeto da escola e traçar uma metodologia de pesquisa em conjunto com o grupo de professores de ciências e as futuras produções dos alunos. Ela também propôs uma reunião com a Supervisora Pedagógica Valéria Vieira para definir os detalhes da pesquisa quali-quantitativa, autorização de imagem e relatórios de registro de campo.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO

PEDAGOGIA DA IMAGEM: A AUTORIA NA RELAÇÃO EDUCAR / EDUCANDO PARA PRODUÇÃO DE VÍDEOS NA ESCOLA

Área de Concentração: Educação, Cultura e Linguagens
Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologia.
Prof^a. Dr^a. Guaracira Gouvêa
Aluno: Silvio Ronney de Paula Costa

Registro de Atividades no Objeto de Pesquisa

Escola: Municipal Américo Vespúcio

Dia: 15/03/2013 Hora: 09:00 - 12:00

Local: Sala da Supervisão Pedagógica

Professor(a): _____ Disciplina: _____
Supervisor(a): Valéria Vieira
Diretor(a): Márcia Pinho

| | |
|---|-----------|
| Atividade: Reunião com a Direção e a Supervisão Pedagógica da escola. | Recursos: |
|---|-----------|

2 - Atividade Pedagógica

2.1 Reunião com Professores de turma e dos Laboratórios

2.1.1 Descrever como a autoria será abordada nos conteúdos pedagógicos e na prática docente

2.2 Reunião com Supervisor Pedagógico ou Direção da Escola

Reunião com a Diretora da escola, Prof^a. Márcia Pinho e a Supervisora Pedagógica Valéria Vieira foi novamente apresentado o Projeto de Pesquisa e também os termos de autorização de imagem, registro de atividades de campo para análise, ajustes e autorização para aplicação na escola. Felizmente todo material foi autorizado e a Supervisora montou uma pasta com todos os documentos para que a direção e os professores tenham acesso. Ela também marcou uma reunião com todos os professores de ciências no Laboratório de Ciências para o dia 21/03/13 e nesta reunião será definido os detalhes das propostas pedagógicas para o Projeto da escola, a apresentação do projeto de pesquisas da UNIRIO com a escola e a estratégia de observação, coleta de dados e análise das atividades pedagógicas na sala de aula e laboratórios.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO

PEDAGOGIA DA IMAGEM: A AUTORIA NA RELAÇÃO EDUCAR / EDUCANDO PARA PRODUÇÃO DE VÍDEOS NA ESCOLA

Área de Concentração: Educação, Cultura e Linguagens
Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologia.
Prof^a. Dr^a. Guaracira Gouvêa
Aluno: Silvio Ronney de Paula Costa

Registro de Atividades no Objeto de Pesquisa

Escola: Municipal Américo Vespúcio

Dia: 15/03/2013 Hora: 12:00 - 13:00

Local: Núcleo de Tecnologia Educacional e Municipal de Cabo Frio

Professor(a): Luciano de Oliveira Disciplina: Matemática e Multiplicador Tecnológico
Supervisor(a):
Diretor(a):

| | |
|--|-----------|
| Atividade: Reunião com o Coordenador do Núcleo de Tecnologia Educacional e Municipal para definir a ausência de professores no Laboratório de Informática na Escola Américo Vespúcio | Recursos: |
|--|-----------|

2 - Atividade Pedagógica

2.1 Reunião com Professores de turma e dos Laboratórios

2.1.1 Descrever como a autoria será abordada nos conteúdos pedagógicos e na prática docente

2.2 Reunião com Coordenador do NTM – Cabo Frio

E reunião com o Coordenador do NTM Prof. Luciano de Oliveira, foi esclarecido que duas professoras já estão em formação para assumir o Laboratório de Informática da escola Américo Vespúcio e que as docentes deverão assumir suas atividades em 15 de abril de 2013. O Coordenador se mostrou aberto para apoiar a pesquisa e liberar dados sobre formação e planejamento pedagógico do Núcleo.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO

PEDAGOGIA DA IMAGEM: A AUTORIA NA RELAÇÃO EDUCAR / EDUCANDO PARA PRODUÇÃO DE VÍDEOS NA ESCOLA

Área de Concentração: Educação, Cultura e Linguagens
Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologia.
Prof^a. Dr^a. Guaracira Gouvêa
Aluno: Silvio Ronney de Paula Costa

Registro de Atividades no Objeto de Pesquisa

Escola: Municipal Américo Vespúcio

Dia: 21/03/2013 Hora: 10:00 - 12:00

Local: Laboratório de Ciências

| | |
|--|--|
| Professor(a): Amaro César Mônica de Souza Cláudio César Guimarães Mello Érica Flausino A., Fábio A. Schmid, Moyses Costa e | Disciplina: Ciências Priscilla Salles |
| Supervisor(a): Valéria Vieira | |

| | |
|--|-----------|
| Atividade: Reunião Supervisão Pedagógica e os professores de ciências da escola. | Recursos: |
|--|-----------|

2 - Atividade Pedagógica

2.1 Reunião com Professores de Ciências, Coordenador do Laboratório de Ciências e Supervisão Pedagógica

O primeiro momento da reunião foi a apresentação do Projeto da Escola sobre a produção de vídeos documentários científicos que serão realizados durante o primeiro e segundo semestre de 2013 com a participação de todos professores de ciências. Alguns docentes questionaram sobre a ausência dos professores responsáveis pelo Laboratório de Informática e a Supervisora Pedagógica informou que eles estavam em formação no NTM (Núcleo de Tecnologia Educacional Municipal) e que até o dia 15/04/13 eles já estariam presente na escola. Foi explicado que a metodologia do Projeto implica em os alunos escolherem um tema dado em sala de aula ou no Laboratório de Ciência e através desse conhecimento e orientação do docentes da disciplina produzirem um vídeo documentário científico que será inscrito no festival de documentários da escola, onde haverá uma banca examinadora para seleção e premiação dos dez melhores. Estes dez melhores serão postados no site youtube e o mais votado (assistido) no site receberá uma premiação especial da escola. Todos concordaram com o projeto debateram por alguns minutos estratégias para realização das atividades com sua turmas. O segundo momento, fui apresentado formalmente pela Supervisora da Escola realizei uma apresentação em PowerPoint com datashow sobre o Projeto de Pesquisa expondo o que, pra que porque, com quem e como, ou seja, falei sobre a importância de um projeto de pesquisa dentro de uma escola, sobre a necessidade de conhecer mais dos problemas na relação educador / educando e das novas tecnologias e, em especial, sobre a autoria na escola. Debates sobre o processo de autoria e que quase não há registro de pesquisa sobre autoria na escola e muito menos na área de produção audiovisual. Eles aceitaram de imediato serem um dos sujeitos pesquisados e aprovaram a pesquisa com o aluno (outro sujeito). Definimos a metodologia de registro das atividades da forma escrita e audiovisual, aplicação dos questionários para todas as quatorze turmas manhã e observação direta com duas turmas (turma 600 e 900). A Supervisora Pedagógica irá utilizar a análise da pesquisa nos seus relatórios e estará repassando as informações para todos os supervisores da rede municipal. A definição das turmas foi debatida por alguns minutos e os docentes acharam melhor uma observação dos alunos que estão chegando na escola e os alunos que estão saindo, visando ter um panorama de aprendizagem, capital cultural, relação com as tecnologias e a autoria, por isso, as turmas 600 e 900 foram escolhidas. Definimos que a escola irá reproduzir todos os questionário e a aplicação nas turmas será na próxima terça-feira (26/03/13) e quarta-feira (27/03/13) com a minha presença nas salas de aula. Na primeira semana de abril já estarei acompanhando o processo de ensino-aprendizagem, metodologia de ensino e relação de autoria nos laboratórios e salas de aula.

Fotos da reunião com os professores, direção e a Supervisora Pedagógica





UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO

**PEDAGOGIA DA IMAGEM: A AUTORIA NA RELAÇÃO EDUCAR / EDUCANDO PARA
PRODUÇÃO DE VÍDEOS NA ESCOLA**

Área de Concentração: Educação, Cultura e Linguagens
Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologia.
Prof.^a. Dr.^a. Guaracira Gouvêa
Aluno: Silvio Ronney de Paula Costa

Registro de Atividades no Objeto de Pesquisa

Escola: Municipal Américo Vespúcio

Dia: 09/05/13

Hora: 09:00 às 12:00

Local: Sala de aula

Professor(a): Priscilla Salles

Disciplina: Ciências

Supervisor(a):

Diretor(a):

Atividade: Aula sobre Sistema Solar

Recursos: Quadro Branco e Livro Didático

1 – Atividade de Ensino

1.1 Descrição da aula teórica:

A aula foi sobre o Sistema Solar (consiste de oito planetas orbitando ao redor de uma estrela gigante e incandescente chamada Sol). Ela falou que por milhares de anos, astrônomos que vêm estudando o sistema solar perceberam que estes planetas marcham no espaço de uma maneira previsível. O Sol fornece a luz que chega à Terra e permite que haja vida. Por ter luz própria, ele é considerado um astro luminoso (todos os demais astros do sistema solar são astros iluminados). Explicou no quadro sobre os planetas do sistema solar e a representação das órbitas em torno do Sol.

Citou o exemplo: “à noite, quando acendemos a luz de um quarto, temos a impressão de que essa luz chega instantaneamente em todos os pontos do quarto e à nossa vista. Isso porque a velocidade da luz é muito grande (300.000 km/s). Segundo o material didático a luz gasta frações de décimos de milionésimos de segundo para sair da lâmpada, refletir na parede e chegar às nossas vistas. A sua velocidade é tão grande que, para percorrer os 150 milhões de quilômetros que separam a Terra do Sol, a luz gasta apenas 8 minutos; 4,2 anos para percorrer os quase 40 trilhões de quilômetros que nos separam de Próxima Centauro, a estrela mais próxima do Sol, e 100 mil anos para atravessar a nossa galáxia de ponta a ponta.

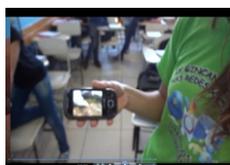
1.2 Descrição de filmagens na sala de aula

Filmei o início da explicação do Sistema Solar e comportamento dos alunos diante de um novo assunto com a presença de um outro professor em sala de aula. A turma no início ficou um pouco acanhada com a minha presença e aos poucos foram esquecendo que eu estava presente (somente os engraçadinhos do fundo levaram mais tempo para entrar no ritmo da aula). Senti também a professora um pouco nervosa no início e, depois de alguns minutos, ela entrou completamente no assunto e foi dominando a turma com questões que os alunos vivenciam no dia-a-dia e não percebem que estes fatores fazem parte de um conjunto de ações físicas e químicas da áreas das ciências (espaço físico, mudanças climáticas, tempo, vida animal e vegetal, etc..). Nesta primeira filmagem pude observar que já existem grupos fixos na turma que serão os futuros grupos de filmagens para os documentários científicos. Na próxima aula a professora irá definir os temas para as filmagens em conjunto com os alunos, será realizado um sorteio dos temas para não ter discussão e nem brigas entre os grupos e após a definição dos grupos e temas, os alunos irão dar início ao levantamento de dados para a filmagem. Ficou definido que os grupos terão no Laboratório de Informática uma aula de Linguagem Audiovisual (cinema, roteiro e produção de vídeo) com as professoras (professora multiplicado tecnológicas) que são responsáveis pelo Laboratório e pela relação dos conteúdos disciplinares com as tecnologias digitais.

Imagens da Aula (imagem foto e fotograma do vídeo)



Fotos das filmagens





UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO

**PEDAGOGIA DA IMAGEM: A AUTORIA NA RELAÇÃO EDUCAR / EDUCANDO PARA
PRODUÇÃO DE VÍDEOS NA ESCOLA**

Área de Concentração: Educação, Cultura e Linguagens
Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologia.
Prof^a. Dr^a. Guaracira Gouvêa
Aluno: Silvio Ronney de Paula Costa

Registro de Atividades no Objeto de Pesquisa

Escola: Municipal Américo Vespúcio

Dia: 13/05/2013

Hora: 14:00 - 15:30

Local: Laboratório de Informática

Professor(a): Janaína Morais (Multiplicadora Tecnológica) do Laboratório de Informática e Priscilla Salles de Ciências

| | |
|---|-----------|
| Atividade: Reunião com a professora do Laboratório de Informática e a Professora de Ciências da turma 600 | Recursos: |
|---|-----------|

Reunião com os professores

A reunião entre as professoras (Laboratório de Informática – Janaína Morasi e Ciências – Priscilla Salles) definiu pontos importantes para o Projeto da Escola “Documentários Científicos: Curta esta idéia”. Ficou definido que as professoras do Laboratório de Informática serão responsáveis pelo ensino da linguagem audiovisual para os alunos de todas as turmas da escola. Os alunos conhecerão os conceitos de imagem e som, cinema e produção de vídeo na escola dentro do laboratório já com os seus grupos de produção. Todos os professores de Ciências são responsáveis em definir os conteúdos dos documentários e seus respectivos grupos de alunos para a realização das produções dos vídeos. Os alunos terão auxílio dos professores do Laboratório de Informática, do Laboratório de Ciências e dos professores de Ciências durante a pré-produção, filmagem e finalização. Foi discutido o processo de autoria do aluno e os professores ratificaram que durante todo processo de produção, filmagem e finalização os alunos terão total liberdade para criar, desenvolver e construir os seus vídeos científicos. Ficou marcado uma nova reunião no Laboratório de Informática para o dia 23/05/13 com os professores Cláudio de Ciências e a professora Elisangela do Laboratório de Informática.

Fotos da Reunião no Laboratório de Informática com a Professora Janaína e Priscilla



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO

**PEDAGOGIA DA IMAGEM: A AUTORIA NA RELAÇÃO EDUCAR / EDUCANDO PARA
PRODUÇÃO DE VÍDEOS NA ESCOLA**

Área de Concentração: Educação, Cultura e Linguagens
Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologia.
Prof^a. Dr^a. Guaracira Gouvêa
Aluno: Silvio Ronney de Paula Costa

Registro de Atividades no Objeto de Pesquisa

Escola: Municipal Américo Vespúcio

Dia: 16/05/13

Hora: 10:00 às 12:00

Local: Sala de aula

Professor(a): Cláudio César Disciplina: Ciências
Supervisor(a): Valéria Vieira
Diretor(a):

Atividade: Divisão da Turma em Grupos para Recursos: Quadro Branco e Livro Didático
Filmagem e escolha dos conteúdos para filmagem

1 – Atividade de Ensino

1.1 Descrição da aula teórica:

O professor Cláudio de Ciências, explicou novamente sobre o Projeto da Escola “Documentários Científicos: Curta esta idéia” e o processo de autoria dos alunos na construção dos vídeos. Os alunos formaram os seus grupos e debateram sobre os conteúdos que serão definidos para o sorteio que será realizado na próxima aula. Como a turma estava muito tumultuada para definição dos grupo, preferi não fotografar e não filmar, visando o bem estar da aula e favorecer um melhor relacionamento com os

grupos de aluno. Acompanhei a definição dos grupos, conversei com os alunos de todos os grupos e novamente informei qual o meu objetivo de estar na sala de aula durante estes meses de abril, maio, junho e julho. O professor dei início ao levantamento dos conteúdos da disciplina e os possíveis temas que serão filmados pelos alunos. Na próxima semana os conteúdos serão definidos e será realizado um sorteio dos temas entre os grupos de aluno.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO

**PEDAGOGIA DA IMAGEM: A AUTORIA NA RELAÇÃO EDUCAR / EDUCANDO PARA
PRODUÇÃO DE VÍDEOS NA ESCOLA**

Área de Concentração: Educação, Cultura e Linguagens
Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologia.
Prof^a. Dr^a. Guaracira Gouvêa
Aluno: Silvio Ronney de Paula Costa

Registro de Atividades no Objeto de Pesquisa

Escola: Municipal Américo Vespúcio

Dia: 23/05/13 Hora: 08h às 12h

Local: Auditório da Escola com a turma 900 e Laboratório de Informática

Professor(a): Cláudio César Disciplina: Ciências
Janaína Morais (Multiplicadora Tecnológica) – Laboratório de Informática
Elisangela (Multiplicadora Tecnológica) – Laboratório de Informática
Supervisor(a):
Diretor(a):

| | |
|--|-----------|
| Atividade: <u>Ensaio para peça Teatral e Formalização dos Grupos para Filmagem</u> | Recursos: |
|--|-----------|

1 – Atividade de Ensino

1.1 Descrição da aula teórica:

O prof. Cláudio iniciou sua aula com a turma no auditório da escola para ensaiar a peça teatral sobre “África no Brasil” e também definir com os alunos os grupos de filmagem e seus respectivos temas. Os alunos foram extremamente participativos durante a peça e mantiveram o mesmo entusiasmo

durante as definições dos temas para as filmagens. Agora os alunos já estão acostumados com a minha presença e estão mais soltos para falar das produções e da mensagem que desejam transmitir. Alguns alunos que produziram antes irão marcar horário no Laboratório de Informática para tirar dúvidas e darem início ao processo de filmagem e edição, os outros marcaram a produção na próxima aula. Ficou agendado para a próxima aula, terça-feira dia 28/05/13, a filmagem dos alunos no estágio de pré-produção e início da produção.

1.2 Destaque da autoria na relação professor/aluno e aluno/aluno

Com esta atividade no auditório da escola, os alunos estavam mais alegres e também abertos para discutir os pontos de aprendizagem que a peça teatral trazia no seu cerne. O professor conduziu o grupo com liberdade, deixando o processo criativo dos alunos emergirem e colocando algumas questões que faziam o grupo de alunos refletirem sobre os conteúdos que eram diretamente ligados à prática teatral. Neste momento os alunos debatiam entre si e muitas vezes refaziam o processo de criação da peça teatral até o grupo aceitar por completo, ou quase todo grupo. Pude perceber que os alunos são críticos mas, ao mesmo tempo, sentem dificuldades em receber críticas. Agora entrando no Projeto “Documentário Científicos: Curta esta idéia”, o professor está delegando aos grupos a confecção dos vídeos e definindo somente os temas centrais e os prazos de entrega. Os alunos estão no processo de organização e levantamento de dados para os temas definidos. Houve muito debate entre os grupos e os alunos estão gostando da idéia de produzir um curta, concorrer com os outros da escola e vislumbram a possibilidade de ganhar prêmios.

2 - Atividade Pedagógica

2.1 Reunião com as Professoras do Laboratório de Informática

Em reunião com as professoras Janaína e Elisângela do Laboratório de Informática sobre o Projeto da Escola Documentários Científico: Curta esta ideia, ficou decidido que todas as turmas terão uma aula no Laboratório de Informática sobre Linguagem Audiovisual e Cinema Documentário. Os alunos terão uma oficina de produção de vídeo e noções de edição não-linear. As professoras falaram que o único problema do Laboratório é o sistema operacional Linux. Um sistema fechado e com pouca leitura de software, sendo também pouco manipulado (utilizado) pelas professoras, devido as mesmas utilizarem um computador portátil com o sistema Windows. Mas elas falaram que os alunos mexem um pouco nas máquinas (realizam as atividades básicas) e que quase todos os trabalhos digitais são realizados fora da escola, ou seja, realizam em casa ou *lan house*. No momento da reunião alguns alunos já estavam agendando o Laboratório de Informática para reunião do grupo e início da produção.

2.1.1 Descrever como a autoria será abordada nos conteúdos pedagógicos e na prática docente

Discutimos sobre o processo de aprendizagem e autoria na realização de materiais digitais e elas falaram que os alunos ficam extremamente interessados pelo fato de poderem produzir e serem autores

de trabalhos que os realizam. Ou seja, eles participam ativamente da sua construção, pesquisa, produção e finalização com os equipamentos digitais, equipamentos estes, que fazem parte do seu cotidiano (fotografia, filmagem, produção de vídeos, acesso a internet e postagem). E segundo elas, os alunos são estimulados a pesquisa e a elaboração de trabalhos que geralmente são apresentados para a turma, e isso, gera neles uma competição saudável para apresentar o melhor trabalho. Os alunos são tratados como um agente ativo no processo de aprendizagem e suas contribuições já fazem parte do cotidiano do Laboratório.

2.2.1 Descrever como a autoria será abordada nos planejamentos pedagógicos e nos Projetos da escola

Os professores das disciplinas e dos Laboratórios estão com um só planejamento pedagógico que visa um melhor relacionamento com os alunos e a construção da autoria no processo de produção dos vídeos documentários científicos, para estimular a criatividade, autonomia, responsabilidade e trabalho em equipe. Esta metodologia ainda encontra resistência na escola e alguns professores ainda seguem o método tradicional, por uma barreira pessoal e tecnológica. Mas mesmo assim, o projeto segue e estes problemas estão sendo discutidos na sala dos professores e serão discutidos na próxima reunião com o grupo de professores de ciências com a Supervisora Pedagógica.

Fotos com a turma 900 no auditório da escola



Reunião no Laboratório de Informática com as professoras Janaína e Elisângela





UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO

**PEDAGOGIA DA IMAGEM: A AUTORIA NA RELAÇÃO EDUCAR / EDUCANDO PARA
PRODUÇÃO DE VÍDEOS NA ESCOLA**

Área de Concentração: Educação, Cultura e Linguagens
Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologia.
Prof.^a Dr.^a Guaracira Gouvêa
Aluno: Silvio Ronney de Paula Costa

Registro de Atividades no Objeto de Pesquisa

Escola: Municipal Américo Vespúcio

Dia: 06/06/2013

Hora: 09:00 - 12:00

Local: Laboratório de Informática

Professor(a):

Disciplina: Ciências

Cláudio César G. Mello, Érica F. Arquejada, Fábio A. Schmid, Moyses Costa, Priscilla Salles

Supervisor(a): Valéria Vieira

Atividade: Reunião com Supervisão Pedagógica e os professores de ciências da escola. Filmagem da aula e produções dos alunos nas aulas dos Professores; Cláudio, Elisângela e Fábio nos laboratórios.

Recursos:

1 – Atividade de Ensino

1.1 Descrição da aula teórica:

No Laboratório de Ciências o Prof. Fábio desenvolveu com os alunos a transformação dos componentes da bactéria para fazer um iogurte. Em três aulas anteriores ele ensinou todo processo que culminou com a produção do iogurte no Laboratório de Ciências, unido alguns alimentos e equipamento para realização do iogurte e degustação com todos os alunos. Alguns alunos irão produzir um vídeo documentário sobre este processo de produção do iogurte na sala de aula e no Laboratório de Ciências. No Laboratório de Informática o Prof. Cláudio em conjunto com a Prof.^a Elisângela ministraram uma aula sobre linguagem audiovisual na produção de vídeos documentários que podem ser realizados no âmbito escolar com a utilização dos Laboratórios de Informática e Ciências. Afirmaram sobre a importância de uma pesquisa com fontes seguras e a construção de um roteiro que guiará o aluno nos passos da pré-produção, filmagem e finalização. A Prof.^a Elisângela exibiu vídeos documentários de ciências que foram postados na internet (youtube) por alunos de outras escolas para que eles observassem a metodologia, a teoria e prática das produções exibidas. Os alunos puderam observar as formas de criação e filmagem aliando os conceitos teóricos da disciplina de

ciências com a prática na realização de experiências, fórmulas e resultados que condizem com os conteúdos aprendidos em sala de aula.

1.2 Destaque da autoria na relação professor/aluno e aluno/aluno

Na aula do Prof. Flávio com a turma 901, realizada no Laboratório de Ciências, houve pouca autoria na relação professor/aluno e aluno/aluno. O professor utiliza uma metodologia tradicional, não dando margem para comentários dos alunos e nem para construção do conhecimento a partir do que foi ensina nas aulas anteriores. Todo processo de produção do iogurte foi realizado pelo professor com poucas participações dos alunos, sem estímulo para que o aluno crie, produza ou experimente as técnicas aprendidas fora do ambiente escolar. Os alunos tinham que responder algumas perguntas sobre o processo de produção do iogurte e observei que poucos tiveram uma boa escrita e muitos estavam com dúvidas simples do processo. Não houve troca entre eles (alunos) e os que sabiam não davam as informações e entregavam rapidamente os seus relatórios.

Na aula da Prof^ª. Elisângela e do Prof. Cláudio com a turma 900, a relação de autoria foi constante. Os professores falaram sobre a importância do trabalho de construção do texto, das imagens dos vídeos. Falaram sobre a plágio (cópia indevida) e a utilização de imagens sem a autorização. Estimularam o trabalho em grupo e o valor que envolve a realização de um produto feito pelos alunos a partir dos conhecimentos aprendidos na escola. Com a aula de hoje (06/06/13), os alunos passaram a ter mais relacionamento e propostas de autoria durante as produções dos textos e rascunhos que dariam início aos roteiros. Eles começaram a divisão de tarefas para a produção dos vídeos e cada aluno passou a ter responsabilidade específica dentro do grupo, com discussões e debates sobre os assuntos que serão abordados, locais de locações de filmagem, personagens, falas, equipamentos de filmagem e edição dos vídeos. Nos grupos, observei que sempre há um líder, ou seja, um aluno que direciona as ações e conduz o grupo de forma harmoniosa, ou não, para realizar a produção do vídeo. Estes alunos líderes possuem um nível de autoria superior aos outros e, em alguns grupos, sufocam os alunos de pouco argumento discursivo. Destaco a relação de autoria da aluna Aghata com os professores e com os alunos do grupo durante todo o processo de construção do tema que o grupo abordará, as discussões sobre as fontes de informação e o relacionamento com os integrantes do grupo. A aluna trouxe o seu próprio computador, mostrou para o grupo as pesquisas que realizou e definiu um rascunho do roteiro com os textos, imagens e personagens. Ouviu do grupo algumas críticas sobre a sua pesquisa e o seu rascunho de roteiro e, em conjunto com o grupo depois de muitas discussões, fez as devidas alterações e finalizou o roteiro para a filmagem que será realizada na próxima semana. Elas falaram que irão se reunir no fim de semana para melhorar o roteiro e buscar mais informações até o dia da filmagem que já foi agendada para a próxima terça-feira.

2 - Atividade Pedagógica

2.1 Reunião com as Professoras do Laboratório de Informática

A reunião foi um pouco tensa devido algumas cobranças da Supervisora Pedagógica Valéria sobre as ações que foram dadas pelos professores referente ao Projeto “Documentários Científicos: curta esta idéia”, que está sendo realizado com todos os professores de Ciências e alunos de todos os anos da escola. Alguns professores alegaram a falta de interesse dos alunos devido ao sistema avaliativo da Rede Municipal de Ensino, ou seja, os alunos já atingiram a pontuação mínima para “passar de ano”, por isso, muitos alunos não têm interesse de realizar outras atividades. Nota-se claramente a falta de desejo do docente em mudar a sua prática e despertar no aluno o conceito de autor e produtor da sua obra. Estes professores (Érica e Fábio) não informaram as turmas sobre o projeto da escola e também escolheram alguns grupos de alunos para realizarem os vídeos, deixando claro, a sua falta de comprometimento com o projeto e com as propostas iniciais acordadas na implementação do projeto. Perdeu-se muito tempo falando sobre os processos de avaliação do município e em alguns momentos eles tentavam justificar os problemas que eles próprios criaram nas reuniões docentes e nos conselhos de classe. Entrando novamente no projeto, a Supervisora Pedagógica, falou sobre o ganho pedagógico dos alunos e dos professores na realização de uma metodologia ligada aos novos recursos tecnológicos, em conjunto com as mídias digitais. Ela despertou um debate sobre uma leitura crítica das mídias e o papel da escola neste cenário, falou sobre o excesso de celulares com internet e a falta de interesse dos alunos na sala de aula. Os professores falaram muito sobre estes assuntos mas, não formularam propostas para resolver estes problemas e observaram que o projeto da escola pode ser um caminho para tentar responder estas perguntas. E neste momento, notei que o projeto estava muito solto e os professores não se sentiram na obrigação da realização do mesmo, mantendo o seu ritmo de aula sem nenhuma comunicação do projeto com os alunos. Notei também, que somente os dois professores que acompanhei nas aulas, foram os únicos que comunicaram para todos os alunos da turma e desenvolveram ações para dar início as produções dos vídeos.

A Supervisora Pedagógica ficou um pouco sem graça com a situação e pediu que todos os professores realmente comunicassem o objetivo do projeto para todos os alunos e buscassem estratégias pedagógicas com os seus conteúdos para despertar nos alunos o interesse pela produção do vídeos. Os professores aceitaram e agora, quase no final do semestre, irão colocar em prático o projeto da escola. Falei um pouco sobre as minhas observações e como é importante o trabalho com a pedagogia da imagem na relação de autoria entre educador e educando, falei um pouco sobre o fácil acesso aos novos aparelhos tecnológicos digitais e a utilização continua dos recursos audiovisuais nos celulares e na internet.

2.1.1 Descrever como a autoria será aborda nos conteúdos pedagógicos e na prática docente

Os conteúdos pedagógicos dos docentes de ciências no primeiro momento possuem pouca autoria dos alunos e geralmente os alunos são autores quando são levados para o Laboratório de Ciências ou no campo prático nas aulas que são ministradas dentro da escola (quadra, horta, cozinha e área externa) ou aula campo. Pude perceber que este processo de autoria depende da estratégia pedagógica de cada

docente e geralmente o docente que possui uma metodologia tradicional conduz suas aulas com pouca autoria. E na reunião, esta análise ficou clara, como também os docentes que estão mais atualizados e utilizam os recursos tecnológicos na sua prática docente com maior relacionamento com os alunos e imbuídos no fazer ciências (fala do Prof. Cláudio) dentro e fora da escola. Percebi também que os conteúdos pedagógicos são pouco trabalhados, devido ao sistema de ensino da rede municipal, que possui um calendário que envolve muitas aulas para o processo avaliativo e, por isso, os alunos ficam envolvidos com este sistema; de provas, testes e recuperações e alguns conteúdos que seriam dados para contextualizar o processo de ensino-aprendizagem ficam perdidos (fala da Profª Priscilla, Prof. Fábio, Prof. Cláudio e Profª. Érica na reunião).

2.2.1 Descrever como a autoria será abordada nos planejamentos pedagógicos e nos Projetos da escola

Na teoria do planejamento pedagógico do projeto a relação de autoria entre o professor/aluno e aluno/aluno é vista durante todo processo de produção do vídeos, mas, na prática poucos docentes estão abordando estes planejamentos e durante a reunião a Supervisora Pedagógica cobrou dos docentes a aplicação das estratégias pedagógicas contidas no projeto e, mais empenho dos mesmos, na relação de autoria entre os docentes e discentes na produção da obra autoral (vídeos documentários científicos). Segundo o Prof. Moyses, autor do projeto, os alunos vivem em um ambiente cada vez mais “virtualizado”, não valorizando ou deixando de lado os conteúdos aprendidos na escola. E este projeto possui um planejamento pedagógico que visa despertar neste aluno os conceitos de autoria ligados as tecnologias digitais no ambiente educacional, envolvendo o docente na sala de aula e os professores que estão no Laboratório de Ciências e de Informática.

A proposta pedagógica possui um foco direto na autoria do aluno e, segundo o Prof. Moyses, visa o desenvolvimento da autonomia e autoria do aluno na produção e construção do vídeo documentário científico com os seus colegas da turma e, no segundo momento, também observar os outros alunos da escola com as suas produções que serão analisadas no Festival de Cinema (que ocorrerá no segundo semestre) para escolher e premiar os dez melhores vídeos que, posteriormente, irão ser postados no youtube, onde o mais votado no site receberá um grande prêmio da escola e o reconhecimento de toda comunidade escolar, parentes e amigos que estiverem acesso a grande rede de computadores.

Fotos aula no Laboratório de Ciências



Fotos aula no Laboratório de Informática



Fotos da exibição de Vídeos Documentários de Ciências



Fotos das Produções e Construções dos Roteiros



Fotos Reunião com os Professores de Ciências e a Supervisora Pedagógica





UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO

**PEDAGOGIA DA IMAGEM: A AUTORIA NA RELAÇÃO EDUCAR / EDUCANDO PARA
PRODUÇÃO DE VÍDEOS NA ESCOLA**

Área de Concentração: Educação, Cultura e Linguagens
Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologia.
Prof^a. Dr^a. Guaracira Gouvêa
Aluno: Silvio Ronney de Paula Costa

Registro de Atividades no Objeto de Pesquisa

Escola: Municipal Américo Vespúcio

Dia: 11/06/2013

Hora: 09:00 - 12:00

Local: Sala de Aula

Professor(a): Cláudio César Guimarães Mello Disciplina: Ciências
Supervisor(a):

Atividade: Filmagem da aula e produções dos alunos na aula do Professor Cláudio. Recursos:

1 – Atividade de Ensino

1.1 Descrição da aula teórica:

Na parte final da aula o Prof. Cláudio auxiliou os alunos no planejamento das produções dos vídeos, tirando dúvidas sobre os aspectos dos conteúdos da disciplina de Ciências (experiências e fórmulas) que irão virar um vídeo documentário científico, seguindo as limitações técnicas dos equipamentos e do conhecimento sobre produção de um vídeo que segue normas e possui um caráter científico. No início, muito alunos estavam com medo de não conseguirem produzir os vídeos e logo após a aula no Laboratório de Informática, realizada na semana passada, eles puderam observar alguns vídeos produzidos por alunos sobre os conteúdos de ciências ministrados na escola. Esta exibição e as orientações sobre Linguagem Audiovisual causaram um mover nos grupos e este mover durou até o final da aula de hoje. Os grupos articularam-se para as suas próprias produções com os matérias que dispunham para realização do roteiro, produção e filmagem. Alguns grupos já realizaram experiências filmadas durante o final de semana passado e, relataram e exibiram o vídeo da produção no celular. A aula foi movimentada como um grande set de gravação.

1.2 Destaque da autoria na relação professor/aluno e aluno/aluno

A relação de autoria esteve em pleno vapor durante a aula e, cada vez mais o Prof. Cláudio, estimulou os alunos para buscar mais informações sobre os assuntos que os filmes irão abordar e os materiais necessários para construção dos mesmos. Ele tirou muitas dúvidas e orientou sobre a ética e direito autoral nas produções. Os alunos estão construindo os textos, produzindo os materiais e dividindo as funções dentro das produções. O espaço dado aos alunos foi muito importante para a construção do saber, aliando teoria e prática no espaço educacional. Notei que todos os grupos possuem um líder e, este aluno, é o grande articulador da autoria da obra, a pesar, da obra ser realizada com um grupo de autores, ou seja, um grupo de alunos. A cada aula os alunos participam mais das produções e solicitei aos grupos que filmassem todos os momentos da produção do vídeo.

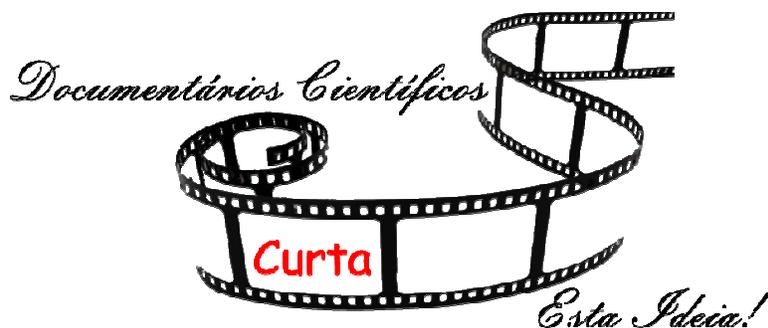
Fotos sala de aula



ANEXOS



PREFEITURA MUNICIPAL DE CABO FRIO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
ESCOLA MUNICIPAL AMÉRICO VESPÚCIO



PROF. Msc. Moyses Costa

Cabo Frio
Fevereiro de 2013

JUSTIFICATIVA

As novas tecnologias podem ser usadas para tornar a aprendizagem mais atraente. E por que não, mais divertida? O uso de celulares, câmeras, tablets, notebooks entre outros aparelhos pelos alunos, é bastante comum nos dias de hoje. Promover atividades que possam direcionar o uso desses aparelhos para a pesquisa e a produção de conhecimento pelos alunos pode contribuir para uma aprendizagem mais significativa e contextualizada de determinados conteúdos. Além disso, se tal atividade possibilita a escolha, por parte do aluno, de um determinado tema a ser pesquisado, pode estimular a sua autonomia e a sua percepção de que é possível aprender a aprender.

OBJETIVOS

- Produzir documentários científicos cujos autores serão os alunos
- Despertar o interesse pela ciência
- Estimular autonomia do aluno na busca e na produção de conhecimentos.

REALIZAÇÃO

- Apresentação dos projetos aos alunos.
- Os alunos que participarão do projeto serão inscritos em formulário próprio para este fim.
- Para a produção do documentário, cada turma deve ser dividida em quatro grupos com no máximo 10 alunos.
- A produção do documentário, incluindo a escolha do tema é da inteira responsabilidade dos grupos. Cabe ao professor de cada turma apenas o trabalho de orientar e mediar o processo.
- Em relação à escolha do tema, haverá apenas uma restrição. Ele deve estar relacionado ao conteúdo do ano que os alunos estão cursando.

- Os documentários terão duração mínima de 5 minutos e máxima de 15 min.
- Será de responsabilidade dos autores a edição do filme. Caso tenham dificuldades para realizá-la, solicitaremos a ajuda do Laboratório de Informática.
- Antes de serem exibidos os documentários serão assistidos pelos organizadores do projeto.
- O documentário não poderá conter imagens ou opiniões que venham a ferir os princípios éticos e morais da sociedade brasileira, respeitando-se o direito alheio, segundo prescreve as leis brasileiras.
- Em caso de desrespeito ao item anterior o filme não será inscrito no festival, cabendo aos produtores do filme às sanções previstas no Regimento Escolar Interno.
- A escola organizará um pequeno festival de cinema para a exibição dos documentários.
- Um corpo de jurados escolherá os 10 melhores filmes, os quais serão postados no **Youtube**.
- O vídeo mais acessado em um período de um mês será considerado o vencedor do festival.

AVALIAÇÃO

Os professores poderão utilizar a produção do documentário como um instrumento de avaliação.

PREMIAÇÃO

Os grupos participantes do projeto receberão um certificado de participação.
Os dez melhores trabalhos serão premiados.
O vencedor do festival receberá um prêmio especial.

CRONOGRAMA

| | |
|-----------------------------|--|
| Apresentação do Projeto | Fevereiro e março |
| Período de Inscrição | Abril |
| Produção dos Documentários | De maio a agosto |
| Avaliação dos Documentários | Setembro |
| Festival de cinema da EMAV | 1º quinzena de Outubro |
| Postagem no Youtube | 2º quinzena de outubro a 1º quinzena de novembro |
| Premiação | 2ºquinzena de novembro |



Moyeses Costa